

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS CAMPUS DE FRANCA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ARIEL GARCIA CORRÊA**

**AS PERSPECTIVAS ELABORADAS POR DIÃO CÁSSIO E HERODIANO SOBRE  
AS PRÁTICAS POLÍTICO-CULTURAIS DO IMPERADOR HELIOGÁBALO (SÉC. III  
D.C.)**

**FRANCA  
2019**

**ARIEL GARCIA CORRÊA**

**AS PERSPECTIVAS ELABORADAS POR DIÃO CÁSSIO E HERODIANO SOBRE  
AS PRÁTICAS POLÍTICO-CULTURAIS DO IMPERADOR HELIOGÁBALO (SÉC. III  
D.C.)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP/Franca.

Orientação: Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho.

**FRANCA  
2019**

C824p

Corrêa, Ariel Garcia

AS PERSPECTIVAS ELABORADAS POR DIÃO  
CÁSSIO E HERODIANO SOBRE AS PRÁTICAS  
POLÍTICO-CULTURAIS DO IMPERADOR  
HELIOGÁBALO (SÉC. III D.C.) / Ariel Garcia Corrêa.  
-- Franca, 2019

147 f. : fotos, mapas + 1 CD-ROM

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual  
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e  
Sociais, Franca

Orientadora: Margarida Maria de Carvalho

1. Império Romano. 2. Dinastia dos Severos.
3. Imperador Heliogábalos. 4. Práticas administrativas.
5. Damnatio memoriae

**ARIEL GARCIA CORRÊA**

**AS PERSPECTIVAS ELABORADAS POR DIÃO CÁSSIO E HERODIANO SOBRE  
AS PRÁTICAS POLÍTICO-CULTURAIS DO IMPERADOR HELIOGÁBALO (SÉC. III  
D.C.)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Cultura Política.

Orientadora: Profa.Dra.Margarida Maria de Carvalho

**BANCA EXAMINADORA**

Presidente: \_\_\_\_\_  
Profa.Dra. Margarida Maria de Carvalho / Unesp – Franca

1ºExaminador: \_\_\_\_\_

2º Examinador: \_\_\_\_\_

Franca, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019



Meu primeiro agradecimento é a doutora Margarida Maria de Carvalho, que me ensinou e me orientou no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também à doutora Natália Frazão José, que me ajudou com seus conselhos e resolveu várias de minhas questões técnicas. Do mesmo modo, meu trabalho foi refinado e enriquecido pela análise detalhada feita pela doutora Ana Teresa Marquês Gonçalves.

Também é necessário reconhecer as observações da Doutora Érica C. M. da Silva nos primeiros capítulos deste trabalho.

Além disso, apreciei os comentários e conselhos de todos os colegas historiadores que participaram dos seminários de pesquisa e também dos eventos brasileiros da história antiga.

Agradeço também aos professores que me deram aulas na pós-graduação, aos funcionários da universidade e ao coordenador do programa de pós-graduação da Universidade Júlio de Mesquita Filho.

Finalmente, sou grato à minha família pelo apoio e ajuda financeira para a realização desta dissertação.

GARCIA CORRÊA, ARIEL. **AS PERSPECTIVAS ELABORADAS POR DIÃO CÁSSIO E HERODIANO SOBRE AS PRÁTICAS POLÍTICO-CULTURAIS DO IMPERADOR HELIOGÁBALO (SÉC. III D.C.)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2019.

### RESUMO

A dinastia dos Severos foi a primeira de origem africana e semítica no Império Romano. Tal dinastia teve início no final do século II d.C. com a conquista do Principado por Septímio Severo, o qual foi sucedido por Caracala, Macrino, Heliogábalos e Severo Alexandre, respectivamente. Dentre os governantes da Dinastia Severa, destacamos o jovem Heliogábalos, proveniente da Síria. Trata-se de um imperador romano que foi muito criticado por autores como Dião Cássio, um senador romano, e Herodiano, que era associado à aristocracia imperial, de modo que a partir das críticas feitas por esses dois autores podemos perceber uma grande resistência às inovações introduzidas por Heliogábalos no campo político-administrativo, sobretudo devido à influência do *mos maiorum* sobre os modelos de análise de Dião Cássio e Herodiano. Uma dessas inovações realizadas pelo imperador foi a concessão de cargos administrativos a artistas da parte oriental do Império. Assim, com base na leitura da documentação, pensamos que para Heliogábalos não era um problema nomear artistas em cargos administrativos, já que ele mesmo se considerava um artista e ocupava o cargo de imperador. Heliogábalos apenas reproduziu, como imperador romano, as práticas culturais que executava na cidade de Emesa, na Síria, onde ocupava o posto de sacerdote antes de se tornar o *Princeps*. Objetivamos, portanto, compreender a confluência cultural entre a parte oriental e ocidental do Império Romano e como, por meio dela, se abre uma brecha para que sejam possíveis as mudanças administrativas de Heliogábalos, que sofrem resistência da parcela mais conservadora dos senadores romanos, representada pelo senador Dião Cássio e Herodiano, um aristocrata oriental e aliado do senado romano.

**Palavras-chave:** Império Romano. Dinastia dos Severos. Imperador Heliogábalos. Práticas administrativas. *Damnatio memoriae*.

GARCIA CORRÊA, ARIEL. **The perspectives elaborated by Cassius Dio and Herodian about the political-cultural practices of the emperor Elagabalus (3 A.D).** Dissertation (Master in History) - University of Humanities and Social Sciences, State University "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2019.

## SUMMARY

The Severan Dynasty was the first of an African and Eastern origin in the Roman Empire. This dynasty has its origin in the end of the century 2 A.D with the conquest of the principate by Septimius Severus, who was succeeded by Caracalla, Macrinus, Elagabalus and Severus Alexander, respectively. Between the rulers of the Severan dynasty we highlight the young Elagabalus, who came from Syria. It is a Roman Emperor who was very criticized by authors like Cassius Dio, a Roman senator, and Herodian, who was associated with the imperial aristocracy, in a way that with the critics made by these two authors we can realize a great resistance to the innovations introduced by Elagabalus in the administrative-political field, above all by the influence of *mos maiorum* in the analysis models of Cassius Dio and Herodian. One of those innovations realized by the emperor was the concession of administrative posts to artists of the eastern part of the empire. Thus, with base on the lecture of documentation, we think that for Elagabalus it was not a problem to name artists in administrative posts, because he considered himself an artist who occupied the post of emperor. Elagabalus only has reproduced, as a Roman Emperor, the cultural practices that he has executed in the city of Emesa, in Syria, where he occupied the post of priest before and became the *Princeps*. We have, therefore, like objective, understand the cultural confluence between the eastern and western parts of the Roman Empire and how, by means of that, a gap opens to make possible the administrative changes of Elagabalus, that suffers resistance from the more conservative portion of the Roman senators, represented by the senator Cassius Dio and Herodian, an eastern aristocrat and ally of the Roman Senate.

**Keywords:** Roman Empire. Severan dynasty. Emperor Elagabalus. Administrative practices. *Damnatio memoriae*.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1 A RESPEITO DAS OBRAS DE DIÃO CÁSSIO E HERODIANO E A HISTORIOGRAFIA SOBRE O IMPERADOR HELIOGÁBALO</b> .....	23
1.1 O senador romano Dião Cássio e sua obra .....	24
1.2 Herodiano e sua história do Império Romano depois de Marco Aurélio .....	34
1.3 A historiografia sobre Heliogábalos .....	38
<b>CAPÍTULO 2 CONFLUÊNCIA E RESISTÊNCIA CULTURAL NO IMPÉRIO ROMANO (DA FUNDAÇÃO DE ROMA AO SÉCULO III D.C)</b> .....	60
2.1 A confluência cultural nos primórdios de Roma e na República .....	61
2.2 Confluência cultural no Principado Romano .....	66
2.3 Confluência e resistência cultural: a província romana da Síria .....	70
2.4 A dinastia Severa: confluência e resistência cultural entre imperadores e senadores .....	77
<b>CAPÍTULO 3 HELIOGÁBALO SOB AS PERSPECTIVAS DE DIÃO CÁSSIO E HERODIANO</b> .....	99
3.1 Considerações preliminares .....	100
3.2 O principado de Heliogábalos .....	106
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	131
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	134
<b>ANEXOS</b> .....	144

# INTRODUÇÃO



## INTRODUÇÃO

O interesse por pesquisar o governo do imperador romano Heliogábalo se desenvolveu a partir da relevância dos estudos que, nas últimas décadas, vêm sendo desenvolvidos sobre os imperadores romanos condenados pelo senado. Entre os vários governantes condenados podemos citar Calígula e Nero, que ficaram marcados no imaginário popular como déspotas desequilibrados. As florescentes análises acadêmicas sobre a configuração política e a complexidade das relações públicas entre imperador e o senado romano estimularam nossa dedicação pelos estudos sobre esse jogo político, que desencadeava a divinização ou condenação do príncipe após a sua morte. Essa condenação consistia no derretimento das moedas com a efígie do imperador, destruição das suas imagens em pinturas, estátuas e inscrições epigráficas em que era mencionado.

Enquanto amadurecíamos nossas intenções para realizar uma pesquisa sobre principado romano, fomos estimulados por leituras de obras como *Caligula: a biography*, do pesquisador alemão Aloys Winterling. Trabalho pioneiro na reformulação e desconstrução das acusações feitas pelos documentos ao imperador romano Calígula, que sofreu a condenação de sua memória pelo senado. Em seu livro, Winterling criticou a acusação feita pelas fontes da antiguidade, que afirmavam que Calígula era louco. Para fortalecer a sua hipótese de que na verdade o imperador não era insano, o autor descreveu uma cronologia de acontecimentos que delimitavam os atritos que ocorreram no jogo político entre o *princeps* e o senado romano e que explicaram a sua condenação.

Motivados por esse interesse, e através de leituras de várias fontes documentais da antiguidade clássica durante a graduação, resolvemos por selecionar a obra *Historia Romana*, do senador romano Dião Cássio, e *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, de Herodiano. Ao percebermos que os dois autores viveram e escreveram suas obras no século III d.C., decidimos trabalhar com os dois documentos ao mesmo tempo e com as descrições que ambos fizeram sobre Heliogábalo, imperador que viveu no mesmo século que os autores. Em seguida à realização da escolha dos documentos, formulamos um projeto que propunha analisar as perspectivas de Dião Cássio e Herodiano sobre as práticas

político-culturais do imperador Heliogábalo, e a partir desse projeto se desenvolveu esta dissertação.

Houve um cuidado em relação à escolha do material e às traduções dos documentos a serem trabalhados, visando um melhor desempenho de nossa pesquisa, que se construiu a partir do confronto entre a documentação e o material historiográfico específico. Os documentos utilizados na pesquisa consistem no livro V de *História do Império Romano depois de Marco Aurélio*, de Herodiano, e LXXX da *História Romana*, de Dião Cássio.

Para realizar a pesquisa, decidimos usar uma edição bilíngue em grego e inglês da obra de Dião Cássio, traduzida por Earnest Cary, da editora Loeb Classical Library, impressa primeiramente no ano de 1914 e posteriormente em 1927. Para fins comparativos, recorreremos também à tradução mais antiga da obra de Dião Cássio para a língua inglesa, de Herbert Baldwin Foster, datada no ano de 1906. Em relação à obra de Herodiano, fizemos uso de duas edições, uma em espanhol, traduzida por Juan J. Torres Esbarranch, da editora Gredos, de 1985, e outra em inglês, traduzida por C. R. Whittaker, da editora Loeb Classical Library, de 1961. Por fim, para analisarmos diferentes traduções usaremos também a versão de Herodiano em italiano, de Pietro Manzi, de 1821, no que diz respeito somente ao livro V, qual seja, o do principado de Heliogábalo.

Em relação à análise dos documentos que escolhemos trabalhar, é importante avaliar quem eram os autores e quais foram suas motivações para elaborarem suas críticas ao comportamento do príncipe. Tendo em vista que a maior parte dos documentos da antiguidade clássica é associada aos grupos aristocráticos que detinham o poder, é lícito constatar que a escrita da história era construída por eles, como recorda Keith Jenkins (JENKINS, 2007, p. 23-31). Esses grupos, como aponta Roger Chartier, moldavam o relato histórico criando representações da realidade (CHARTIER, 2002, p. 13-28). Em nossa pesquisa trabalharemos a representação construída pela aristocracia senatorial romana, por meio das obras de Dião Cássio e Herodiano, da conduta política e cultural do imperador Heliogábalo. Desse modo, executaremos a desconstrução das representações que a aristocracia fez de Heliogábalo, tendo em consideração a sua parcialidade.

A nossa convicção de que cultura e política estão inevitavelmente

interligadas no mundo romano despertou o interesse em estudar a condenação da memória de Heliogábalo. A relevância dessa simbiose político-cultural é constatada durante a dinastia Severa, num período em que havia uma grande confluência cultural através das regiões do império. Já que se trata de uma dinastia africana e síria, constatamos que inovações político-culturais muito importantes foram realizadas durante o período em que essa família esteve no poder (193-235 d.C). As mudanças e renegociações culturais dependeram, e muito, das relações políticas entre imperador e o senado romano. Dessas relações é que se estabeleceram as alterações, as resistências, as divinações e as condenações.

Assim, em nossa pesquisa, propomos constatar que havia um dinamismo entre confluência e resistência cultural no período em que viveu Heliogábalo. Também pretendemos demonstrar que o imperador criou uma nova ordem dentro da política romana, nomeando artistas em postos administrativos. Acreditamos que essas mudanças administrativas estavam relacionadas à emergência político-cultural da província romana da Síria no Império. Objetivamos também verificar que as críticas elaboradas pelos autores dos documentos estudados eram influenciadas pela resistência senatorial às práticas culturais e político-administrativas do imperador e que, no caso de Dião Cássio, o fato de não ter sido promovido a um cargo mais elevado que o de supervisor de finanças durante o principado de Heliogábalo provavelmente contribuiu para a elaboração de suas críticas que condenavam o imperador.

Nas obras de Herodiano e Dião Cássio podemos encontrar inúmeras críticas depreciativas a Heliogábalo. Entretanto, Herodiano, em alguns momentos, elogia o *princeps* e suas músicas ritualísticas, sua aparência física e suas joias. Observando os pontos que se assemelham e os que divergem nas duas narrativas, mostra-se necessário estudar o contexto histórico em que esses dois autores se inserem, a fim de verificar as implicações do conteúdo relacionado a Heliogábalo e suas práticas. Sabemos, como afirma Paloma Aguado Garcia (2003, p. 351), que o imperador Bassiano, mais conhecido como Caracala, havia concedido a cidadania romana a todos os habitantes livres do Império<sup>1</sup> poucos anos antes da ascensão de Heliogábalo. A partir disso, pretendemos analisar como esse fator levou à

---

<sup>1</sup> 212 d.C.



intensificação da confluência cultural no Império Romano, que, entretanto, sofreu resistência em alguns aspectos por parte da aristocracia senatorial.

É importante destacar também que os autores Dião Cássio e Herodiano se utilizaram dos princípios do *mos maiorum*, baseados em um princípio de romanidade, para criticar as práticas político-culturais e administrativas de Heliogábalo.

Os princípios do *mos maiorum* influenciaram nas críticas elaboradas nos documentos sob enfoque, porém trabalharemos com o conceito de que as tradições eram dinâmicas e que o imperador estava em um período histórico cujo dinamismo cultural abria uma brecha para suas práticas político-culturais, supostamente, inovadoras. Contudo, mesmo existindo essa confluência cultural no terceiro século, pretendemos demonstrar a resistência de grupos dentro do Império em relação a determinados aspectos dessa confluência, e que a essa resistência se associam as críticas de Dião Cássio e Herodiano a Heliogábalo.

A fim de explorarmos as consequências dessas renegociações político-culturais, faremos uso do conceito de hibridização de Peter Burke (BURKE, 2003, p. 52-53), que pode ser exemplificado pela mistura cultural que ocorria entre o culto cívico imperial, o culto ao imperador, o panteão dos deuses romanos tradicionais e as práticas religiosas dos povos nativos das províncias romanas. Além disso, também empregaremos a ideia de creolização, apresentada por Jane Webster, que representa esse processo de mesclagem de práticas religiosas nas diversas regiões do Império (WEBSTER, 2001, p. 209).

A confluência e a resistência cultural no Império Romano podem ser observadas, no decorrer do tempo, como uma renegociação entre as práticas culturais que eram lícitas e as que eram ilícitas. Para melhor trabalharmos essa mudança cultural no mundo romano aplicaremos o conceito de dinâmica na tradição, elaborado por Jan Assmann. Esse conceito se caracteriza pelo dinamismo entre duas formulações: uma delas é a memória comunicativa, que é oral e que pode ser representada em nossa pesquisa nas práticas culturais híbridas existentes pelas regiões do Império Romano; a outra formulação é a memória cultural, que é representada pelos documentos escritos, e que relacionaremos ao conceito de *mos maiorum* que a aristocracia usa para condenar as práticas de Heliogábalo (ASSMANN, 2008, p. 109-118).

No desenvolvimento de nosso trabalho, objetivamos desconstruir as acusações que denigrem Heliogábalo, elaboradas por Dião Cássio e Herodiano, fazendo uma análise do comportamento administrativo do imperador e das consequências de suas ações políticas nas relações do príncipe com o senado, resultando assim no seu assassinato e em sua *damnatio memoriae*. Pretendemos demonstrar que as acusações feitas contra Heliogábalo e suas práticas culturais foram motivadas principalmente por questões políticas. Essa hipótese será desenvolvida principalmente através da análise do mundo romano daquele período e das manobras políticas efetuadas pelos seus antecessores da linhagem Severa: Septímio Severo e Caracala.

Em meio a uma guerra civil, no final do segundo século, uma nova dinastia tomava o poder no mundo romano. O primeiro imperador desta dinastia se chamava Septímio Severo. Ele nasceu, conta Anthony Birley, no ano de 145 d.C. no norte da África, em uma antiga colônia púnica. Décadas mais tarde, após ocupar diversos cargos públicos, conquistou o principado romano, vencendo seus oponentes Didio Juliano, Piscênio Nigro e Clódio Albino. Segundo Inge Mennen, Severo descendia da aristocracia municipal de Lepcis Magna (MENNEN, p.23). Apesar da origem africana de Severo, Brian Campbell<sup>2</sup> afirma que o imperador era bem versado na cultura greco-romana e interessava-se no estudo da filosofia e das leis, ou seja, ele tinha assimilado em si mesmo o *ethos* das elites romanas (CAMPBELL, 2008, p.3).

Segundo nos menciona Eric Voegelin (2012, p.252-253), Septímio Severo declarou sua adoção pela dinastia anterior, os Antoninos, porque essa família constituía-se de imperadores divinizados, da qual desejava ser descendente. De acordo com Ana Teresa Marques Gonçalves, Septímio Severo queria propagar a imagem de sucessor da dinastia dos Antoninos pelo motivo de que esse vínculo daria a ele a força política de que necessitava e, ao mesmo tempo, facilitaria o apoio dos senadores e dos soldados. Outro motivo de Severo procurar legitimidade por meio da associação de sua família à dos Antoninos é a de que ele havia executado mudanças administrativas no meio militar, desagradando os senadores e aristocratas (GONÇALVES, 2013, p. 17-31, 80-90). Elio Lo Cascio recorda que

---

2 BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil. **The Cambridge Ancient History – Vol. XII: The Crisis of Empire, a.d. 193–337**. Cambridge University Press, 2008.p.1-27.

mudanças foram instituídas no comando das legiões, que passaram então a não mais serem conduzidas pelos senadores com o título de *legati* mas sim pelos *praefecti*, que vinham da ordem equestre. Além do mais, não havia um meio constitucional de legitimar a sucessão imperial, e por isso a preocupação de Severo em estabelecer esse vínculo com os Antoninos (LO CASCIO, 2008, p.138-141).

Do mesmo modo, nesse período inovações foram instituídas no âmbito cultural: Mary Beard, John North e Simon Price recordam que Severo ordenou a construção do segundo maior templo feito em Roma a Líber e a Hércules. As particularidades do culto executado nesse templo sofreram influência de como este era realizado em *Lepcis Magna*, terra natal de Severo (BEARD; NORTH; PRICE, 1996, p. 255). Isso evidencia a confluência cultural, que parece ter sido fortemente marcante nessa dinastia<sup>3</sup>.

Após um principado caracterizado por muitos conflitos militares, Septímio Severo veio a falecer em meio a uma campanha contra os bárbaros rebeldes da Britânia.

Seu filho, Caracala, cujo nome original era Bassiano, era fruto do casamento de Severo com a filha do sacerdote de Emesa, na Síria. De acordo com Bouchier, Severo atuou na Síria como legado da IV Legião em 179 d.C. e, durante sua estadia na Síria, ficou sabendo por meio do oráculo que quem se casasse com a filha mais velha de Julio Bassiano, o sacerdote do deus Elagabal em Emesa, poderia vir a se tornar um rei. Isso atraiu Severo e despertou nele o interesse em desposá-la, mesmo ela sendo muito mais jovem, tendo as cerimônias de núpcias ocorrido apenas alguns anos depois (BOUCHIER, 1916, p.91). A filha do sacerdote se chamava Júlia Domna, uma síria que passou a ser a imperatriz. Assim sendo, tendo um africano como pai e uma síria como mãe, Caracala assumiu o principado em 211 d.C., em conjunto com seu irmão Geta, que seria depois assassinado.

Em consonância com a ascendência africana e síria de Caracala, Paloma Aguado Garcia (2003, p. 53-73) explana como foram implantados cultos orientais durante o principado, tais como os cultos a Esculápio, Serápis, à Lua e ao Sol. Além disso, Caracala igualmente ordenou a construção de um templo a Serápis.

---

<sup>3</sup> Essa confluência cultural não estava isenta de resistência por determinados grupos dentro do Império Romano.



Além dos cultos do Oriente introduzidos no Império, Gonçalves (2013, p.8) recorda que desde o início da dinastia Severa 43% dos senadores eram itálicos e 57% eram originários das províncias. Destes últimos 57% vinham de províncias orientais. Esse aumento significativo de orientais entre os magistrados, dos quais muitos eram sírios, demonstra a emergência político-cultural da Síria no império durante o período em que os Severos governaram.

Herodiano viveu no mesmo período da dinastia Severa, no século III d.C., e foi o autor de um dos documentos que serve de referência para o nosso trabalho de pesquisa, qual seja: a *Historia do Império Romano*. Nesta obra, Herodiano narra que Caracala procurou restaurar a memória de Alexandre Magno:

Depois de concluir sua missão no exército no Danúbio e descer até Trácia, território vizinho da Macedônia, de repente se converteu em um novo Alexandre. Por todos os meios restaurou sua memória, e mandou que em todas as cidades se pusessem suas imagens e estátuas; inclusive encheu o Capitólio e outros templos de Roma com aquelas estátuas e pinturas que destacavam sua semelhança com Alexandre. Em alguns sítios pudemos ver imagens ridículas, em que se representava um corpo com duas metades de rosto em torno de uma só cabeça: uma era de Alexandre e a outra era de Antonino. E ele mesmo se apresentava vestido ao modo macedônico, com a causia em sua cabeça e as crépidas como calçado. Formou umas tropas de elite com jovens escolhidos e as chamou de falange macedônica; e ordenou que seus chefes tomassem os nomes dos generais de Alexandre. Também mandou buscar jovens de Esparta e lhes deu o nome de coorte lacônia de Pitana (*Herodiano.*, IV, 8.1-8.3).

Esse relato ajuda a compreender a identificação do príncipe com Alexandre, que, segundo nos conta Gonçalves (2013, p.186-187), estava relacionada ao intercâmbio entre Oriente e Ocidente, florescente naquele período, através das regiões do Império. Já que o Império Macedônico é caracterizado pela dominação ocidental e oriental por um único imperador, Caracala, ao tentar imitar Alexandre, buscou engrandecer sua imagem pública, diz a autora (GONÇALVES, p.187).

Juntamente a esse intercâmbio cultural que havia no Império, o sentimento religioso e o interesse por práticas culturais africanas e orientais parece ter sido recorrente na mentalidade dos membros da dinastia Severa. Caracala, que acreditava em previsões astrológicas, consultava um astrólogo particular, o qual enviou a ele uma mensagem o incitando a executar o prefeito do pretório, chamado Macrino, pois este oferecia risco à sua vida. Porém, Macrino leu primeiro a mensagem e arquitetou a morte de Caracala (*Herodiano.*, IV, 12.4-12.6; 13.1-13.2).

Com a morte de Caracala, Macrino assumiu o principado romano em 217 d.C., contudo foi destronado já no ano seguinte, o que ocorreu, de acordo com J. Stuart Hay (1911, p. 47), devido à insatisfação dos militares com a sua liderança, dado que Macrino impôs a eles várias restrições.

A mãe de Caracala, Júlia Domna, tinha uma irmã chamada Júlia Maesa, e esta tinha duas filhas, Júlia Mamea e Júlia Soemia, que por sua vez tiveram um filho cada, Alexiano, filho de Mamea, e Bassiano, filho de Soemia. Parte das facções militares se colocou ao lado de Maesa e nomeou Bassiano como imperador, derrotando Macrino nas batalhas ocorridas em Antioquia, como nos mostra Barbara Levick (2007, p. 145). O mais velho dos dois jovens netos de Maesa, Bassiano, com quatorze anos de idade, tornou-se, desse modo, imperador de Roma em 218 d.C., como descreve Hay (1911, p. 78).

Bassiano ficou conhecido posteriormente pelo nome de Heliogábalo, que provém da versão grega *Heliogabalus* nos conta Birley (2002, p. 71). O nome original dessa deidade semítica era *El-Gabal*. *El* significa Deus, e *Gabal* é interpretado como pedra. O jovem imperador havia sido instruído em sua infância para ser sacerdote e cultuar um deus regional de Emesa, na Síria, chamado Elagabal. Dessa forma, Heliogábalo, em meio às suas atividades de sacerdote, dançava e usava roupas sacerdotais e joias. A respeito do que explicaremos em seguida sobre as inovações administrativas realizadas pelo imperador Heliogábalo, no cenário político romano, queremos enfatizar que as funções sacerdotais que ele exercia em Emesa possuíam características artísticas.

Em relação à província romana da Síria, terra natal de Heliogábalo, Bouchier (1916, p. 14-17) descreve que os romanos costumavam identificar os sírios como tocadores de flauta e harpa, praticantes de ilusionismo, mímicos e bobos da corte. Desde 64 a.C., com a sua anexação pelo Império Romano, ocorreu, em muitos aspectos, um intercâmbio com a cultura da região ocidental do Império, exemplificado no uso da moeda, do calendário e das formas de pesagem e de medição romanas. Concordando com Bouchier, Lidewijde de Jong (2007, p. 2-20) afirma que a anexação romana da Síria deixou nesta sociedade provincial marcas profundas no que diz respeito a economia, política, agricultura, arquitetura, cultura urbana, inscrições e padrões funerários. Esse intercâmbio cultural pode ser

observado, segundo Maurice Sartre (2008, p. 652), em várias cidades síriacas, em que havia marcas da cultura greco-romana, com anfiteatros, lutas de gladiadores e jogos, ainda que isso se diversificasse de acordo com a região ou a cidade (SARTRE, 2008, p. 653-656).

Heliogábalo, como já se destacou, era um sacerdote da Síria romana, uma província que, a despeito de seu intercâmbio cultural com Roma, ainda mantinha atritos nesse aspecto dentro do Império Romano principalmente em alguns pontos de sua hibridização. Conseqüentemente, quando Heliogábalo assumiu o principado romano continuou a praticar o culto ao deus *El Gabal* e a se vestir como um sacerdote sírio, de acordo com o meio em que havia sido educado.

Nesse sentido, a visão estereotipada da historiografia em relação às características do imperador pode ser exemplificada com a opinião de Hay (1911, p. 51), isto é, quando o autor descreve que desde o primeiro momento em que aparece em cena, Heliogábalo tem sempre mesma imagem: impulsivo, entusiástico e místico. Trata-se de uma visão que procuramos, sob alguns aspectos, discutir.

A historiografia sobre Heliogábalo tendeu até hoje a concordar com as críticas depreciativas feitas ao imperador por Herodiano e pelo senador romano Dião Cássio, autor de *Historia Romana*, outro documento a que nos propomos investigar. Tal crítica depreciativa pode ser observada, por exemplo, na afirmação de Martijn Icks (ICKS, 2007, p. 111) de que o deus Elagabal teria sido a primeira divindade a desafiar a hegemonia de Júpiter no panteão religioso romano. Concordando com Icks, Michael Sommer acusa Heliogábalo de incorporar a antítese da *Paideia*, que era a estrutura cultural da aristocracia romana (SOMMER, 2013, p. 345). Contudo, segundo Garth Fowden (2008, p. 555), o desejo maior de Heliogábalo era o de privilegiar o seu próprio deus, o que não significava necessariamente negar os outros.

Beard, North e Price afirmam que, para Dião Cássio, o mais ofensivo nas inovações religiosas instauradas por Heliogábalo não era o aspecto estrangeiro do deus, e nem os aspectos estranhos do culto, mas o fato do deus ter sido colocado à frente do panteão romano, acima do próprio Júpiter, e ter sido invocado antes dos outros deuses em todos os sacrifícios públicos, além do imperador ser o sacerdote desse deus. Não poderia haver maior inversão da associação que Augusto havia



criado entre o poder imperial e a religião oficial, afirmam Beard, North e Price (BEARD; NORTH; PRICE, 1996, p.256).

Dião Cássio pertencia a uma família de senadores e é sabido que durante a maior parte do principado de Heliogábalo serviu como *curator* (supervisor de finanças) em *Pergamum* e *Smyrna*, de 218 a 221 d.C., segundo nos conta Jesse Drew Harrington (1977, p. 159).

Juan J. Torres Esbarranch explica, por outro lado, que a obra de Herodiano, o autor de *História do Império Romano*, é marcada pela influência que ele sofria das aspirações moralistas de famílias senatoriais, já que Herodiano estava relacionado a elas (TORRES ESBARRANCH, 1985, p. 50-59).

Herodiano (*Hist.*, V, 5.3-5.5) nos conta que Heliogábalo se vestia de forma bárbara<sup>4</sup>, com tecidos de púrpura e ouro, e usava também uma coroa de ouro, colares e braceletes. Heliogábalo não gostava de usar as vestimentas romanas tradicionais, porque eram feitas de lã. A indumentária tradicional usada pela aristocracia senatorial e pelo imperador romano geralmente era a toga, o que demarcava sua posição de *nobiles*, como descreve Peter Brown (2009, p. 247). Heliogábalo, por outro lado, não era adepto da toga tradicional.

Em sua narrativa, Dião Cássio faz uma descrição das práticas religiosas do imperador, na qual parece enfatizar aspectos que estavam em conflito com os princípios do *mos maiorum*:

Eu não vou descrever os cantos bárbaros com que Sardanapalus, juntamente com sua mãe e sua avó, cantavam à Elagabal, ou os sacrifícios secretos que eram oferecidos a ele, matando garotos e usando encantamentos, e efetivamente fechando vivos no templo do deus um leão, um macaco, e uma cobra, e jogando em meio a eles genitais humanos, e praticando outros rituais profanos, enquanto ele invariavelmente usava inúmeros amuletos. (*Dião Cássio*, LXXX, 11)

A essa descrição podemos associar os métodos da aristocracia senatorial de controle da conduta religiosa, e um atrito com o conceito idealizado da *religio*, que, segundo Jill Mitchell (2014, p. 42-43), consistia, para os romanos, na forma apropriada de veneração aos deuses.

Dião Cássio rotula o imperador de efeminado, afirmando que ele pintava os olhos, era circuncidado, se prostituía imitando uma mulher e, além disso, desejava

---

<sup>4</sup> Bárbaro era como os gregos e aristocratas romanos descreviam os povos estrangeiros: o termo deriva-se da palavra grega *βάρβαρος* (aqueles que falam em um idioma estrangeiro).

cortar fora seus órgãos genitais (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1-11.2; 13.2- 13.4; 14.4). Herodiano também comenta sobre características efeminadas do imperador e que isso também se relacionava com sua forma de se vestir, seu hábito de se maquiar, seus colares de ouro e suas danças (*Herodiano.*, V, 8, 1). Acreditamos que as características andróginas atribuídas ao imperador estavam relacionadas aos estereótipos com os quais os senadores romanos descreviam os sírios, ou seja, o de estes serem efeminados.

Rebecca Langlands descreve, utilizando exemplos das obras de Petrônio, Juvenal e Suetônio, que os autores romanos utilizavam essas descrições envolvendo questões de conduta sexual com um ar de reprovação, objetivando uma intenção moralizante baseada nos princípios de conduta idealizados pelos romanos (LANGLANDS, 2006, p. 10).

Ao contrário da perspectiva que propomos adotar em nossa pesquisa, Heliogábalo é chamado de louco por Herodiano (*Herodiano.*, V, 7.6-7.7), por sua decisão de colocar libertos imperiais, escravos e artistas em postos administrativos importantes e governos de províncias consulares. Tendo, inclusive, nomeado um dançarino como prefeito do pretório. Dião (*Dião Cássio*, LXXX, 3.5; 4.1-4.2) também menciona que um prefeito do pretório apelidado de *Comazon* reincidiu no cargo, e seu apelido adveio das mímicas que fazia. Em relação ao meio artístico no Império Romano, é pertinente ressaltar ainda que a profissão de ator estava associada a pessoas de baixa posição social, como nos lembra Moses Finley (1988, p. 168).

Herodiano (*Herodiano*, V, 5.9; 6.6) diz que o imperador teria instituído muitas festas e ordenado a construção de teatros. Além disso, durante os rituais, os senadores assistiam às práticas de Heliogábalo como se tudo fosse um espetáculo teatral. A dança, acrescenta ainda Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 14.3-14.4), era um aspecto recorrente em quase todas as ações do *Princeps*.

Langlands (2006, p.17) descreve que mímicos, atores e performances teatrais populares não eram tidos como condizentes com a moralidade para a aristocracia romana. Anne Barker (1996, p. 8-10) explana que as representações dos mímicos eram centradas em temas como adultério e assassinato, além da nudez e representações de sexo, sendo considerados imorais por vários imperadores, apesar de serem apreciados pela população comum. Segundo a



autora, Tácito e Juvenal viam nesses espetáculos sinais de imoralidade e corrupção.

No entanto, a Síria foi fortemente resistente a interiorizar alguns conceitos culturais dos romanos, como já descrito, pois apresentava aspectos regionais e culturais próprios. Relativizando essa ideia de resistência, Sartre, por outro lado, descreve que a influência romana se diversificava de acordo com a região ou a cidade na Síria (SARTRE, 2008, p. 652-656). Dessa forma é possível pensar em uma divergência de conceitos entre o que era moralmente correto ou não nas várias regiões do Império.

Em relação à administração de províncias, Andrew Lintott (1993, p. 115) aponta que desde o principado de Augusto o governo de províncias havia sido dividido entre governadores indicados pelo imperador e outros governadores indicados pelo senado. Desse modo, a crítica que reprova Heliogábalo por ter nomeado artistas para cargos político-administrativos se relaciona ao processo de classificação de lícito e ilícito segundo as autoridades romanas, tal como descrito por Beard, North e Price (1996, p. 228). No entanto, sugerimos que para Heliogábalo não era um problema nomear artistas para cargos administrativos, porque ele próprio se considerava um artista que ocupava o cargo de imperador. Ou seja, ele não era exatamente um desrespeitador da ordem, como afirmam os documentos, mas um inovador da ordem.

Assim, mediante a constatação de que a Síria estava ganhando poder político-cultural no Império e o envolvimento disso com a confluência e resistência cultural de grupos dentro do Império Romano, poderemos fortalecer nossa hipótese de que Heliogábalo estava implantando, durante seu governo, mudanças político-administrativas baseadas nos costumes e tradições de Emesa e outras regiões da Síria, o que entrava em conflito com os princípios do *mos maiorum*.

Em nossa visão, Dião Cássio e Herodiano poderiam ter se utilizado da idealização da *nobilitas*<sup>5</sup> romana sobre os preceitos que caracterizavam a romanidade para criticar as práticas de Heliogábalo. Em relação a esses preceitos, Pierre Grimal (1993, p. 65-88) descreve que a aristocracia romana se inspirava numa imagem idílica de um povo virtuoso que deveria seguir o exemplo dos grandes homens e heróis do passado, seus ancestrais. Essa idealização que os patrícios

---

<sup>5</sup>Termo que designa os aristocratas romanos.

faziam dos antepassados consistia no *mos maiorum*, que é exemplificado por Márcia Santos Lemos (2010, p. 47) como um conjunto de regras de conduta e moral que os romanos deveriam seguir.

Não obstante os preceitos do *mos maiorum* serem usados como guiadores de conduta, Beard, North e Price (1996, p. 212-215 e 245-312) explicam que as fronteiras entre o que era lícito e ilícito, em alguns casos, poderiam ser renegociadas, e essas definições influenciavam nas medidas judiciais e administrativas.

Entretanto, havia um complexo jogo de confluência e resistência cultural no Império Romano que implicava constantes renegociações entre o lícito e o ilícito. Assim sendo, as implicações do jogo de poder entre Heliogábalos, que representava uma crescente influência Síria no Império, e a aristocracia senatorial podem ter reforçado a condenação da memória do *Princeps*. Da mesma maneira, pensamos que pelo fato de Herodiano ser associado aos aristocratas, essa resistência senatorial pode ter influenciado sua obra.

Além disso, o fato de haver artistas e libertos, considerados de baixo nível social, indicados por Heliogábalos a cargos de mesmo nível ou mais elevados que os de Dião Cássio, que foi *curator* na maior parte do principado, pode tê-lo deixado ofendido e potencializado suas críticas às práticas culturais, políticas e administrativas de Heliogábalos.

Desse modo, nossa pesquisa, ao contrário da concordância demonstrada pela historiografia com as fontes romanas, visa desconstruir as críticas feitas por Herodiano e Dião Cássio às práticas culturais, políticas e administrativas de Heliogábalos, procurando, ao mesmo tempo, discutir o complexo jogo de confluência e resistência cultural entre a região ocidental e oriental do Império Romano.

A fim de desenvolver nossa hipótese e organizar a dissertação da forma mais adequada possível, resolvemos apresentá-la em três capítulos. No primeiro capítulo são descritas as informações sobre a documentação utilizada na dissertação. Iniciaremos com uma breve biografia dos autores, descrevendo em que período histórico viveram, a região de sua procedência e em que local e data escreveram as obras que envolvem a nossa pesquisa. Falaremos também sobre os grupos sociais aos quais os autores pertenciam e a que público as obras eram direcionadas. Juntamente a essa apresentação, iremos descrever em uma

cronologia o percurso dos manuscritos que preservaram o conteúdo das obras e justificaremos as edições utilizadas na realização da pesquisa. Por fim, faremos uma discussão sobre a historiografia que aborda o principado de Heliogábalo.

Conduzindo o leitor para o segundo capítulo, abordaremos a contextualização da confluência cultural na civilização romana, desde a origem do vilarejo romano em 753 a.C., até o século III d.C. e a emergência dos artistas sírios, entre eles mímicos e tocadores de flauta, em meio a essa confluência. Falaremos sobre a dinâmica cultural entre as regiões do Império Romano e o aumento do número de senadores provinciais, entre eles muitos originários de províncias orientais. Para trabalharmos o conceito de confluência, faremos uso dos teóricos Peter Burke e Jan Assmann. Descreveremos algumas informações sobre a província romana da Síria e suas cidades mais importantes. Em seguida, analisaremos a descrição da projeção realizada no *mos maiorum* dos artistas republicanos de Roma nos habitantes da Síria, e de como os sírios eram associados, pelas tradições romanas, aos artistas que se apresentavam na capital do Império no período republicano. Para finalizar o capítulo apresentaremos a subida ao poder da dinastia Severa, comentando brevemente sobre o fundador desta última, Sétímio Severo, e descrevendo a esposa síria de Sétímio, Júlia Domna, e seus filhos Geta e Caracala e o percurso político do governo desde último. Assim, comentaremos a morte de Caracala por seu prefeito do pretório Macrino e depois a derrota deste pelas legiões que passam a apoiar Heliogábalo.

Em prosseguimento, no terceiro capítulo faremos considerações preliminares sobre Heliogábalo e sua procedência de Emesa, cidade de origem do *Princeps*. Por fim, discutiremos as críticas de Dião Cássio e Herodiano às práticas políticas, culturais e administrativas de Heliogábalo.

Após apresentarmos esses três capítulos, faremos as considerações finais, nas quais recapitularemos os pontos principais de nossa pesquisa e apresentaremos a conclusão.

# CAPÍTULO 1



## CAPÍTULO 1 A RESPEITO DAS OBRAS DE DIÃO CÁSSIO E HERODIANO E A HISTORIOGRAFIA SOBRE O IMPERADOR HELIOGÁBALO (SÉCULO III D. C.)

### 1.1 O senador romano Dião Cássio e sua obra

Quando se trata de informações sobre autores e personalidades da antiguidade, por vezes nossos recursos são limitados e as informações, em muitos casos, são obscuras ou incertas. Entretanto, falaremos sobre um personagem histórico que teve uma carreira política no Império Romano, e por isso muitas de nossas informações a respeito de sua procedência e trajetória tendem a ser assertivas. O personagem histórico o qual exporemos se chamava Dião Cássio, e viveu entre o fim do segundo e primeiras décadas do século III d.C.

Conta-nos Jesse Drew Harrington (1977, p.159) que Dião Cássio nasceu na cidade de Niceia, na Bitínia, entre 163 e 164 d.C., e pertencia a uma família já experimentada em cargos públicos e senatoriais. O pai de Dião, Aproniano Cássio, teria ocupado cargos políticos no senado, no consulado e no governo das províncias da Dalmácia e Cilícia. Do mesmo modo que seu pai, Dião Cássio seguiu uma carreira política, ocupando primeiramente o cargo de tribuno militar. Começou a servir ao Império em magistraturas mais baixas, para depois elevar o posto de forma gradual. Assim, Dião ascendeu de posição até ser admitido como membro no senado romano. Em 194 d.C. ele foi designado pretor e talvez tenha governado alguma província da região oriental do império romano entre 197 e 202 d.C.. Naquele ano ele retornou a Roma, e talvez tenha servido como *Consul Suffectus* em 205 d.C. Em 218 d.C. ele foi nomeado supervisor de finanças em *Pergamum* e *Smyrna*, e exerceu o cargo até 221 d.C.. Depois de ocupar este cargo, Dião ficou doente por um tempo e, após se recuperar, foi indicado ao governo proconsular da África. Posteriormente foi governador das províncias da Dalmácia e Panônia Maior e, por fim, foi designado cônsul nesta mesma província em 229 d.C. (HARRINGTON, 1977, p. 159-160).

Sobre a ascendência de Dião, Paul Veyne (2010, p.146) acredita que ele era bisneto de Dião de Prusa, conhecido também como Dião Crisóstomo. Por outro lado,

nas teorias de Earnest Carry (1914, p.7)<sup>6</sup> encontramos a ideia de que Dião seria neto, e não bisneto, de Dião Crisóstomo, do qual ele herdou os nomes Dião e *Cocceianus*. A respeito dos ancestrais mais distantes de Dião Cássio, Fergus Millar (1964, p.8) conta que Dião e seu pai, Aproniano, descendiam de Asclepíodoto Cássio, um homem rico de Nicéia que viveu durante a dinastia Júlio-Claudiana e que teve seus bens confiscados pelo imperador Nero e posteriormente restituídos pelo sucessor deste último, Galba (MILLAR, 1964, p.8-9).

Em relação à data de nascimento de Dião Cássio, Aguado Garcia (2003, p.20) afirma que foi em 155 d.C., divergindo da data de 163-164 d.C. apresentada por Harrington e Millar (1964, p.13). Durante o progresso em sua carreira política, Dião Cássio apoiou o imperador Septímio Severo e colaborou nos principados de Caracala e Severo Alexandre. Passou os seus últimos dias na Bitínia, onde faleceu no ano de 235 d.C (AGUADO GARCIA, 2003, p. 20).

Tendo em consideração que Dião Cássio havia recebido uma herança política de sua família, uma família de senadores, somada aos seus conhecimentos administrativos e ao seu progresso político durante sua carreira, podemos estabelecer a assertiva de que Dião havia desempenhado o que se denomina por *Cursus Honorum*.

Caracteriza-se *Cursus Honorum*, descreve María José Bravo Bosch (2010, p.331), um conceito estabelecido ainda na República Romana, que representava um processo hierárquico de cargos políticos que um magistrado honrado deveria seguir, ascendendo sua posição de maneira gradual. Conseqüentemente, entre os magistrados, quanto mais elevado era o cargo de um indivíduo na hierarquia, maior era a autoridade, ou *Potestas*, sobre os magistrados de posições inferiores. Dessa forma, em uma escala cronologicamente crescente do poder, temos o questor, o edil curul, o pretor e o cônsule (BRAVO BOSCH, 2010, 232-236).

Entretanto, Dião Cássio efetuou seu *Cursus Honorum* não no período republicano, mas sim no principado romano. O senado passou a dividir o poder com o imperador, e este último detinha a autoridade sobre os indivíduos que ocupavam os cargos administrativos. Desse modo, o *Princeps* passou a controlar os magistrados e criar novos cargos na administração das províncias, tais como

---

<sup>6</sup> Página original em algarismo romano: VII.

legados, prefeitos, auxiliares e os procuradores.

Foi nesse contexto, de seguir uma trajetória de cargos para fazer carreira política, que Dião Cássio exerceu o seu *Cursus Honorum*. Contudo, mesmo que um indivíduo houvesse cumprido com as prerrogativas da tradição, muito dependia da vontade do imperador para obter o maior êxito possível. A esse fator se associavam as relações harmoniosas ou conflituosas entre o senado e os imperadores romanos, exemplificadas por Dião e os demais senadores, além dos imperadores que sucessivamente governaram nos anos em que ele cumpriu seus cargos políticos.

Não obstante, em conjunto a essa carreira política de Dião Cássio, foi elaborada por ele uma obra escrita em língua grega sobre a história da cidade de Roma, desde sua fundação, denominada *História Romana*. Inge Mennen (2011, p.13) descreve que no total a obra de Dião abarcava oitenta livros, e abordava desde o surgimento da cidade e o período da monarquia, passando pelo período republicano, e finalmente abarcando o período do principado romano até o ano de 229 d.C. Em outras palavras, a obra de Dião sobre a história de Roma ultrapassava todo o período de séculos que o antecedeu, até chegar aos anos em que ele próprio vivia. Grande parte dos textos se perdeu, e o que restou deles chegou até nós por meio de epítomes dos monges Zonaras e Xiphilinus. Na progressão da sua cronologia histórica, quando trata do principado romano, Dião descreve cada imperador diferentemente, de acordo com as questões políticas e as relações existentes entre imperador e o senado e motivado pelos valores de sua própria época, o século III d.C. Desse modo, a descrição que Dião faz de cada imperador é influenciada pela sua posição de senador romano, diz Mennen (2011, p.14).

Ainda em relação às intenções políticas de Dião Cássio, ao compor sua *Historia Romana*, Millar (1964, p.73) descreve que é possível investigá-las por meio de análises das passagens relevantes da obra, tais como as narrativas sobre as sucessivas constituições romanas, a descrição de figuras históricas e a generalização de situações políticas. Segundo o autor a experiência de Dião na vida política moldou os julgamentos que este último faz dos acontecimentos políticos do passado. Do mesmo modo, Millar afirma que por meio dos discursos dos personagens históricos, que Dião insere em sua obra, é possível observar quais questões incomodavam Dião Cássio e também as ideias que estruturavam seu



pensamento político (MILLAR, 1964, p.73).

Na percepção de Veyne (2010, p.146) toda a *Historia Romana* foi escrita sob um ponto de vista puramente romano. O autor observa que em uma passagem da obra de Dião já descrita, após a destruição de Corinto por Lúcio Múmio Acaico, Dião afirma que os helenos começaram a acreditar que a conquista romana sobre a Grécia era a salvação para os gregos (VEYNE, 2010, p.146). Assim, observamos que Dião Cássio defendia os interesses do Império Romano e, embora fosse de ascendência grega, pertencia a uma família de senadores e era guiado pelos preceitos romanos do *mos maiorum*.

Em relação a maneira como Dião propagandeava sua obra, sabemos que ele instrumentalizava sonhos proféticos, escrevendo panfletos que anunciavam os acontecimentos que estariam por vir nos rumos do destino imperial. Nesses mesmos parâmetros teria escrito a sua obra principal. Sobre essas características da composição do trabalho de Dião, Gonçalves (2013, p.143) descreve que Dião foi inspirado por sonhos e pela deusa fortuna para compô-lo. Escreveu um panfleto dedicado à Septímio Severo intitulado *Sobre sonhos e presságios* e o enviou ao imperador em 193 d.C. Outra observação feita pela autora é que enquanto a maioria da população de Nicéia, terra natal de Dião, apoiava Pescênio Nigro, Dião Cássio defendia que Septímio deveria assumir o governo imperial, tendo inclusive escrito uma carta à ele, ao que Septímio respondeu.

Sobre essa diferença entre a opção da população de Niceia, que apoiava a carreira política de Nigro, e a do senador Dião Cássio, que defendia a tomada de poder por Septímio Severo, observamos que a carreira senatorial de Dião foi mais determinante em sua escolha política do que a sua origem local e étnica. A facção senatorial da qual Dião Cássio fazia parte possuía seus próprios interesses de grupo, que ora se diferenciavam dos da população de Nicéia.

A respeito da escrita de sua obra *Historia Romana*, Gonçalves recorda que Dião Cássio também atribui aos sonhos proféticos a razão de desejar escrever a obra:

“Dion ficou tão emocionado com a resposta do príncipe que, na mesma noite que recebeu a carta, teve um sonho no qual um poder divino lhe ordenava a escrever uma obra de história. Decidiu, então, contar a história das guerras civis que se seguiram ao assassinato de Cômodo. Chamou a



obra de *Guerras Civis* e novamente dedicou-a ao imperador; a obra lhe foi entregue em 197 d.C. (Dion Cássio, LXXIII, 23.1-5). O sucesso da obra teria incentivado-o a escrever uma história de Roma, de seus primórdios até o governo de Septímio, usando essas duas obras iniciais.” (GONÇALVES, 2013, p.143)

Apesar de ser nativo de uma região na porção oriental do Império e de ter o grego e não o latim como idioma nativo, Dião Cássio se encontrava identificado com a aristocracia senatorial romana, considerando-se a si próprio romano. Isso pode ser explicado devido às circunstâncias da anexação política romana sobre a região da Bitínia, de onde se originava Dião. Em relação a essas características regionais, elucida Jesper Majbom Madsen (2005, p. 18-19) que a Bitínia anexada ao Império Romano provocou uma mudança na identidade local e no modo como a população entendia a si mesma. A aristocracia local buscava melhorar as condições de vida da comunidade e também participar da administração imperial e exercer cargos na magistratura romana e nas pro-magistraturas. O status de cidadãos, na Bitínia, resultava na latinização dos nomes de grande parte da população, mesmo em pessoas que não dispunham de direitos romanos. O grego era a língua oficial da região, e o latim era usado em inscrições oficiais, seguido de uma tradução em grego. Em relação à arte e arquitetura, o padrão helênico predominava, ainda que houvesse algumas construções romanas. Desse modo, os aristocratas da Bitínia assumiam uma identidade política romana, embora continuassem gregos no sentido étnico do termo. O autor descreve que não era um problema que a população da Bitínia se identificasse como romana, porque os romanos, ao anexarem as regiões onde viviam populações gregas, concederam a cidadania romana a muitas pessoas, e vários gregos passaram a ocupar cargos políticos no Império Romano.

Essa vinculação com a identidade romana existente entre os aristocratas de Bitínia e Ponto explica o moralismo romano de Dião Cássio, na escrita de *Historia Romana*. A todo o momento, em sua obra, Dião enaltece os valores morais derivados dos princípios do *Mos Maiorum*. O fato de a região da Bitínia ter preservado o grego como idioma oficial, mesmo após a dominação romana, elucida o motivo de Dião ter escrito sua obra nessa língua. A helenização que existia na região da Bitínia e Ponto era ainda mais intensa na cidade natal de Dião, Niceia. A respeito dessa cidade, A. H. M. Jones (1998, p.151) argumenta que foi Nicomedes

que incorporou a Niceia ao reino da Bitínia. Essa cidade teria sido fundada primeiramente por Antígono sob o nome de Antigoneia, e posteriormente refundada por Lisímaco, que a renomeou. Antígono possivelmente ordenou assentamentos gregos na cidade enquanto esteve no poder. O autor também descreve que, segundo Dião Crisóstomo os cidadãos de Nicéia eram macedônios e gregos puros, e não o resultado da miscigenação de piratas gregos com a população local. A anexação dessa cidade pela Bitínia não possui registro em documentos, mas provavelmente ocorreu após a morte de Lisímaco.

Os vínculos da aristocracia de Niceia com os princípios morais greco-romanos e o sentimento de pertencer à aristocracia imperial se associavam com a colonização helênica que a cidade havia recebido. Os romanos valorizavam a cultura helênica e buscavam se identificar de algum modo com a mesma. Esse ambiente urbano fortemente helenizado teve impacto sobre a mentalidade de Dião Cássio em suas aspirações morais, ainda que os princípios romanos do *mos maiorum* tenham sido mais determinantes na visão política sob a qual a sua *Historia Romana* se desenvolve.

Ao recordarmos que Dião Cássio escreveu sua obra em grego, observamos que esse idioma, no período em que Dião escreve, isto é, no século III d.D, era falado por populações envolvidas em meio a uma complexa rede de confluência cultural entre o ocidente e o oriente do Império Romano. Os retóricos, aristocratas e filósofos da região oriental do Império se expressavam através do idioma grego. Além disso, como nos recordam Fábio Fortes e Fernando Adão de Sá Freitas (2015, p.5), houveram empréstimos linguísticos entre o grego e o latim durante o período do principado romano. Assim, tanto o idioma grego era influenciado pelo latim, quanto o segundo o era pelo primeiro. Inclusive, durante o século III d.C, os alunos de gramática estudavam instrumentalizando manuais bilíngues em latim e grego (FORTES; DE SÁ FREITAS, 2015, p.4-5). Desse modo, como nos conta Millar (1964, p. 41-42), embora Dião Cássio tenha escrito sua obra em grego ático, sua escrita apresenta muitas adaptações do latim no grego:

“É impossível, entretanto, tal como Dião admite, escrever a história de Roma em ático inteiramente puro. Não apenas há certos latinismos que penetram no estilo de Dião, mas havia ali o constante problema de termos constitucionais latinos e vários outros que não eram menos difíceis.” (MILLAR, 1964, p. 41)

Sobre o período em que a *Historia Romana* foi composta, Lukas de Blois diz que Dião Cássio a teria escrito provavelmente entre 211 e 235 d.C. (DE BLOIS, 2006, p. 270). Em relação à preservação da obra, Garcia (2003, p.20) descreve que, dos oitenta livros que existiam, só restaram vinte e cinco preservados até os nossos dias. Contudo, os trabalhos de Dião Cássio não se resumem apenas a esse trabalho principal. Ele também havia escrito uma outra obra sobre prodígios que preconizaram a chegada do imperador Septímio Severo ao principado romano e uma biografia do imperador Cômodo. Infelizmente, as duas se perderam e não chegaram até nós (GARCIA, 2003, p. 20).

Refletindo sobre os aspectos que influenciaram na elaboração da *Historia Romana* de Dião Cássio, Harrington (1977, p. 160-162). aponta três fatores predominantes: as intenções de Dião Cássio implícitas na obra, as fontes que Dião tinha acesso sobre a história de Roma e a sua atitude em relação ao meio militar. Dião pretendia registrar uma percepção clara sobre os eventos contemporâneos, e acreditava que a escrita de sua *Historia Romana* havia sido inspirada pelo desejo da deusa Fortuna. Além disso, a escrita da obra teria sido motivada pelo interesse em patrocinar o governo de Septímio Severo, diz Harrington. Dião teria lido e reunido material para escrever sua obra em um período que abarcaria dez anos. Ao seu estudo das fontes que possuía, interpretava-as e a elas acrescentava suas próprias percepções pessoais. Um dos aspectos marcantes do uso das fontes por Dião Cássio é que ele não tinha uma interpretação crítica das mesmas, e seguia os conceitos moralizantes de Tito Lívio, Cícero e Plutarco. Juntamente com a instrumentalização dessas obras como fontes, usava Tucídides como modelo estético para a escrita de sua *Historia Romana* (HARRINGTON, 161-162).

Sobre o modo como Dião Cássio instrumentalizou as fontes de que fez uso, concordamos que o autor não fazia críticas ao conteúdo das mesmas, e acreditamos que isso ocorreu porque a lógica dos autores que escreveram esses documentos era aprovada pelos senadores romanos, e desse modo, o direcionamento moral que os autores usados por Dião Cássio deram às suas obras era compatível com os princípios do *mos maiorum*, que guiavam as normas de conduta da aristocracia romana. Desse modo, Dião Cássio, um senador romano, não criticou os documentos considerados moralmente legítimos entre os senadores romanos, grupo do qual



Dião era membro.

Em continuação aos apontamentos de Harrington (1977, p. 161), Dião, ao escrever sua história, faz descrições bem detalhadas dos combates militares, estratégias, medidas políticas e táticas de combate. Isso ocorre devido à sua formação e conhecimento prévio do meio militar. Dião, em sua narrativa, elogia os generais, ditadores e imperadores romanos que tiveram êxito em manter a disciplina do exército e reprova aqueles que não o conseguiram. Nessa visão o sucesso e poder conquistados pelo império só poderiam ser mantidos se os soldados e as tropas se comportassem de forma organizada e obediente.

Ao analisar as descrições e a análise que Harrington faz sobre Dião Cássio e sua *Historia Romana*, concordamos com sua ideia de que Dião escreveu sua obra para apoiar o governo de Septímio Severo, e que inclusive se utilizou dos preceitos proféticos, como o da deusa Fortuna, para legitimar suas atividades (HARRINGTON, 1977, p. 160). Entretanto, mesmo apoiando o *Princeps*, Dião faz críticas a algumas medidas adotadas por Severo em seu governo, não o aprovando incondicionalmente. É importante lembrar que a obra foi colocada em circulação décadas após a morte de Severo, o que tornava seguro a Dião fazer essas críticas. Outra ideia de Harrington que nos parece duvidosa é a de que Dião Cássio havia escrito a obra para torná-la popular. Para nós essa ideia parece sem sentido, já que Dião era um homem que provinha de uma família privilegiada de senadores, e tinha interesses vinculados à ordem senatorial, divergindo, portanto, de um interesse pela popularização.

Observando os períodos mais relevantes para Dião Cássio dentro de sua obra, Earnest Cary (1914, p.11) diz que há três divisões principais. A primeira seria vinculada ao período republicano. A segunda fase de sua história vai do início do principado romano até a morte do imperador Marco Aurélio. O terceiro momento principal da história elaborada por Dião era o período em que ele estava vivendo, em relação ao qual ele fez apontamentos e descrições baseados em sua própria vivência. Neste último período, narrado em sua obra, Dião diz que, com a subida de Cômodo ao poder, o império teria decaído de uma era de ouro para uma de ferro. Em sua narrativa, Dião diz os nomes dos cônsules que governaram em cada ano por ele descrito, as durações dos governos de cada um dos imperadores e os



acontecimentos políticos relevantes em diversas partes do Império (CARY, 1914, p. 11-13).

Sobre as motivações que levaram Dião Cássio a escrever a sua *Historia Romana*, como em grande parte das obras históricas, se deveram às circunstâncias políticas e ao momento histórico pelo qual passava o autor. Em relação a essa influência da escrita da obra pelo período em que foi composta, argumenta Domingo Plácido Suárez (2004, p.9) que *História romana* é produto de seu tempo, e que a maior preocupação histórica de Dião Cássio eram as guerras que se desencadearam desde a queda de Cômodo até a subida de Septímio Severo ao poder imperial. Desse modo as próprias preocupações de Dião, do período em que viveu, condicionam na maneira como sua obra histórica foi elaborada (PLÁCIDO SUÁREZ, 2004, p. 9-10).

Essa influência da situação política, do período em que viveu Dião Cássio, na composição de sua obra, também foi constatada por Maria Victoria Escribano Paño (1999, p. 171). Em concordância com Suárez, a autora constata que a escolha por Dião do estilo de escrita, as fontes e a seleção do que se considerava importante retratar em sua *Historia Romana* foram motivadas pelo período em que ele viveu: sua origem na Bitínia e a posição que o senador que ocupava sob a dinastia dos Severos (ESCRIBANO PAÑO, 1999, p.171-172).

Como já dissemos neste capítulo, a obra de Dião Cássio chegou até nós por meio de epítomes elaboradas pelos monges bizantinos Xiphilinus e Zonaras. O monge Xiphilinus elaborou resumos, ou epítomes, da obra de Dião Cássio. Ele viveu no século XI d.C no Império Bizantino. Xiphilinus era sobrinho de João VIII Xiphilinus, sendo esse último conhecido como o patriarca de Constantinopla. O monge teria escrito os resumos da obra de Dião Cássio durante o período em que Miguel VII governou em Bizâncio.

Em relação aos resumos que Xiphilinus elaborou da obra escrita por Dião Cássio, Christopher Mallan explica que eles contêm ligeiras modificações em relação à obra original de Dião. Essas modificações ocorreram principalmente por Xiphilinus ter rejeitado as descrições institucionais existentes na obra, e também diminuído os discursos excessivos atribuídos a personagens políticos no decorrer da cronologia histórica da República Romana e do Império descritos por Dião. Desse modo,

Xiphilinus procurava adequar a *Historia romana* escrita por Dião às necessidades políticas de sua própria época, buscando no caráter e na personalidade dos grandes líderes romanos os motivos das mudanças benéficas ou destrutivas no decurso da história do Império. Dessa forma, o monge procurava fazer um paralelo entre República Romana e Império Bizantino de sua própria época, de forma que o passado romano poderia ser usado como um exemplo para a situação política do momento em que vivia a civilização bizantina do século XI d.C. Por essa razão, seus resumos da obra de Dião se concentram primordialmente nas características pessoais e morais dos líderes políticos e imperadores descritos. Há algumas passagens dos resumos que foram totalmente adulteradas em relação à obra original, nas quais Xiphilinus buscou informações correspondentes ao período descrito em outras fontes e documentos. Diversas passagens foram ligeiramente modificadas na medida em que o monge as influenciava com suas próprias ideias, e também com a mentalidade predominante em Bizâncio, no décimo primeiro século (MALLAN, 2013, p. 610-644).

Por outro lado, essas modificações que Xiphilinus realizou em seus resumos da obra de Dião Cássio não foram realizados na mesma proporção em todas as epítomes. Por esse motivo, e devido a não termos encontrado referências em nossa bibliografia, acreditamos que não houve alteração de sentido do conteúdo na elaboração por Xiphilinus das epítomes que resumem os livros 79 e 80 de Dião. Isto é relevante para nosso estudo, já que nossa pesquisa é centrada nessas epítomes.

A respeito do outro monge responsável por transmitir a obra de Dião Cássio, Zonaras, Carry (1927, p.21)<sup>7</sup> faz breves observações biográficas. Ele nos diz que Zonaras foi secretário do imperador bizantino Aleixo I, que viveu entre os séculos XI e XII d.C. Posteriormente Zonaras se retirou para um monastério e se empenhou em seus trabalhos literários. Entre eles havia epítomes da história mundial, separadas em dezoito livros que narravam desde a criação do mundo até a morte de Aleixo I em 1118 d.C. Em determinadas passagens de suas epítomes, quando narra as lendas da monarquia e a história da República Romana principalmente, Zonaras usou Dião Cássio como principal fonte. Assim, as epítomes de Zonaras são responsáveis principalmente pela transmissão dos livros 1 ao 21 e, em menor escala,

---

<sup>7</sup> Originalmente em algarismo romano: página XXI.

dos livros 44 ao 67 da obra *História Romana* de Dião Cássio. Para os livros 71 ao 80 da obra de Dião, a principal autoridade, como já dissemos, foi Xiphilinus (CARRY, 1927, p.21-22)<sup>8</sup>.

Em relação aos manuscritos que preservaram a obra resumida pelos monges bizantinos e que permitiram que ela sobrevivesse até o período contemporâneo, os mais antigos são datados do século XI, sendo um deles conhecido como *Marcianus* ou (M) de número 395, que contém os fragmentos XLIV, 35, 4-LX, 28, 3. Outro do mesmo período se denomina *Laurentianus* ou (L) de número 70,8 e que contém os fragmentos XLIV,35,4-LX,28,3. Do século XV temos *Laurentianus* (L') de número 70, 10 e que contém os epítomes de XLII a LX. Também do mesmo século é conhecido o *Vaticanus Graecus* ou (V), que abarca do livro XXXVI ao LIV e *Parisinus* ou (P) de número 1689, que contém do epítome XXXVI até a LX.

Sobre a composição desses manuscritos Carry (1927, p.25)<sup>9</sup> nos informa que *Vaticanus Graecus* ou (V) foi copiado do *Laurentianus* ou (L) quando este ainda estava totalmente preservado. O autor também diz que o *Laurentianus* (L') contém passagens vindas do *Marcianus* ou (M) com alguns enxertos do manuscrito *Laurentianus* ou (L). Da mesma forma, Carry conta que o manuscrito *Parisinus* ou (P) deriva seus primeiros livros do *Laurentianus* ou (L) e os últimos do *Laurentianus* (L') (CARRY, 1927, p.25)<sup>10</sup>.

## 1.2 Herodiano e sua história do Império Romano depois de Marco Aurélio

Desde a Antiguidade até os tempos atuais, muitas composições chegaram até nós através de compilações e recopilações em manuscritos. Mesmo assim, muitos dos documentos antigos foram parcialmente preservados, e nos restaram apenas fragmentos. Por esse motivo, em alguns casos sabemos da existência de um escritor antigo e temos acesso aos relatos sobre sua biografia, embora sua obra tenha se perdido entre o período de sua publicação e os vários séculos que a

---

<sup>8</sup> Originalmente em algarismo romano: páginas XXI e XXII.

<sup>9</sup> Originalmente em algarismo romano: página XXV.

<sup>10</sup> Originalmente em algarismo romano: página XXV.



separam do período contemporâneo. Em outros casos, a obra de determinado autor consegue ser preservada até o tempo presente, mas as referências sobre ele e sua trajetória de vida não são claras devido à escassez de fontes que revelem seus dados biográficos. Esse é o caso de Herodiano.

Entretanto, embora as informações sobre o autor sejam incompletas, sabemos que Herodiano teria nascido entre 178 e 180 d.C. (AGUADO GARCIA, 2003, p. 3). Ainda assim, Mennen (2011, p. 14) data seu nascimento em 175 d.C. e afirma que ele provavelmente era filho de um liberto imperial. Sua obra é composta de oito livros que abordam o período entre a morte de Marco Aurélio, em 175 d.C., e a ascensão de Gordiano III, em 238 d.C.

Nessa cronologia, Herodiano narra os acontecimentos políticos e os diferentes imperadores, começando pelo primeiro livro a descrever o final do governo de Marco Aurélio (161-180 d.C.) e o principado de Cômodo (180-193 d.C.). No livro seguinte narra a breve passagem de Pertinax (193 d.C.) e Didio Juliano (193 d.C.) pelo governo do Império e a disputa entre os três usurpadores do poder Imperial: Septímio Severo (193-211 d.C.), Pescênio Nigro (193-194 d.C.) e Albino (193-197 d.C.). Em sequência, no terceiro, relata o principado de Septímio Severo (193-211 d.C.). O período em que o filho de Severo, Caracala (211-217 d.C.), esteve no poder, inicialmente em conjunto com seu irmão Geta, é descrito no livro quatro. Macrino (217-218 d.C.) e Heliogábalo (218-222 d.C.) são abordados no quinto livro. O sexto é dedicado a Severo Alexandre (222-235 d.C.), o último de sua dinastia, Maximino (235-238 d.C.) e os Gordianos (237-238 d.C.) são apresentados no sétimo livro. Por fim, o oitavo descreve o fim dos governos de Maximino (235-238 d.C.), Máximo (237-238 d.C.) e Balbino (237-238 d.C.) e a nomeação do jovem Gordiano III (238-244 d.C.) ao posto de Imperador Romano.

Em nossa leitura de Herodiano, os livros de *História do Império Romano* que serão relevantes para o presente estudo são os que abordam a dinastia Severa, ou seja, o terceiro, quarto, quinto e sexto livros, com ênfase neste penúltimo, que relata o principado de Heliogábalo.

Juan J. Torres Esbarranch (1985, p. 27-32) descreve que a hipótese mais aceita sobre a posição social de Herodiano é a de que ele poderia ter sido um escravo ou liberto imperial, funcionário da administração pública. No entanto, não



concordamos com essa afirmação de que Herodiano seria um escravo ou liberto, pois não nos parece pertinente que um subalterno critique um imperador como Heliogábalo, que melhorava a situação social de pessoas subordinadas aos aristocratas, tais como libertos e escravos. Pensamos ser mais verossímil propor que Herodiano estava vinculado aos aristocratas e que não pertencia a uma posição social inferior.

Em relação ao modo como Herodiano formulou sua obra, separada em oito livros, reflete as tendências da escrita da história daquele período, o século III d.C.. Segundo L. V. Pitcher (2012, p. 269-270), uma de suas influências teria sido o ensaio de Luciano chamado *Como a história deveria ser escrita*, na qual o autor castiga a escrita de detalhes topográficos. Contudo, embora Herodiano evite exposições muito extensas, em alguns trechos da narrativa ele faz algumas descrições geográficas para explicar uma batalha, uma mobilização militar ou um acontecimento político que ocorreu em determinada cidade. Outro motivo para Herodiano realizar essas descrições seria para criar uma simbologia espacial em sua obra na qual Roma e a península itálica estariam associadas a uma vida mais fácil e tendenciosa aos vícios. Enquanto isso, os territórios de fronteira seriam relacionados a uma experiência mais árdua, e isso favoreceria a disciplina militar e o comportamento equânime dos soldados. Outra forma de trabalhar o espaço foi associar o comportamento dos imperadores com os lugares em que estavam em determinada ocasião como, por exemplo, quando Cômodo se retira do palácio e se dirige ao local onde treinavam os gladiadores para permanecer lá, e a associação dessa mobilização do imperador com a decadência de seu governo (PITCHER, 2012, p.171-282).

Em relação a essa estratégia simbólica, na qual Pitcher afirma que Herodiano queria associar Roma e a região itálica aos vícios, é possível que tenha se derivado das tendências políticas daquele período. Isso pode ser observado pelo episódio no qual Severo, ao conquistar o principado, prefere que sua guarda pretoriana fosse composta de soldados vindos de regiões de fronteira e não dos que eram nativos de Roma ou da região, pelo motivo de estes terem se mostrado traiçoeiros por assassinar o imperador Pertinax. Todavia, embora a situação política daquele momento proporcionasse esse estilo de análise espacial que

Herodiano realiza, pensamos que outro aspecto determinante para essa simbologia de espaços foi a circunstância de o autor não ser nativo da península itálica.

Outra consequência da origem não itálica do autor é a maneira como ele percebe os rituais religiosos, praticados em Roma, assim como a caracterização daquilo que era romano. Sobre essas características interpretativas existentes no texto de Herodiano, Clare Rowan (2005, p.163-166) observa que a caracterização do que não era romano, em alguns momentos, dizia respeito aos povos que viviam para além das regiões de fronteira e que ainda não faziam parte dos domínios do Império, os bárbaros. Outro contexto para Herodiano denominar o que não era romano se referia às práticas culturais que ocorriam fora da capital do Império. Isso se dá pelo motivo de que algumas celebrações religiosas específicas e festivais públicos ocorriam somente no interior dos muros de Roma (ROWAN, 2005, p.166-175)

Em relação à procedência de Herodiano, Aguado Garcia (2003, p. 3-4) apresenta algumas teorias: egípcio ou de outra parte do oriente; sírio ou grego. J. Torres Esbarranch (1985, p. 20) menciona que a composição da obra teria ocorrido entre 248 e 253 d.C., tendo sido escrita em grego e destinada a um público grego ou oriental. Sobre a possível origem grega de Herodiano, um dos fundamentos seria que o seu nome proviria do grego *Herodes* e que ele se refere em sua obra ao imperador utilizando-se do termo grego *basileús*. A outra hipótese, indicativa de que ele era um egípcio de Alexandria, é sustentada pela vivacidade com a qual descreveu o massacre feito por Caracala na mesma cidade. Há a possibilidade de que Herodiano teria sido filho do gramático Elio Herodiano, que havia chegado à Roma durante o principado de Marco Aurélio. Também se mostra verossímil que ele fosse um sírio de Antioquia, pois parecia conhecer muito bem a Síria e faz comentários a respeito dos sírios em vários momentos de sua obra.

Por outro lado há muitas informações que foram omitidas ou confundidas em sua cronologia histórica, as quais seriam necessárias que um sírio soubesse. Ainda assim, outra alternativa é que ele fosse da Ásia menor, da região da Anatólia: do Ponto, da Ásia ou da Bitínia. Esta teoria é sustentada apenas pelo interesse com que Herodiano relata os povos dessas regiões (J. TORRES ESBARRANCH, 1985, p.19-26). Para Edward C. Echols (1961, p.1-10), a origem do autor de *História do*

*Império Romano* certamente era síria. O autor acredita nisso porque os sessenta anos que abarcam a obra marcam um período em que o Império Romano estava de algum modo, sob forte influência da província da Síria. Segundo o autor Herodiano exercia um cargo no serviço civil imperial, e escrevia sua história através de suas observações pessoais e experiências. O governo de Septímio Severo, iniciado em 193 d.C marca uma crescente ascensão de magistrados orientais, e entre eles sírios, para cargos administrativos no Império Romano. Por esse motivo o autor acredita que Herodiano trabalhou no serviço civil imperial a partir do principado de Severo em diante.

A estimativa de Echols de que Herodiano era sírio é muito pertinente, inclusive pelo fato de Herodiano, em alguns momentos, elogiar o imperador Heliogábalo, que era originalmente um sacerdote sírio da cidade de Emesa. Entretanto, embora concordemos com Echols, ao também pensarmos que Herodiano era de origem siríaca, não podemos determinar com certeza se essa hipótese é verdadeira. As outras possibilidades sobre a procedência geográfica e étnica de Herodiano também são plausíveis.

Entre os manuscritos que preservaram a obra de Herodiano até os nossos dias podemos citar: *Codex Leidensis Gronovianus* 88 e *Ambrosianus Graecus* B 119 sup. (139), ambos do século XI; *Codex Monacensis Graecus* 157 do século XIV; *Codex Vindobonensis Graecus* 59, *Ambrosianus Graecus* G 69 sup. (409), *Codea Bmellemis* 11291-1 1293, *Laurentianus Conv. Sup. gr.* 164 (c 323), *Mediceus Laurentianus Plut.* 57, 45, *Mediceus Laurentianus Plut.* 70.17, *Mediceus Laurentianus Plut.* 70, 21, *Sinaiticus Graecus* 1725 (565), *Venetus Marcianus Graecus* 390 (855), *Venetus Marcianus Graecur.* App. XI, 14 (1233), *Neapolitanus graecus* 11 C 32 (100) e *Codex Venetus Marcianus Craecus* 389 (671), os doze do século XV; e a versão de Antonio Bonfini de 1486 conservada do manuscrito do vaticano *Rossianus* 483.

### **1.3 A historiografia sobre Heliogábalo**

Desde os primeiros trabalhos publicados sobre o Império Romano, encontramos referências ao imperador Heliogábalo (218-222 d.c). Dos séculos XVIII



ao XXI, o imperador é descrito em várias produções seja em breves comentários contidos em obras extensas sobre a civilização romana, biografias sobre o imperador, livros que fazem um estudo acerca da cultura e religião no Império Romano, ou em pequenos artigos. No decorrer do tempo, a mudança metodológica se efetivou sobre as pesquisas que foram realizadas sobre o mundo romano e proporcionou o desenvolvimento de novas possibilidades para o seu estudo. Observamos que os primeiros pesquisadores modernos interessados pela história antiga, devido à metodologia que empregavam, não analisavam a documentação quanto à sua parcialidade, como demonstraremos a seguir.

Podemos verificar essa informação ao avaliar a postura acrítica de vários autores em relação à representação histórica elaborada pelo senador romano Dião Cássio. Ele apresenta em sua obra *Historia Romana*, escrita no terceiro século, a declaração de que após a morte do imperador Marco Aurélio, o Império Romano havia ingressado em um período de decadência, qual seja, de uma era de ouro havia passado à uma de ferro e ferrugem (*Dião Cássio*, LXXII, 36.4). As primeiras obras acadêmicas colocadas em circulação sobre a civilização romana tenderam a concordar com essa alegação de Dião, sem analisar de maneira crítica a parcialidade do autor no conteúdo do documento. Por isso apresentaremos algumas dessas obras, e identificaremos os trechos na documentação de onde os autores assimilaram e reproduziram as construções de Dião Cássio e Herodiano sobre Heliogábalo, ainda que alguns desses autores não façam referência direta aos documentos.

O primeiro deles é o historiador britânico Edward Gibbon que viveu no século XVIII. Em seu trabalho *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* o autor reproduz o conceito de decadência do império construída por Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXII, 36.4). Nesse trabalho de Gibbon, as descrições elaboradas por Dião Cássio e Herodiano do imperador Heliogábalo são reproduzidas sem uma avaliação crítica sobre a parcialidade desses autores nas características e ações que eles atribuem ao imperador. Em concordância com a documentação, Gibbon descreve Heliogábalo como um violador da constituição, indecoroso, déspota, efeminado e extravagante (GIBBON, 1845, p.144-146). Em nossa leitura de Dião Cássio, percebemos que Gibbon meramente reproduziu a acusação de que



Heliogábalo desrespeitava a constituição. A fim de demonstrar essa concordância de Gibbon com a documentação, citaremos em seguida a passagem de Dião Cássio, na qual ele descreve que Heliogábalo transgredia o processo de votação para a nomeação de cargos políticos:

“Em ambas, a mensagem ao senado e a carta ao povo, ele declarou-se imperador e César, filho de Antonino, neto de Severo, Pius, Felix, Augustus, pro-cônsul e detentor do poder tribunício, assumindo esses títulos antes que eles tivessem sido votados, e ele usou, não o nome de Avitus, mas o de seu pretenso pai.” (*Dião Cássio*, LXXX, 2.2- 2.3)

A descrição de Dião de que Heliogábalo se nomeou César e imperador e ainda assumiu o poder tribunício sem esperar pelas votações reflete, para Gibbon, em falta de negociação entre o imperador e o senado para que ambos estivessem de acordo com essas nomeações. Há ainda outra passagem em que Dião relata que Heliogábalo nomeia um dançarino chamado *Comazon* ao cargo de prefeito do pretório, tendo ele reincidido no posto diversas vezes por vontade do *Princeps*, e por essa razão Dião acusa o imperador de desrespeitar a constituição (*Dião Cássio*, LXXX, 3.5; 4.1-4.2). Destarte, em concordância com Dião Cássio, Gibbon faz a acusação de que Heliogábalo agia sem respeitar a constituição. Pela mesma razão, isto é, de o imperador, na representação construída por Dião, não agir em negociação com o senado, Heliogábalo é chamado de déspota pelo historiador setecentista. Herodiano apresenta outro relato que está de acordo com essas acusações de Gibbon: a afirmação de que Heliogábalo nomeava libertos e artistas para ocupar postos administrativos importantes (*Herodiano.*, V, 7.6-7.7), sem respeitar a hierarquia estabelecida pela tradição do *Cursus Honorum*.

O rótulo de efeminado, que é usado como adjetivo para descrever Heliogábalo, por Gibbon, é também encontrado nas narrativas de Dião Cássio e Herodiano, quando descrevem o comportamento e os hábitos do imperador. Segundo Herodiano, para os romanos a maneira de Heliogábalo se vestir era mais relacionada às mulheres do que aos homens e por esse motivo sua avó, Maesa, desejava que o imperador trocasse suas roupas antes de se apresentar ao senado romano, todavia sem conseguir convencer o seu neto (*Herodiano.*, V, 5.5). Para melhor demonstrarmos essas descrições de Herodiano das indumentárias e acessórios ostentados pelo imperador, citaremos uma passagem de *História do*

*Império Romano:*

“Se vestia com os mais caros tecidos de púrpura e ouro e se adornava com colares e braceletes; em sua cabeça levava uma coroa em forma de tiara coberta de ouro e pedras preciosas. Seu traje estava entre as vestimentas de sacerdotes fenícios e a luxuosa indumentária dos medos. Detestava os vestidos romanos e gregos porque, dizia, eram feito de lã, uma matéria prima pobre. Só gostava de tecidos de seda.” (*Herodiano.*, V, 5.3-5.4).

Em concordância com essas características que Herodiano tece ao *Princeps*, Dião Cássio pontua vários comportamentos de Heliogábalo que, para ele, fazem do imperador um efeminado. Em um desses apontamentos Dião afirma que Heliogábalo procurava imitar as mulheres enquanto se relacionava com seus amantes homens. Em outro trecho descreve que o imperador desejava que seus órgãos genitais fossem retirados. Por fim acusa o *Princeps* de se prostituir no palácio e de dar ares de satisfação do lucro que obtinha de seus clientes (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1-11.2; 13.1-13.4).

Desse modo, podemos perceber que Gibbon, ao dizer que Heliogábalo era indecoroso, efeminado e extravagante, repete as afirmações presentes nos documentos escritos por Dião Cássio e Herodiano. Este último, como relatamos, faz descrições das vestimentas e acessórios usados pelo imperador, o que fazia com que os romanos o associassem com o feminino (*Herodiano.*, V, 5.3-5.5). Por outro lado há também as acusações de Dião Cássio por nós descritas: de que o imperador imitava uma mulher nas relações com seus amantes homens, de que se prostituía no palácio e também que procurava se parecer fisicamente com uma mulher (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1-11.2; 13.1-13.4; 14.4). Todavia, acreditamos que Gibbon, ao reproduzir a acusação dos documentos de que Heliogábalo era efeminado, atribui a essa palavra o significado que ela tinha na sociedade britânica no século XVIII ao invés de rerepresentar o sentido do termo tal como era compreendido na antiguidade clássica<sup>11</sup>.

Em relação aos motivos de Gibbon ter repetido as críticas, descritas acima, que Dião Cássio e Herodiano fazem à Heliogábalo, podemos atribuir à metodologia de pesquisa em história predominante na Inglaterra do século XVIII, segundo a qual

---

<sup>11</sup> Na antiguidade ocidental greco-romana, o termo efeminado estava mais associado ao homem que era o passivo em uma relação sexual com outro homem, e não ao ativo na relação.

os documentos revelavam a verdade histórica. Por outro lado, Gibbon foi influenciado pelas crenças da elite intelectual britânica do setecentos, e escreveu *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* projetando na obra os valores dos acadêmicos que viveram no Império Britânico, do qual eram súditos<sup>12</sup>.

Sobre essa ideia dominante no século em que viveu Gibbon, segundo a qual os documentos apresentam a verdade incontestável, demonstraremos a hegemonia da concordância de grandes pesquisadores do Império Romano do século XVIII com a afirmação de Dião Cássio, isto é, de que depois da queda da dinastia Antonina o império entrou em um período de decadência. A fim de realizarmos essa demonstração mencionaremos outro grande pesquisador que segue o raciocínio de Dião. Trata-se do estudioso germânico Johann Joachim Winckelmann, arqueólogo e historiador da arte. Em sua obra, *Geschichte der Kunst des Alterthums*, publicada em 1764, Winckelmann (1955, p.1063-1065) demonstra concordar com a lógica de declínio pós Antonino expressa por Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXII, 36.4), ao declarar que depois da morte do imperador Cômodo a arte entrou em uma fase de decadência no Império Romano. Entre os comentários que o autor faz da dinastia Severa, há a afirmação de que os monumentos erigidos durante o principado de Septímio Severo, tais como os baixo-relevos que decoram o arco de Septímio, são evidências da decadência artística que se desenvolvia naquele período. Winckelmann também descreve as estátuas que Caracala havia ordenado erigir durante seu governo, entre elas a do gladiador Bato, da Villa Pamfili e as estátuas que homenageavam Alexandre Magno. Em relação aos comentários sobre obras de arte construídas durante o principado de Heliogábalo, o autor descreve uma estátua em tamanho natural de uma mulher já com certa idade com traços masculinos, que usa vestido e tem cabelos lisos e presos para trás. Em sua mão esquerda, a escultura segura um rolo escrito, o que faz Winckelmann pensar que seja a mãe de Heliogábalo, Júlia Soemia.

Muito próximo no tempo a Gibbon e Winckelmann, entre as últimas décadas do século XVIII e os primeiros decênios do século XIX, viveu o historiador Barthold

---

<sup>12</sup> Pensamos que é importante recordar que segundo o próprio Edward Gibbon (1923, p.31) em sua obra *My Life and Writings (Autobiography of Edward Gibbon: as originally edited by lord Sheffield)*, ele foi matriculado na universidade de Oxford, pouco antes de completar quinze anos de idade, no dia três de abril de 1752.



Georg Niebuhr. Sua obra histórica mais conhecida é chamada *Römische Gefchichte*. Este trabalho, iniciado com uma dedicatória ao rei prussiano Frederico Guilherme III, é um estudo da civilização romana desde os seus primórdios até o fim do Império Romano ocidental. Entre os tomos em que a obra foi dividida podemos encontrar a descrição da dinastia dos Severos no quinto volume. Em sua exposição da dinastia Severa, Niebuhr descreve Heliogábalo como mais feroz do que o imperador Calígula e menos talentoso do que Nero e, dessa maneira, compartilha com esses dois da má fama. Em sua interpretação, o nome de Heliogabalo foi o mais marcado na história romana e o *Princeps* teria sido autor de atos monstruosos durante seu governo (NIEBUHR, 1845, p.365-366).

Essa comparação realizada por Niebuhr entre os imperadores Heliogábalo, Nero e Calígula se desenvolveu a partir de uma premissa: os três sofreram a *Damnatio Memoriae*, ou seja, tiveram suas memórias condenadas pelo senado romano. Dessa forma os três imperadores comparados foram muito criticados em suas retratações documentais que chegaram até os nossos dias. Calígula é marcado pelos documentos como um imperador que ordenou muitos assassinatos durante o período em que esteve no poder. Desse modo, acreditamos que quando Niebuhr declara que Heliogábalo foi mais feroz do que Calígula, o autor se refere às acusações feitas por Dião Cássio de que Heliogábalo ordenou assassinar várias pessoas nos anos em que governou. Entre eles estavam Triciano e Castino, líderes de legiões romanas e Sula que governava a Capadócia. Outro nome mencionado, dentre os que foram executados, foi Seio-Caro que era neto de um antigo prefeito de uma cidade, porque era influente e comandava soldados estacionados no monte albano. Segundo Dião, o imperador havia ordenado assassinar Valeriano Peto, porque este havia colocado sua efígie em peças de ouro e estava sob suspeita do imperador de planejar uma rebelião. Do mesmo modo, Silio Messala e Pomponio Basso foram condenados à morte pelo senado por não concordarem com a forma de Heliogábalo governar (*Dião Cássio*, LXXX, 4.3-4.7; 5.1- 5.2). Para expormos a gravidade com a qual Dião relata os assassinatos que foram cometidos durante o governo de Heliogábalo, citaremos em seguida uma passagem de sua obra, na qual ele afirma que o imperador matou também o seu padrasto:



“...mas por causa do seu assassinato em Nicomedeia no início do seu governo, Ganis, o homem que havia provocado a insurreição, que levou ele ao acampamento, que provocou a revolta dos soldados, que deu a ele a vitória sobre Macrino, e que foi o seu pai adotivo e guardião, era considerado um dos mais ímpios dos homens. Com certeza, Ganis estava vivendo luxuosamente e adorava aceitar subornos, mas apesar disso ele não fazia mal a ninguém e concedia benefícios a muitas pessoas. Mais do que todos, ele demonstrou grande zelo pelo imperador e era completamente satisfatório para Maesa e Soemia, pela primeira porque havia sido criado por ela, e pela última porque era virtualmente o seu esposo. Mas não foi de modo algum por causa disso que o imperador o colocou fora de seu caminho, até porque ele queria conceder-lhe um contrato de casamento e nomeá-lo César; era mais porque era forçado por Ganis a viver com temperança e prudência. E foi ele mesmo o primeiro a desferir o golpe mortal em Ganis com sua própria mão, já que nenhum dos soldados teve a coragem de ser o primeiro a matá-lo.” (*Dião Cássio*, LXXX, 6.1-6.3)

A essa descrição de Dião de que Heliogábalo havia decretado o assassinato de vários homens, podemos também acrescentar um relato semelhante na obra de Herodiano. Nela é narrado que embora Heliogábalo parecesse não fazer outra coisa além de celebrar sacrifícios e dançar, ordenou a morte de homens ricos e ilustres porque estes discordavam do comportamento do imperador e de sua forma de viver (*Herodiano*, V, 6.1). Destarte as narrativas de Dião Cássio e Herodiano contribuíram com descrições que permitiram a comparação estabelecida por Niebuhr entre Heliogábalo e Calígula, e conseqüentemente determinaram na acusação do autor de que o primeiro havia governado com ferocidade e que teria executado atos monstruosos durante os anos em que foi imperador.

Essa concordância de Niebuhr com Dião Cássio e Herodiano em relação às características que estes atribuem ao imperador Heliogábalo, é comum entre os acadêmicos do século XIX. Isso acontece porque naquele século, tal como no anterior, os historiadores acreditavam que os documentos expressavam a verdade histórica, ou seja, não havia nenhuma crítica à parcialidade da documentação.

Em relação à outra comparação estabelecida por Niebuhr, na qual afirma que Heliogábalo foi menos talentoso do que Nero, acreditamos ser importante associar à característica que marcou os dois imperadores: ambos foram artistas. A documentação, remanescente aos nossos dias, que descreve o principado de Nero, o retrata como um artista e cantor. Em nossa leitura da narrativa de Herodiano não pudemos deixar de notar as características de artista que este atribui à Heliogábalo, entre elas que o imperador dançava e apreciava os mímicos e intérpretes, que ordenou a construção de teatros e que obrigava aos senadores o assistirem em

suas práticas ritualísticas como se estivessem em um espetáculo teatral (*Herodiano*, V, 2. 4; 5.3-5.9; 6.6). Na obra de Dião Cássio, o outro relato por nós estudado, encontramos as alegações de que Heliogábalo dançava em várias ocasiões: enquanto andava, nas ocasiões em que celebrava sacrifícios, ao ser saudado, e quando fazia um discurso. Além do mais Dião também conta que o imperador tinha o hábito de pintar os olhos e que promoveu um dançarino, chamado Comazon, para o cargo de prefeito do pretório (*Dião Cássio*, LXXX, 3, 5; 4.1-4.2; 14.3-14.4) conforme já denotamos. Desse modo podemos constatar que ao Niebuhr avaliar os documentos escritos por Dião Cássio e Herodiano, encontrou características descritivas de Heliogábalo que o associavam com um artista, e isso possibilitou a sua comparação com o imperador Nero.

Por conseguinte verificamos uma semelhança peculiar entre as narrativas de Gibbon e Niebuhr: os dois autores reproduzem acriticamente o conteúdo dos documentos de autoria de Dião Cássio e Herodiano no que se refere aos comentários depreciativos que eles compõem para se referirem à Heliogábalo. No entanto isso ocorre devido a forma de se fazer história nos séculos XVIII e XIX, onde o conteúdo dos documentos era tido como verossímil. Também é válido lembrar que além da semelhança metodológica, os dois autores escreveram suas obras, sobre o Império Romano, influenciados pelos valores de sociedades imperialistas: Gibbon era súdito do Império Britânico e Niebuhr dedicou sua obra ao imperador da Prússia: Frederico Guilherme III.

No século seguinte ao da morte de Niebuhr foi publicado o primeiro trabalho acadêmico dedicado a estudar exclusivamente o principado de Heliogábalo intitulado *The amazing emperor Elagabalus*, de 1911. O autor da obra foi um britânico, chamado John Stuart Hay. Nesta obra o autor propõe que as críticas de Dião Cássio e Herodiano à Heliogábalo não foram imparciais e que os dois procuravam justificar o assassinato de Heliogábalo para legitimar o governo do seu sucessor imperial e primo, Severo Alexandre (HAY, 1911, p.7-9). Em sua tese Hay defende que Heliogábalo era adorado pela população e que foi o primeiro imperador a tentar implantar o monoteísmo no império, através do culto à divindade do sol, chamada Elagabal. Este obra é de grande importância para a nossa pesquisa, pois empregamos, em um mesmo sentido que Hay, a determinante de que as críticas

elaboradas por Dião Cássio e Herodiano ao imperador são parciais e resultantes de disputas no cenário político imperial.

A concepção na obra de Hay, de que Heliogábalo tentou implantar o monoteísmo no Império Romano, foi formulada pelo autor através da leitura da documentação utilizada, que foi instrumentalizada por Hay para compor a sua teoria. Podemos encontrar, nas narrativas de Dião Cássio e Herodiano, descrições de que Heliogábalo introduziu em Roma o culto do deus Elagabal, originário na cidade síria de Emesa. Sobre as estruturas materiais que proporcionaram o culto a essa divindade, citaremos uma passagem da obra de Herodiano para demonstrá-las, na qual ele descreve como era o santuário de Elagabal na Síria:

“Bassiano teria uns catorze anos e Alexiano estava com dez. Os dois rapazes eram sacerdotes do deus do sol, a quem veneram os habitantes daquela região com o nome fenício de Elagabal. Este povo o construiu um grandioso templo, sem economizar em ouro e prata e com muitas pedras preciosas. Não apenas o cultuam os habitantes do lugar, mas também todos os sátrapas vizinhos e os reis bárbaros a cada ano enviam oferendas caras ao deus bárbaro com a intenção de se distinguir. Não se vê nenhuma estátua que represente o deus feita pelas mãos do homem, como as dos gregos e romanos. Há, entretanto, uma enorme pedra, redonda na base e terminada em ponta por cima, cônica e de cor negra. Asseguram com orgulho que ela teria caído do céu e mostram algumas pequenas incisões salientes na superfície; acreditam que é a imagem do sol, na qual a mão do homem não interveio, e assim é como a vêem.” (*Herodiano*, V, 3.3- 3.6)

Em relação à introdução da adoração ao deus Elagabal em Roma, Herodiano descreve que o imperador enviou um retrato dele próprio cultuando Elagabal ao senado romano antes de se dirigir à capital do Império. Heliogábalo ordenou que a imagem fosse pendurada acima da cabeça da estátua da Vitória e que cada senador deveria acender um incenso e fazer uma libação de vinho quando chegasse ao local onde estava pendurada a imagem. Foi também determinado por Heliogábalo que os senadores deveriam prestar culto à Elagabal com precedência em relação aos outros deuses. Depois de chegar a Roma, o imperador deu a ordem para a construção de um templo grandioso e belíssimo ao deus Elagabal, ao redor do qual levantou muitos altares. Do mesmo modo, Herodiano também relata que o Príncipeps decidiu que fosse construído outro santuário à Elagabal fora das fronteiras de Roma para o qual, durante cada um dos anos em que governou, transportou o deus durante os verões (*Herodiano*, V, 5.7-5.8; 6.6).

Acreditamos que essa descrição desenvolvida por Herodiano, em relação ao



imperador ter obrigado aos senadores a prestarem culto à Elagabal em precedência aos outros deuses, certamente influenciou Hay em sua tese de que Heliogábalo procurava implantar o monoteísmo no Império, embora o documento não afirme que Elagabal era o único deus cultuado pelos senadores. Do mesmo modo, em nossa análise da obra *Historia Romana* de Dião Cássio, utilizada por Hay como fonte documental, observamos que Dião também tece comentários sobre a implantação do deus de Emesa em Roma, mas que também demonstra que Elagabal não era o único deus adorado. Faremos uma citação da obra de Dião Cássio em que ele descreve essa implantação de Elagabal na capital do Império Romano, para demonstrarmos que em sua tese Hay instrumentaliza a documentação, mas sem concordar com todas as afirmações de Dião, já que o autor afirma que Heliogábalo impantou o monoteísmo em Roma e, todavia, Dião conta que Heliogábalo apenas colocou Elagabal no topo da hierarquia dos deuses:

“A ofensa consistiu, não em ele introduzir um deus estrangeiro em Roma, ou em exaltá-lo de formas muito estranhas, mas em colocá-lo antes do próprio Júpiter e fazer com que ele próprio fosse votado para ser o seu sacerdote, também por ter circuncisado a si mesmo e se abstinido de comer carne suína, pela razão de que assim sua devoção seria mais pura. Ele havia planejado, de fato, cortar fora os seus órgãos genitais, mas esse desejo era movido unicamente pela sua efeminação; a circuncisão que ele realizou era um requerimento para ser sacerdote de Elagabal, e assim ele mutilou vários de seus companheiros do mesmo modo. Além do mais, ele era frequentemente visto mesmo em público usando o vestido bárbaro que os sacerdotes sírios usam, e isso tem muito a ver com o apelido “O assírio” que ele recebeu.” (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1-11.2).

Analisando essas passagens dos documentos escritos por Dião Cássio e Herodiano, constatamos que os dois fornecem descrições nas quais o imperador e os senadores romanos realizam com precedência o culto à Elagabal em relação aos outros deuses adorados em Roma, durante os anos em que Heliogábalo esteve no poder. Esses dois relatos foram instrumentalizados por Hay para formular sua hipótese de que houve uma tentativa de implantação do monoteísmo no Império Romano. No entanto, como podemos verificar na documentação por nós analisada, a implantação do culto à Elagabal em Roma não impediu que as outras divindades fossem adoradas, mas apenas alterou a hierarquia em que cada deus deveria ser venerado. Todavia, observamos nesta teoria de Hay uma maior semelhança com as



informações contidas na biografia de Heliogábalo da *História Augusta*, documento datado do século IV d.c. Na *História Augusta* há o relato de Elio Lampridio, no qual Heliogábalo ordena construir um templo ao deus Elagabal em Roma, e prescreve que fossem introduzidos nesse templo a imagem da mãe dos deuses, o paládio, o fogo da deusa Vesta, os escudos sagrados e os demais objetos de culto venerados pelos romanos. Além disso, segundo Lampridio Heliogábalo desejava transladar ao templo de Elagabal o culto judaico, o samaritano e o cristão para que os sacerdotes desse santuário possuíssem o segredo de todas as religiões (*HA*, XVII, 3.4-3.5). Desse modo, Hay não reproduziu os relatos de Dião Cássio e Herodiano, mas criou uma teoria que está em contradição com o que esses dois autores dizem e que, todavia, demonstra concordar com a *Historia Augusta*, ao declarar que Heliogábalo procurava estabelecer o monoteísmo. Do mesmo modo Hay desconfia das intenções de Dião Cássio e Herodiano ao condenarem o comportamento de Heliogábalo em suas exposições, propondo que através do relato difamatório ao *Princeps* os dois autores pretendiam justificar o assassinato dele e legitimar a nomeação de seu primo Severo Alexandre como imperador. Por conseguinte podemos observar uma grande diferença entre o uso da documentação por Hay com os outros dois autores por nós avaliados: Gibbon e Niebuhr. Estes dois últimos não fizeram uma avaliação crítica das obras documentais, enquanto que Hay estabelece uma discordância em relação ao que os documentos relatam em determinadas passagens.

Observamos também que Hay, em sua obra, discorda da acusação que Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 4.2) fez de que Heliogábalo desrespeitava a constituição e declara que a ordem política e legislativa provinha da vontade do imperador (HAY, 1911, p.80). Mais uma vez observamos que Hay se diferencia de Gibbon, já que este último, nos comentários que faz à Heliogábalo em *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, reproduz a ideia de Dião Cássio de que Heliogábalo não respeitava a constituição (GIBBON, 1845, p.144). Durante o desenvolvimento de nossa análise também percebemos que Hay (1911, p.103) retrata Heliogábalo como uma criança inocente, que recebeu um poder para o qual não havia sido preparado para exercer e que por esse motivo governou sem maturidade, sendo, portanto mais digno de pena do que de censura. Heliogábalo havia sido direcionado ao sacerdócio em sua prévia educação, e por isso não teve

êxito em se comportar de outro modo quando assumiu o governo imperial, de acordo com o autor. Na sua análise das fontes materiais pertinentes ao principado de Heliogábalo, através principalmente de inscrições em moedas que continham a sua efígie, Hay desenvolve a hipótese de que a população adorava Heliogábalo (HAY, 1911, p.104-105). No entanto, o autor concorda com a representação da aparência feminina de Heliogábalo retratada por Dião Cássio e Herodiano. Em uma passagem de sua obra Hay diz que as vestimentas sírias usadas por Heliogábalo, assim como sua tiara, jóias e braceletes e seus olhos pintados o faziam parecer uma cortesã persa ou egípcia (HAY, 1911, p.110).

Poucos anos após a obra de Hay entrar em circulação, um livro sobre a província romana da Síria foi publicado em 1916. Foi intitulado *Syria as a Roman Province* sob a autoria de Edmund Spenser Bouchier. A obra trata dos quadros históricos, étnicos, religiosos e culturais da Síria durante o período em que a região esteve anexada aos domínios do Império Romano. Quando, em sua obra, apresenta o imperador Heliogábalo, Bouchier (1916, p. 101) descreve o imperador como apreciador das cores, dos banquetes, das jóias, dos colares e braceletes, das danças, das procissões e de tudo o que era extravagante. Diz que seus rituais eram esplêndidos, para os quais se realizavam caros sacrifícios em altares cheios de perfumes, e ricos vinhos eram colocados junto a eles e misturados com o sangue das vítimas.

Em nossa leitura da descrição que Bouchier faz das joias e cores apreciadas pelo imperador, assim como às cerimônias realizadas por Heliogábalo, e a maneira como o autor ressalta a beleza dessas práticas ritualísticas, percebemos que ele faz uma seleção da documentação ao escolher reproduzir as características que somente Herodiano confere aos rituais e ao modo de se vestir do *Princeps*. Chegamos a esse entendimento porque em nossa leitura dos documentos percebemos que enquanto Dião Cássio apenas crítica os ritos e sacrifícios praticados pelo imperador, Herodiano ora os elogia. Segundo este último Heliogábalo era belo fisicamente, se vestia com túnicas bordadas a ouro e púrpura, usava uma coroa com pedras preciosas coloridas em sua cabeça, se tornando comparável com as estátuas do deus Dionísio. Relata também que o imperador sacrificava uma hecatombe de gado e ovelhas todos os dias ao seu deus e os

colocava sobre altares que continham diversas plantas aromáticas. Ânforas de vinhos finos eram esvaziadas nesses mesmos altares, de modo que vinho e sangue corriam juntos (*Herodiano*, V, 3.6-3.7; 5.8). Apresentaremos em seguida, para demonstrar que Bouchier selecionou a obra de Herodiano para descrever as práticas culturais de Heliogábal, uma citação à *História do Império Romano* que descreve o comportamento do imperador durante os rituais de sacrifício ao deus Elagabal:

“Antonino dançava em torno dos altares ao som de todos os tipos de instrumentos. E com ele dançavam mulheres fenícias, rodeando os altares com címbalos e tambores em suas mãos. Todo o senado e a ordem equestre estavam ao seu redor como se estivessem sentados no teatro. As entranhas das vítimas do sacrifício e os aromas não eram quaisquer mulheres ou homens comuns que os levavam em vasilhas de ouro sobre a sua cabeça, mas sim os que ocupavam a prefeitura do pretório e altos cargos, vestindo túnicas talares de largas mangas ao estilo fenício com uma faixa púrpura no centro. Usavam calçados feitos de linho como aquele usado pelos sacerdotes dos oráculos fenícios. Se considerava que alcançavam uma grande honra aqueles a quem permitia participar nos sacrifícios.” (*Herodiano*, V, 5.9-5.10)<sup>13</sup>

Verificamos também no livro de Bouchier (1916, p. 101), a mesma hipótese formulada por Hay, isto é, de que Heliogábal tentou implantar o monoteísmo no Império Romano. Para alimentar essa teoria, o autor descreveu objetos sagrados de outros cultos que foram adaptados à adoração de Elagabal, tais como o paládio romano e a efígie em pedra da deusa cartaginesa Astarte. Sobre o vínculo da deusa Astarte com Elagabal, a documentação nos fornece informações. Herodiano nos conta que Heliogábal desejou casar a estátua de Elagabal com a de Palas Atena, mas que depois desistiu desta ideia por ela ser uma divindade simpatizante da guerra. Procurou então outra deusa para substituí-la no casamento. Por fim ordenou que trouxessem a estátua da deusa lunar Urania, cultuada pelos cartagineses, também conhecida como Astarte. Em consequência foi efetuado o casamento entre Elagabal e Astarte, o primeiro representando o sol e a segunda representando a lua, e o imperador decretou que esse evento fosse celebrado em Roma e em toda a península itálica (*Herodiano*, V, 6.3-6.5). Em nossa análise da obra de Dião Cássio, também encontramos uma passagem em que relata o casamento de Elagabal com a

---

<sup>13</sup> Observamos que no rito romano tradicional os senadores não são obrigados a participarem do culto do mesmo modo que no governo de Heliogábal.



Urania cartaginesa, e que ela foi escolhida pelo imperador para casar-se com o seu deus porque era bem nascida e não era pobre (*Dião Cássio*, LXXX, 12.1-12.2).

Com relação aos aspectos depreciativos que a documentação atribui ao comportamento de Heliogábalo e sua maneira de governar, Bouchier (1916, p. 101) afirma que há um exagero nas críticas que retratam o imperador como um monstro da iniquidade. Também argumenta que reprovações semelhantes a outros indivíduos voltados a práticas de adoração às divindades da Síria não eram incomuns. Heliogábalo é caracterizado pelo autor como imaturo e desatinado pelo esplendor da posição de imperador que precisou ocupar. Por esse motivo, diz Bouchier (1916, p. 101), ele foi lembrado como um dos mais odiados príncipes romanos. Percebemos nesse estudo realizado pelo autor que ele desconfia das críticas feitas pelas fontes à Heliogábalo, do mesmo modo que Hay, contudo acredita que o imperador se desestabilizou mentalmente em consequência do excesso de poder que adquiriu ao se tornar o *Princeps*.

Em prosseguimento aos autores do século XX mencionados por nós, destacamos a obra *Rome* publicada em 1927 do historiador russo Mikhail Rostovtzeff. Esse livro aborda desde a Roma pré-histórica até o declínio do Império Romano. Na parte do trabalho em que Rostovtzeff trata do século III d.C, o imperador Heliogábalo é descrito como um fanático religioso que introduziu hábitos e costumes da teocracia síria em Roma. Além disso, o autor afirma que a implantação dos costumes e da religião de Heliogábalo na capital do Império humilhou os estratos altos e médios da sociedade romana (ROSTOVITZEFF, 1983, p.255-256).

Na nossa análise da afirmação que Rostovtzeff (1983, p.255) de que Heliogábalo implantou uma teocracia síria em Roma, acreditamos que o autor generaliza o que era a religião na província romana da Síria, já que Heliogábalo introduziu na capital romana as práticas religiosas de sua cidade natal, Emesa, o que não corresponde às tradições de toda aquela província. Sobre a outra declaração de Rostovtzeff (1983, p.256) de que os estratos médios e altos da sociedade romana foram humilhados com as práticas culturais impostas por Heliogábalo, acreditamos que o autor não levou em consideração a confluência cultural que havia no Império Romano no século III d.C, e também analisou a questão sob um ponto de vista religioso apenas, e ignorou as implicações políticas

em meio à confluência e resistência cultural que marcou aquele período.

Faremos agora um salto historiográfico de 1927 diretamente ao século XXI, porque acreditamos já ter demonstrado alguns autores que, desde o século XVIII até o início do XX, concordavam com as críticas que Dião Cássio e Herodiano tecem à Heliogábalo, com exceção de Hay e Bouchier. Agora partiremos para o século XXI que é o período historiográfico de nosso maior interesse, para demonstrar que há uma tendência na historiografia contemporânea a continuar concordando com as críticas à Heliogábalo existentes na documentação, como também na historiografia do período moderno ao início da contemporaneidade, tal como fizeram Gibbon e Niebuhr, exceto em alguns autores que discutiremos em breve.

Entrando no século XXI, foi colocada em circulação a obra *The Roman Empire from Severus to Constantine* de autoria de Pat Southern, datada de 2001. Nessa obra Southern faz uma análise do Império Romano em um recorte temporal que vai do final do século II d.C até o IV d.C. O livro foi dividido em sete capítulos, contendo também uma introdução. No segundo capítulo, *Emperors and Usurpers 180-260*, o autor descreve a cronologia dos imperadores que viveram durante esses anos anunciados no título, e entre eles a sucessão dos membros da dinastia Severa.

. Em nossa leitura do capítulo observamos que Southern (2004, p.58) critica a adoração do deus Elagabal decretada pelo imperador descrevendo-a como estranha e apaixonada, e desse modo demonstra concordar com o relato de Dião quando este diz que o imperador exaltava o seu deus de maneiras muito estranhas (Dião Cássio, LXXX, 11.1). Rafael González Fernández e Miguel Sancho Gomés no artigo escrito em conjunto *Pautas para el estudio de la relación emperadores – senado (197-251)* dentro da obra *Antigüedad y Cristianismo: Monografías históricas sobre la Antigüedad Tardia*, de 2006, dizem que Heliogábalo provavelmente enfureceu os habitantes de Roma ao implantar Elagabal no panteão romano e ordenar que o culto a ele tivesse preeminência em relação aos outros deuses (GONZÁLEZ FERNÁNDEZ; SANCHO GOMÉS, 2006, P.67). Desse modo González Fernández e Sancho Gomés entram em contradição com a teoria de Hay, segundo a qual Heliogábalo era adorado pela população (HAY, 1911, p.104-105).

Sobre a construção da imagem condenada do imperador a partir das obras de Dião Cássio e Herodiano, Martijn Icks em seu artigo *Heliogabalus, a monster on*

*the Roman throne: The literary construction of a "bad" emperor*, de 2006, descreve que nas narrativas de Herodiano e Dião Cássio, os dois autores procuram associar Heliogábalo aos conceitos pré-existentes e hegemônicos no Império Romano em relação aos povos orientais. Segundo Icks (2006, p.5-7), na visão popular dos romanos os orientais eram descritos como fracos e efeminados. Em seu estudo, quando Dião Cássio e Herodiano chamam Heliogábalo de oriental, os dois estabelecem uma conexão entre o imperador e a visão estereotipada que havia no império sobre os orientais. De acordo com esse autor, há também um interesse de Dião Cássio em comparar Heliogábalo ao mítico rei assírio *Sardanapalus*, que vivia como uma mulher entre suas concubinas e só se importava em comer, beber e fazer sexo. Essa comparação é verificável quando Dião rotula Heliogábalo de Sardanápalo, em lugar de dizer o nome oficial do imperador.

Observamos, no entanto, que Icks não se preocupa com a característica marcante do Império Romano no período em que Heliogábalo governou, isto é, o século III d.C: nesse momento histórico o Império era composto de vários povos provenientes da Europa, do norte da África e do Oriente Médio. Por esse motivo podemos constatar, em nossa análise do artigo de Icks, que ele generaliza os valores que atribui aos romanos, porque não especifica à quais grupos sociais e étnicos dentro das fronteiras do Império Romano ele se refere quando diz que os romanos consideravam os orientais efeminados e fracos (ICKS, 2006, p. 5). Em outras palavras, o autor não problematiza a confluência cultural que marcou o século III d.C.

Em nosso estudo, verificamos uma conformidade com as críticas existentes na documentação ao comportamento de Heliogábalo na tese *Magic and the Roman Emperors* submetida por Georgios Andrikopoulos, na universidade de Exeter, em 2009. Em sua tese, Andrikopoulos (2009, p.121-127) acusa Heliogábalo de desprezar os costumes romanos sagrados ao se casar com uma sacerdotisa da deusa Vesta, que deveria permanecer virgem e solteira durante a vida. Há também nesta obra, de modo semelhante à Niebuhr, a comparação de Heliogábalo ao imperador Nero, todavia de uma maneira diferente: Andrikopoulos faz alusões ao uso da magia pelos dois príncipes e não explora a conexão de ambos com o meio artístico como faz Niebuhr. Diferentemente de Stuart Hay e Edmund Bouchier,



Andrikopoulos declara que Heliogábalo não tentou implantar o monoteísmo no Império Romano, mas sim o Henoteísmo, ou seja, a adoração de uma só divindade, mas sem proibir o culto aos demais deuses. Em sua análise, observa que Dião Cássio elucida mais indignação em suas críticas ao imperador do que Herodiano, e justifica a mudança entre as duas narrativas na diferença de origem e posição social entre os dois autores: o senador Dião Cássio contrapondo-se à suposta procedência estrangeira e não-romana de Herodiano.

Sobre essa tendência em analisar acriticamente a documentação em relação à historiografia que discute o principado de Heliogábalo, notamos que mesmo no século XXI vários autores ainda concordam com Dião Cássio e Herodiano. Na tese *Imperial legitimacy in the Roman Empire of the Third Century: AD 193 – 337* de Matthew Kraig Shaw, B.Com., B.A. (Hons) e M.Teach, submetida em 2010 pela universidade da Tasmânia, podemos observar a declaração de que o comportamento de Heliogábalo era extremamente não tradicional, e isso inclui a sua religiosidade. A maneira de Heliogábalo conduzir a política teria prejudicado a sua legitimidade enquanto imperador. Segundo os quatro autores da obra, a prática não romana do culto à Elagabal demonstra a falha de Heliogábalo em cumprir os deveres esperados de um imperador romano (SHAW; COM.; A.(HONS); TEACH, 2010, p.153).

Verificamos também essa concordância com a documentação na descrição que Michael Sommer faz do imperador e sua religiosidade em seu artigo *Glocalising an Empire: Rome in the 3rd Century AD*, no décimo quinto capítulo da obra *Regionalism and Globalism in Antiquity: Exploring Their Limits* editado por Franco de Angelis, de 2013. Em sua análise da adoração à Elagabal por Heliogábalo Sommer (2013, p.344-345) descreve, usando Herodiano como referência, que mesmo a representação do deus Elagabal não era uma estátua como nas adorações de deuses greco-romanos, mas sim uma pedra. O imperador era o alto sacerdote do deus solar, e executava seus ritos com músicas e danças exóticas. Desse modo, por Heliogábalo ser familiarizado com o templo de Emesa, Sommer o declara a antítese da *Paideia* e também um anti-Marco Aurélio.

Ao afirmar que Heliogábalo era um anti-Marco Aurélio, Sommer (2013, p.344-345) concorda com a documentação, que procura descrever Heliogábalo

como um imperador que não se comporta como um romano. A outra afirmação desse mesmo autor, sobre Heliogábalos representar a antítese da *Paideia*, demonstra que Sommer ignora a dinâmica que havia entre a cultura oral e a cultura escrita demonstrada por Jan Assmann (2008, p. 109-118), por meio da qual se intercalava a confluência e a resistência cultural.

A respeito do relato de Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 2.2- 2.3) de que Heliogábalos assumiu o título de imperador e alguns outros sem esperar pelas votações do senado, Southern (2004, p.58) descreve que Macrino, o imperador anterior à Heliogábalos, havia governado de maneira semelhante.

Entre os estudos que relacionam o governo de Heliogábalos com o de seu antecessor, Macrino, é importante considerar o artigo de Andrew G. Scott *The legitimization of Elagabalus and Cassius Dio's Account of the Reign of Macrinus* disponível ao público desde 2013 e inserido no primeiro volume do *Journal of Ancient History* publicado pela editora *De Gruyter*, entre as páginas 242 e 253. Em sua hipótese, Scott (2013, p. 242-253) declara que a campanha realizada por Heliogábalos para legitimizar o seu poder influenciou diretamente no relato que Dião Cássio faz de Macrino durante os meses em que este foi imperador. Entre as acusações contra Macrino promovidas por Heliogábalos observamos a crítica à baixa origem do primeiro, e em consequência a afirmação de que o título de imperador estaria muito além de sua posição. Heliogábalos também desaprovava a alegação de Macrino de que ele era muito jovem para governar, sendo que aquele nomeou seu filho Diadumeniano, que era mais jovem do que Heliogábalos, com o título de Augusto. Por fim, o *Princeps* acusou Macrino de ter planejado o assassinato de Caracala, que ele alegava ser seu pai, e que por isso ele teria que eliminar Macrino para se vingar e honrar a sua dinastia. Nessa hipótese desenvolvida por Scott, em seu artigo, essas alegações que denegriam Macrino, instrumentalizadas por Heliogábalos para legitimar o seu poder, influenciaram nas críticas que Dião Cássio faz à Macrino quando narra o período em que este governou.

Em relação a essas políticas de Heliogábalos para aniquilar qualquer vestígio remanescente do governo de Macrino, Southern (2004, p.58) declara que a nomeação pelo imperador de *Comazon* ao cargo de prefeito de pretório, tão criticada por Dião Cássio e Herodiano, é justificada pelo autor como um modo de Heliogábalos

se desvencilhar dos aliados de Macrino e aparelhar os seus próprios subordinados em cargos administrativos no Império Romano. Tais homens favorecidos por Heliogábalo e implantados em altas posições de poder são avaliados por Andrikopoulos (2009, p.121) como indivíduos completamente incompetentes para exercerem essas funções.

Destarte Southern (2004, p.58) considera possível que o senado não suspeitasse do caráter de Heliogábalo antes dele assumir o poder imperial, e nem da influência política das princesas sírias, isto é, a mãe, a tia e a avó do imperador. Contudo, segundo a concepção de Sommer (2013, p.345), outro autor por nós estudado, Heliogábalo não era o tirano paranoico que a historiografia usualmente descreve para entreter o público. Em sua interpretação, o relato que Herodiano faz do *Princeps* demonstra que a erudição clássica e greco-romana canonizada não detinha mais do monopólio cultural no mundo romano e competia com vertentes culturais e paradigmas não clássicos. Para o autor esse período teria marcado uma crise de identidade da elite romana (SOMMER, 2013, p.346).

Com relação à desaprovação por aristocratas romanos ao comportamento de Heliogábalo enquanto imperador verificamos que a documentação parece convencer Southern (2004, p.59) de que havia oposição declarada de membros da aristocracia à Heliogábalo, devido a ele ter ordenado o assassinato de Sílio Messala e Pomponio Basso, ou seja, dois homens que se opunham à sua forma de governar. O autor também alega que Heliogábalo era fortemente influenciado por sua mãe Júlia Soemia, mas não tão influenciado pela sua avó, Júlia Maesa. Por esse motivo esta última teria apoiado o assassinato de Heliogábalo e de Júlia Soemia, assim como a nomeação de seu outro neto, Severo Alexandre, para o posto de imperador. Southern também parece acreditar que o senado sentia antipatia por Heliogábalo porque ele era influenciado somente pelos seus associados, tais como *Zothicus* e *Hierocles*, homens que não eram bem vistos pelos senadores (SOUTHERN, 2004, p.59).

Entre as características de Heliogábalo que aborreceram o senado, segundo a documentação e grande parte da historiografia, podemos conferir a suposta licenciosidade do imperador. Icks (2006, p. 7-8) declara que Heliogábalo não era um romano de verdade, assim como não era também verdadeiramente um homem,



devido ao seu comportamento efeminado. Em seu estudo, afirma que em vários textos romanos as fraquezas morais, sociais e políticas estavam associadas com o conceito de efeminado, um adjetivo considerado indesejável aos homens da elite romana.

Em nossa leitura do artigo de Icks, percebemos que o autor procura avaliar as obras de Dião Cássio e Herodiano quanto à parcialidade das mesmas, ao fazer uma análise de conceitos que foram selecionados e usados por eles para rotular o imperador. Conceitos esses, tais como oriental, efeminado e licencioso, de acordo com o *mos maiorum*, eram considerados depreciativos. Entretanto observamos que o autor concorda com essas críticas feitas pela documentação ao imperador, ao afirmar que ele não era romano e que era efeminado e licencioso (ICKS, 2006, p. 7-8).

Retornando à discussão sobre as divergências entre as narrativas de Dião Cássio e Herodiano, Adam Kemezis (2016, p.153-160) em seu artigo *The Fall of Elagabalus as Literary Narrative and Political Reality* declara que Dião Cássio, em sua obra *Historia Romana*, cria uma narrativa em parte fictícia sobre Heliogábalo, para justificar o assassinato do imperador e demonstrar qual era o destino dos imperadores que não se comportavam de modo esperado pelo senado romano. Em seu estudo Kemezis observa que Dião Cássio delimita os comportamentos sexuais e religiosos do imperador de maneira separada em seu relato. Acusa Dião de se focar na descrição do comportamento sexual de Heliogábalo, para que a narrativa chamasse a atenção dos leitores. Segundo o autor a hipótese da parcialidade de Dião ao escrever sobre Heliogábalo é fortalecida pela circunstância de ele não estar em Roma nos anos em que o imperador governou, e por esse motivo não ter presenciado os acontecimentos que ele narra. Por outro lado, Kemezis (2016, p.163-170) observa que Herodiano, divergindo-se de Dião, não faz muitas menções ao comportamento sexual de Heliogábalo. O autor também percebeu que enquanto Herodiano descreve o culto à Elagabal e o santuário dessa divindade em Emesa, Dião Cássio não faz essas descrições. Herodiano, ao contrário de Dião, não deprecia a religião de Heliogábalo e não deixa claro que o culto à Elagabal teria sido uma das causas da morte do imperador. Por fim, o relato de Herodiano sobre os anos em que Heliogábalo governou não passa ao leitor a sensação de anormalidade

encontrada na narrativa de Dião Cássio, no livro em que fala de Heliogábalo. Isso ocorre porque Herodiano estava supostamente afastado do centro de poder no Império Romano, e isso tem um impacto em sua obra.

Observamos nessa hipótese de Kemezis, de que o relato de Dião Cássio é em parte ficcional, algumas semelhanças com as declarações feitas por Stuart Hay e Edmund Bouchier. Hay desconfia das intenções de Dião e Herodiano ao escrever sobre Heliogábalo, e afirma que ambos procuravam justificar a morte do imperador e legitimar o governo de Severo Alexandre. Do mesmo modo, Bouchier (1916, p. 101) acredita que os relatos difamatórios a respeito de Heliogábalo escritos por Dião Cássio e Herodiano são exagerados. Entretanto verificamos que Bouchier e Hay não discutem as divergências entre as narrativas de Herodiano e Dião Cássio quanto à seleção ao que descrevem e do que deixam de comentar em relação à Heliogábalo. Por outro lado, Andrikopoulos (2009, p.121-127) observa essas diferenças entre os dois relatos e declara que as descrições sobre Heliogábalo nos dois documentos foram determinadas pelas diferentes posições sociais entre os autores: o senador Dião Cássio, e Herodiano, supostamente um não-romano. Desse modo o estudo feito por Andrikopoulos é o que mais se assemelha ao de Kemezis, pois ambos fazem comparações entre as descrições de Dião Cássio e Herodiano a respeito de Heliogábalo.

Em seu artigo, Kemezis (2006, p.369-385) declara que Heliogábalo não foi assassinado por causa de seu caráter pessoal, e sim porque houve uma dissensão dentro da facção que apoiou a subida dele ao governo imperial. O autor também não responsabiliza Heliogábalo pelas circunstâncias políticas e econômicas pertinentes aos anos em que foi imperador, declarando que as ações do *Princeps* não eram determinantes em relação a essas questões. A retratação de Heliogábalo como um desrespeitador dos valores romanos e a de Alexandre Severo como obediente às tradições senatoriais, observável na documentação, teria sido apenas um recurso retórico para justificar o assassinato do primeiro e a subida do segundo ao poder imperial. Na opinião de Kemezis, os dois imperadores citados eram bastante semelhantes. Também afirma que Heliogábalo não foi condenado pelo senado por causa do culto à Elagabal, mas o contrário disso: o deus teria sido banido de Roma, após o ano 222 d.C, pelo motivo de ter sido Heliogábalo que o havia implantado na

capital do Império Romano. Outra hipótese sustentada por Kemezis é que no período em que Heliogábalo governou havia um repúdio pelo senado romano aos imperadores muito jovens, porque esses teriam enfraquecido o seu poder, e contribuído para aumentar a autoridade do exército. Esse seria mais um dos motivos para a condenação de Heliogábalo pela aristocracia senatorial.

Por fim, a análise das obras selecionadas por nós na historiografia demonstra que ao longo dos séculos XVIII e XIX há uma reprodução pelos historiadores Gibbon e Nieburh das informações sobre Heliogábalo encontradas nas narrativas de Dião Cássio e Herodiano. No século XX observamos dois autores, Stuart Hay e Edmund Bouchier, que criticam a documentação quanto aos adjetivos e características depreciativas com as quais descrevem Heliogábalo, ainda que não façam um estudo comparativo entre as divergências entre o relato de Herodiano e o de Dião Cássio. Adentrando nas obras do XXI notamos uma tendência na historiografia em continuar acreditando nas características que Dião Cássio e Herodiano tecem à Heliogábalo, assim como fez Gibbon, no século XVIII e Nieburh, no século XIX. No entanto observamos que Sommer (SOMMER, 2013, p.346) demonstra que havia uma dinâmica cultural no século III d.C, e que por isso a *Paideia* greco-romana canonizada não era mais hegemônica no mundo romano e competia com outras vertentes culturais. Andrikopoulos (2009, p.121-127) torna consciente, em seu estudo, que as divergências entre as narrativas de Dião Cássio e Herodiano sobre o imperador Heliogábalo se justificam pela diferenciação entre a procedência dos dois autores. Ainda assim ele é pouco persuasivo no modo como desenvolve essa comparação ao declarar que Herodiano era um não-romano, algo impossível ao observarmos que a totalidade dos autores da antiguidade clássica que escreveram sobre o Império Romano eram seus súditos. Adam Kemezis (2016, p.163-170) é mais verossímil do que Andrikopoulos em sua comparação dos documentos que falam sobre Heliogábalo, e descreve que o motivo das diferenças entre os relatos dos dois autores é que Dião Cássio era um senador e Herodiano estava afastado do centro do poder. Notamos, porém, que nenhum dos autores por nós estudado formulou a hipótese de Dião Cássio e Herodiano pertencerem a facções aristocráticas diferenciadas dentro do Império Romano.



## CAPÍTULO 2

## **CAPÍTULO 2 CONFLUÊNCIA E RESISTÊNCIA CULTURAL NO IMPÉRIO ROMANO (DA FUNDAÇÃO DE ROMA AO SÉC III D.C)**

Nesse capítulo, temos o objetivo de demonstrar os processos de confluência e resistência cultural na civilização romana, desde a fundação de Roma até o século III d.C. Em meio ao nosso raciocínio discutiremos sobre a introdução das aristocracias provinciais ao senado romano e a subida dos sírios na hierarquia do poder imperial. Assim, descreveremos a dinastia Severa e em especial trataremos do governo de Caracala e Geta e faremos comentários sobre a mãe desses imperadores, Júlia Domna, uma aristocrata síria. Por fim narraremos o assassinato de Caracala e a tomada de poder por Macrino, que pouco depois é vencido por Heliogábalo, o jovem *Princeps*.

### **2.1 A confluência cultural nos primórdios de Roma e na república**

Em nosso estudo sobre a sociedade romana observamos que o hibridismo entre diferentes culturas acompanhou a história de Roma desde a fundação do vilarejo em 753 a.C. Na arquitetura, na religião e nas artes a confluência cultural se desenvolveu entre os romanos e os diferentes povos com os quais entraram em contato.

A historiografia sobre a antiguidade clássica ocidental demonstra de modo unanime que os deuses do panteão romano tradicional, suas funções, mitos e características se desenvolveram a partir da apropriação cultural em alguns casos, e em outros do hibridismo<sup>14</sup> entre as tradições religiosas dos latinos, etruscos e gregos. Isso pode ser observado nas características específicas dos deuses romanos, que se diferem em alguns aspectos dos deuses gregos, dos etruscos e também das deidades latinas primitivas.

Em relação às interações entre os povos que proporcionaram esse hibridismo, Francesc Louis Cardona (1996, p.82-86) demonstra que a dominação

---

<sup>14</sup> A respeito do conceito de hibridismo empregado em nossa pesquisa, estamos usando a ideia expressa por Peter Burke em sua obra *Hibridismo Cultural*, segundo a qual a mistura cultural ou mestiçagem são sinônimos do hibridismo, todavia sem que haja necessariamente uma conscientização dos agentes a respeito dessas misturas. Desse modo os indivíduos podem perceber ou não o hibridismo cultural que ocorre em suas sociedades (BURKE, 2009, p.49-63).

dos etruscos sobre Roma, durante o período monárquico, deixou marcas na cultura romana, que se perpetuaram mesmo após a expulsão dos reis etruscos pelos romanos. Essa cultura religiosa etrusca, que influenciou a romana, já havia se hibridizado com os deuses do panteão helênico. Em Roma essa herança etrusca se misturou com as influências culturais vindas das colônias gregas do sul da península. A divindade romana da vegetação, *Veltumnus*, foi derivada do deus etrusco de mesmo nome. De modo semelhante, o deus da guerra romano, Marte, é derivado de *Marís* dos etruscos e depois sincretizado com o Ares grego. A *Menerva* etrusca deu origem à Minerva romana, identificada posteriormente com a deusa *Athena* grega. O deus *Fufluns* da Etrúria, hibridizado ao *Dionisos* grego, resultou na deidade romana Baco. As divindades etruscas *Apulun*, *Artumes*, *Hercle*, *Aita* e *Xarun* se derivaram diretamente dos deuses gregos Apolo, Artêmis, Hércules, Hades e Caronte. Vulcano era originalmente uma divindade etrusca, e depois foi incorporada ao panteão romano e identificada ao deus grego Hefesto. Mercúrio, divindade romana identificada ao Hermes grego, mantinha características próprias do modo como era cultuado pelos romanos, sendo mais vinculado ao comércio do que à função de mensageiro de seu correspondente grego. Vesta, adorada na península Itálica desde tempos remotos, foi identificada pelos romanos com a deusa Héstia grega. Ceres, vinculada aos cereais e à agricultura, foi assimilada à deusa grega Deméter. Netuno, originalmente associado apenas às águas correntes, foi depois vinculado à Poseidon, deus dos mares. O etrusco *Tinia* foi unido ao Zeus grego e deu origem ao romano Júpiter (CARDONA, 1996, p.87-127).

Na nossa análise sobre a confluência cultural que marcou os primeiros séculos da sociedade romana, notamos que a complexidade do hibridismo religioso que resultou no panteão de deuses romanos tradicionais pode ser observada na circunstância de que a religião etrusca, que influenciou a religiosidade romana, já havia entrado em contato com a cultura grega na própria Etrúria e recebido desta várias características, antes de os etruscos se instalarem no Lácio. Desse modo, a mitologia romana derivada da fusão entre essa religião etrusca, que já era influenciada pela helênica, com a religiosidade latina, e posteriormente com a grega, advinda das colônias do sul da península, demarca a influência desta última em mais de uma fase da hibridização cultural dos romanos.



A respeito dessas influências etruscas e gregas sobre a cultura romana Franz Altheim (1938, p.286-288) recorda que em 264 a.C os combates de gladiadores foram celebrados pela primeira vez em Roma, em meio à realização de um funeral. O autor afirma que o *Munus gladiatorium* é originário do culto dos mortos na Etrúria. Em seu estudo, demonstra que nas artes plásticas e em algumas obras arquitetônicas romanas daquele século, é observável a influência da arte etrusca, como é demonstrado em um templo construído ao sul do *Forum Holitorium*. Em 240 a.C a arte teatral grega foi introduzida em Roma pelo senado, e as interpretações dramáticas passaram a ser realizadas juntamente às celebrações religiosas a Asclépio de Epidauro e outros deuses. Contudo o grande fascínio da população romana pelos espetáculos teatrais fez com que o senado os restringisse, em algumas ocasiões, com o pretexto de assegurar que o interesse popular estivesse voltado à defesa da cidade. Do mesmo modo, os senadores romanos suprimiram a celebração dos bacanais em Roma, no ano de 186 a.C. Esse ritual era realizado primeiramente nas colônias gregas no sul da península, e depois começou a ser celebrado na Etrúria. Dessa maneira, foram os etruscos que introduziram a *Bacchanalia* em Roma (ALTHEIM, 1938, p. 289-294).

Em relação à introdução das representações dramáticas de estilo grego nos festivais romanos em 240 a.C pelos magistrados, Gesine Manuwald (2011, p. 30-53) descreve que desde aquele ano houve um vínculo entre a poesia e a política. Em alguns casos o pretor urbano, e em outros o edil curul ou o edil plebeu organizava os festivais nos quais as dramatizações aconteciam. Ainda assim, alguns jogos, dedicações a templos ou celebrações de funerais específicos poderiam ser conduzidos por aristocratas que não exerciam magistratura naquele ano. No final do período republicano os festivais, nos quais as dramatizações aconteciam, eram financiados pelos próprios magistrados e pessoas sob o controle deles, o que favorecia a sua popularidade. Contudo, como já foi dito, alguns temas apresentados nas dramatizações poderiam ser considerados imorais pelos senadores romanos, e por isso eles implantavam a censura em casos específicos.

Sobre os festivais apresentados em Roma, Rush Rehm (2009, p.192-193) explica que eles são resultado de uma miscelânea de várias culturas artísticas, entre elas: a tragédia ática, a comédia antiga, a nova comédia de Menandro, a farsa da

úmbria *Atellanae*, as mímicas, os jogos funerários etruscos e os combates individuais populares na Campânia. Em relação às apresentações teatrais, a tragédia grega foi introduzida em Roma com a apresentação de uma peça composta por um grego romanizado chamado *Livius Andronicus*, e apresentada em latim durante o festival dos *Ludi Romani* em 240 a.C. Após essa data, os festivais foram celebrados com comédias, dramatizações, combates de gladiadores e campeonatos de caça. Entre eles havia os já citados *Ludi Romani*, os *Ludi Plebeii*, os *Apollinares*, *Megalenses*, *Ceriales*, *Florales*, *Ludi Magni*, *Ludi Funebres*, *Munera*, *Ludi Scaenici* e os *Ludi Circenses*. Sobre as adaptações que os romanos fizeram da dramatização grega estavam as *fabula palliata*, e *fabula togata*. As estruturas usadas nesses festivais eram o teatro, primeiramente construído em madeira, os anfiteatros, o palco dos combates entre gladiadores, e o hipódromo, no qual ocorriam as corridas de bigas (REHM, 2009, p.194-196).

A tragédia em Roma é descrita por Jon Hesk (2009, p. 86-87) como uma importação helenística instrumentalizada pelas elites romanas que buscavam, nessas encenações, mecanismos para se expressarem politicamente. Essa adaptação da tragédia grega no século III a.C, pelo já citado Lívio Andrônico, culminou em peças de teatro que mesclavam características gregas e romanas, e que serviam para intermediar ou questionar os valores da *Romanitas*. As traduções de peças gregas para o latim eram seletivas, com a finalidade de atender aos propósitos sociais e políticos. Desse modo, os aristocratas buscavam divulgar as noções da *virtus*, tais como a bravura dos soldados romanos na guerra.

Os mímicos, mais uma variante artística, passaram a se apresentar no teatro romano primeiramente durante as cerimônias do festival *Floralia* em 173 a.C, demonstra Hugh Denard (2009, p.150). A partir dessa data, prostitutas romanas passaram a encenar mímicas e a tirar suas roupas, ficando nuas em meio às apresentações. Outro gênero apresentado no teatro romano, a pantomima trágica, começou a ser encenada no século I a.C. Os teatros de pedra, construídos em Roma a partir de 55 a.C, favoreceram acusticamente as apresentações. O ator da Pantomima usava máscara enquanto dançava, fazendo movimentos com as mãos, mas não dizia nada em meio à sua performance. Além disso, vários músicos acompanhavam os atores da Pantomima, tocando em conjunto ou individualmente.

A outra Pantomima, de comédia, se diversificava da trágica mais no modo do que na forma. Dessa maneira, as representações teatrais dos mímicos e pantomimos moldavam o comportamento dos espectadores contra ou a favor de determinadas tendências no cenário político romano, e por isso eram consideradas em alguns casos, pelo senado romano, como perigosas à ordem pública (DENARD, 2009, p.151-158).

Em relação às estruturas políticas que possibilitaram a confluência cultural que introduziu a dramatização grega no teatro romano em 240 a.C, destacamos que o período helenístico, iniciado no século IV a.c e terminado no século I a.C, marcou essa confluência na região do mediterrâneo e também no norte da África e no oriente médio. Sobre essa intensificação da mescla cultural que foi desencadeada no período Helenístico, Peter Green (2014, p.76-98) demonstra que houve uma crescente valorização da cultura escrita durante esses séculos. Em relação à construção de bibliotecas helenísticas, Luciano Canfora (1989, p.24-45) descreve que Demétrio, peripatético que governara Atenas por dez anos, ajudou ao rei Ptolomeu no Egito a selecionar obras e traduções para compor o que viria a ser a biblioteca de Alexandria, entre os últimos anos do século IV a.C. e primeiras duas décadas do século III a.C. Sua maior concorrente foi a biblioteca construída em Pérgamo, localizada na Anatólia, na qual se avolumaram coleções como as de Demóstenes, Homero e Ésquilo (CANFORA, 1989, p.46-51).

A respeito da valorização das obras escritas durante o período helenístico em Roma, convém recordar de Quinto Fábio Pictor, nascido em 270 a.C. , descrito por Alejandro Bancalari Molina (2015, p.75-78) como um patrício que havia lutado em combates com os gauleses, os lígures e também contra Aníbal, tendo se tornado senador após exercer a carreira militar. Fábio Pictor foi o primeiro a escrever uma obra, em grego, sobre a história de Roma do ano 753 a.C. à 216 a.C., da qual somente alguns fragmentos foram preservados através dos séculos.

Em relação ao modo como a cultura oral e a escrita tem impacto sobre a sociedade clássica, consideramos importantes os conceitos estabelecidos por Assmann (2008, p. 109-118) sobre a memória cultural e a memória comunicativa. A primeira é vinculada com os documentos escritos e a segunda diz respeito à dinâmica das tradições orais. A partir da obra de Quinto Fábio Pictor sobre a história



de Roma, os senadores passaram a ter um exemplo cristalizado para definir o que era a tradição romana, também conhecida como *mos maiorum*, através das lendas dos grandes heróis romanos do passado existentes nessa obra. Desse modo, do século III a.C em diante o *mos maiorum* passou a ser instrumentalizado como ferramenta de censura e regulamentação pelos senadores, através dos exemplos fornecidos pela cultura escrita, nas obras históricas. Esse *mos maiorum* foi usado pelos senadores, inclusive, para censurar espetáculos teatrais que consideravam perigosos à ordem pública.

Para além desses exemplos fornecidos pelos antepassados, que a aristocracia romana utilizava de forma retórica para impor os seus interesses políticos, a confluência cultural se manifestava na cultura oral e nas relações políticas e sociais com outros povos. Isso pode ser demonstrado na introdução do culto ao deus persa Mitra na região ocidental do Império no final do período republicano. Em relação a essa ocidentalização de Mitra, Carlos Diego (2007, p. 9) argumenta que uma das hipóteses sobre migração do seu culto à porção ocidental do Império Romano é a de que piratas cilícios o teriam transportado a Roma. Outra teoria sobre migração do culto à Mitra para o ocidente é a de que legionários romanos, que estavam no oriente próximo no século I a.C, começaram a cultuá-lo e trouxeram essa prática à península Itálica ao se locomoverem.

## **2.2 Confluência cultural no principado romano**

Diversos imperadores se sucederam no período que chamamos de principado romano, iniciado em 27 a.C com a nomeação de Otávio Augusto como *Princeps*. Em relação aos métodos de restrição às práticas culturais instituídos pelo senado durante a República Romana, percebemos que os herdeiros dos aristocratas que apoiaram Otávio, após ele receber o poder imperial, construíram descrições que condenavam o comportamento de Marco Antônio, que era um dos rivais de Otávio e que exerceu o triunvirato juntamente com ele e Lépido no período anterior ao início do principado, nos mostra Natália Frazão José (2011, p.152-214). Através do *mos maiorum*, a aristocracia imperial acusou Marco Antônio de ter se corrompido em meio às bebedeiras e os vícios dos orientais e que por isso manteve relação íntima

com Cleópatra, que era criticada também pelos aristocratas do Império ao construírem suas versões históricas sobre o passado republicano.

A respeito da dinâmica que existiu no Império Romano entre a confluência e resistência cultural, o próprio imperador Otávio, ao assumir o poder, passou a instrumentalizar o *mos maiorum* como meio de regulamentação. Entretanto, a divinização dos imperadores realizada após a morte, iniciada no governo de Otávio, é resultado da confluência cultural desencadeada pelo período helenístico, durante o qual honras divinas passaram a ser prestadas a pessoas públicas iminentes, descreve Angelos Chaniotis (2003, p.434). A respeito dessa divinização de imperadores romanos resultante da confluência cultural helenística, citaremos em seguida uma passagem de Paul Veyne:

“A divinização dos reis helenísticos e dos imperadores romanos, que começam só na época helenística, a partir de Alexandre Magno, é uma invenção recente e “do alto”, e não um fenômeno arcaico, popular, profundamente radicado na idade primitiva. Esta manifestação de lealismo era decidida, instituída e elaborada pelas autoridades locais ou regionais, dos notáveis, era produto da alta cultura, uma figura retórica” (VEYNE, 2010, p.44)

Quando Otávio assumiu o governo imperial em 27 a.C, a estrutura administrativa da aristocracia senatorial sofreu modificações. A autoridade do *Princeps* fez com que o poder político não fosse mais restrito somente aos senadores, mas também aos membros da família imperial, aos libertos que ganhavam a estima do imperador e aos cavaleiros que ascendiam de posição, descreve Zsuzsanna Várhelyi (2010, p.23-35). Diferentemente do período republicano em que os senadores romanos eram todos nativos da península itálica, no principado um crescente influxo de aristocratas provinciais começaram a fazer parte do senado romano, introduzindo em Roma suas práticas religiosas provinciais.

Em relação a esse aumento do numero de senadores advindos das províncias romanas, Richard Talbert (1984, p.29-31) nos recorda que as intenções de famílias senatoriais tradicionais em continuarem a predominar no senado romano não foram confirmadas ao observarmos os registros das origens de senadores nos dois primeiros séculos do Principado, já que o número de senadores pertencentes a essas famílias, durante esses séculos, diminuiu. Os *Novi homines*, ou seja, os

provinciais que ingressavam no senado, inclusive com o incentivo dos imperadores através das *adlectiones*<sup>15</sup>, parassaram a ocupar cada vez mais espaços no senado romano (TALBERT, 1984, p.9-38).

Acerca desse influxo de aristocratas das províncias que se tornaram senadores romanos durante o principado, observamos que muitas vezes esses senadores estrangeiros transportavam suas práticas religiosas e culturais à península itálica. Desse modo concluímos que a variedade étnica e cultural entre os senadores afetou na administração da censura cultural e tornou mais flexível o processo de confluência cultural entre a capital do Império Romano e suas províncias.

Em relação ao desenvolvimento das práticas culturais no processo de confluência, observamos que ao entrar em contato com o ocidente do Império Romano, o culto ao deus persa Mitra foi modificado, e se tornou o que conhecemos por religião de mistério, na qual há uma iniciação e vários graus de desenvolvimento espiritual dos devotos. Franz Cumont (1903, p.148-149) descreve que os mistérios de Mitra davam aos seus seguidores a esperança da continuação da vida após a morte e também de que houvesse uma justiça final. Essa doutrina atraía tanto os homens abastados quanto os mais simples.

Sobre a migração dos cultos de deuses de regiões anexadas pelos romanos à península itálica acreditamos ser importante destacar que a deusa egípcia Isis passou a ser adorada em Roma a partir do principado de Calígula, apontam Beard, North e Price (1996, p.250). Em relação à origem dessa deusa, Wilhelm Max Müller (1918, p.68-121) explica que na religião egípcia a deusa Isis era a consorte de Osíris, o sol da madrugada que iluminava o mundo dos mortos. Além disso, era também a mãe de Hórus, o sol da manhã. De mesmo modo, Isis representava o céu noturno, as estrelas e a justiça.

Essa relação de confluência cultural entre as províncias romanas e a península itálica também se dava desta para aquelas. Isso é observável nas práticas religiosas da província romana da Gália. A anexação da Gália pelos romanos a partir do século II a.C facilitou a hibridização cultural entre a capital e a província, e possibilitou o surgimento nesta última de uma religião galo-romana entre os séculos

---

<sup>15</sup> A entrada de candidatos ao senado romano.



I e III d.C, demonstra Tatiana Bina (2008, p.38-49). Os deuses gauleses passaram a ser cultuados juntamente às divindades do panteão romano, sendo inclusive invocados pelas autoridades romanas da Gália.

Do mesmo modo, na província romana da Dalmácia podem ser observadas evidências do hibridismo entre as divindades nativas e as romanas, aponta Marina Prusac (2010, p.2-14). O porto de Narona, fundado pelos romanos na Dalmácia, era conhecido como um lugar onde grupos negociavam práticas e tradições, principalmente a partir do ano 9 d.C. Esse contato entre os dalmácios com os romanos fez com que a divindade pastoral cultuada pelos nativos da Dalmácia passasse a ser chamada pelo nome romano Silvano, sendo também associada em alguns casos com o deus egípcio Priapo e com a deidade persa Mitra. Algumas vezes Silvano poderia ser representado acompanhando o deus Mercúrio. Outra divindade adorada nessa região era a contraparte de Silvano, Diana Nemorense.

Na Panonia, localizada na região oriental da Europa, nota-se, enquanto anexada ao Império Romano, uma cultura hibridizada na qual as ninfas eram cultuadas, descreve Blanka Misic (2013, p.65-96). O Sol Invicto, Mitra, Juno Regina, Ivona, Minerva, Apolo, Hércules, Pollux, Silvano e Fortuna também eram deidades adoradas na Panonia romana. A respeito dos deuses mencionados, observamos que eles procedem de culturas distintas, entre elas: a grega, a romana e a persa.

A respeito da África romana, Josephine Crawley Quinn (2003, p. 23-34) descreve as três principais influências culturais que se hibridizaram naquela região: a púnica, a helenística e a romana. Os soldados africanos que eram contratados como mercenários pelos cartagineses, aprendiam técnicas de agricultura usadas pelos contratadores e quando eram dispensados do serviço e voltavam para suas casas, as aplicavam em suas comunidades de origem. Do mesmo modo, evidências materiais demonstram que houve influência da arquitetura púnica na região da África romana. O desencadeamento do período helenístico, a partir do século IV a.C, também afetou a cultura local. Por fim, os romanos anexaram essa região e realizaram trocas culturais com os africanos.

Em relação à mistura cultural na Ásia menor durante o período em que fez parte do Império Romano, encontramos referências sobre a confluência cultural na província romana da Frígia. Hallvard Indgjerd (2014, p.77-78) em seu estudo da

cidade helenística de Hierápolis, na Frígia, nos recorda que ela foi colonizada primeiramente no período helenístico, e depois pelos romanos. A população da cidade é uma mistura de nativos com os colonos da sobreposição helenística e depois da romana. Há uma identidade étnica e outra política, a romana. O contato entre romanos<sup>16</sup> e a população de Hierápolis teria resultado, através da troca de costumes, no desenvolvimento de uma cultura material específica nessa cidade.

### **2.3 Confluência e resistência cultural: a província romana da Síria.**

Ainda mais para o oriente dentro dos limites do Império Romano havia a província da Síria. Ela foi anexada às extensões territoriais do Império pelo exército durante o período republicano, em 64 a.C por Pompeu. Desde essa data, a Síria passou a fornecer soldados ao exército romano, principalmente às legiões VI Ferrata, III Gálica e IV Cítica.

Em relação às tendências religiosas da Síria, John Garstang (1913, p.1-3) nos recorda da principal deusa adorada nessa província, chamada de Athar, que era conhecida como a mãe terra, ou seja, a que personificava os poderes da natureza. Essa deusa era disseminada entre os povos semitas e os babilônios a chamavam de Ishtar. Havia também outra variação dessa deusa, cultuada pelos fenícios, chamava-se Astarte.

Sobre distribuição étnica na província romana da Síria, Nigel Pollard (2000, p.111-113) descreve que algumas cidades tinham sido colonizadas por macedônios antes de os romanos invadirem a região, tais como Antioquia, Apaméia e Laocdicéia. Essas colônias helenísticas tinham o grego como idioma oficial e as aristocracias dessas cidades se consideravam helênicas, ainda que houvesse miscigenação entre os colonos macedônicos e as comunidades autóctones. Todavia as populações da maior parte das cidades e das regiões do interior da Síria falavam o siríaco. A respeito da diversidade cultural na Síria, os costumes e a identidade cultural das populações variava de cidade para cidade, e também de acordo com a região da província.

---

<sup>16</sup> Ao nos referirmos aos romanos, levamos em consideração que os soldados do Império Romano que ocuparam Hierápolis pertenciam a diferentes origens étnicas e provinciais, e assim eram agentes do hibridismo cultural.

Entre as cidades ricas e majestosas da província romana da Síria, notamos a importância da Palmira. Segundo nos conta Veyne (2010, p.225-243), a fundação dessa cidade remonta a um milênio antes de Cristo sob o nome de *Tadmor*, e foi colonizada primordialmente, em seu início, por arameus e árabes. Segundo o autor, nos dois últimos séculos antes de Cristo foi erigido, na Palmira, um templo ao deus Bel e também um santuário a *Baalshamin*<sup>17</sup>. Assim como várias cidades do oriente médio, a Palmira foi compartilhada por vários grupos étnicos, enquanto esteve anexada no território do Império Romano, entre eles: mesopotâmios, sírios, fenícios, persas e árabes – essa soma de origens étnicas, juntamente à influência da cultura helênica sobre elas todas, se encontrava inserida em uma estrutura política romana, diz o autor. Por outro lado, os habitantes de Palmira não se comunicavam entre si em língua grega, mas no idioma aramaico. De acordo com Veyne, apenas os aristocratas desta cidade, que faziam parte da alta sociedade internacional, falavam o grego: entre eles e com os seus familiares. Além disso, há inscrições, em Palmira, nos idiomas grego e aramaico. O autor enfatiza que embora fosse uma cidade fundada sob uma oligarquia semítica, ela também foi influenciada de algum modo pela cultura grega, principalmente durante o período Helenístico, desde o século IV até o I a.C. Sobre essa influência da cultura helênica em Palmira, vale recordar que havia um pequeno teatro construído no território da cidade (VEYNE, 2010, p.225-283).

Outra demonstração do hibridismo cultural, na Palmira antiga, é relatada por Veyne (2010, p. 299) nas pinturas funerárias. Nessas pinturas os artistas palmirenos tentam imitar as pinturas helênicas, mas as pintam de modo mais simples e as personagens nas pinturas são retratados em um ângulo de noventa graus, olhando para frente, e não de perfil como as gregas. Os olhos dessas pinturas são diferentes e ampliados. Ainda segundo o autor, se observa uma técnica mais rudimentar nas pinturas Palmirenas do que a das gregas (VEYNE, 2010, p. 299-308).

Mais helenizada do que a Palmira, na Síria romana, havia a cidade grega de Antioquia. Como nos recorda Paul Kloeg (2013, p.3-4) Antioquia era a capital da província romana da Síria e era considerada uma das maiores cidades do Império Romano, com mais de trezentos mil habitantes. Foi fundada em 300 a.C pelo

---

<sup>17</sup> O Senhor do Céu (VEYNE, 2010, p. 243).



general de Alexandre, Seleuco, para sobrepor a antiga capital de Antioco, *Antigoneia*, que foi fundada cinquenta anos antes. Além das invasões que Antioquia sofreu através dos séculos, por facções militares e soberanos de diversas origens, essa cidade foi atingida por terremotos esporadicamente. Em 64 a.C Pompeu depôs o último dos reis selêucidas e nomeou Antioquia a capital da nova província romana da Síria. Depois de César vencer Pompeu, Antioquia passou a lutar ao lado do primeiro. Este procurou prestigiar a cidade com seus programas arquitetônicos, entre eles: a construção de banhos públicos, um aqueduto, uma basílica e um anfiteatro. Nos anos seguintes a cidade mudou de soberano várias vezes, com a invasão parta e a reconquista de Antônio. A partir da instituição do principado, com a subida ao poder do primeiro Imperador Romano, Otávio Augusto, em 27 a.C, Antioquia passou a ganhar ainda mais benefícios através das décadas e imperadores que se sucederam, tais como a construção de um novo quarteirão, melhoramentos na estrada principal, e a expansão das muralhas da cidade. Durante o período do principado romano, problemas como motins anti-judaicos, terremotos e más colheitas em Antioquia causaram discórdias e prejuízos aos habitantes da cidade (KLOEG, 2013, p.5-7).

Em nosso estudo, notamos que Antioquia era a cidade mais grega da Síria. Por outro lado, entre os centros urbanos influenciados pela cultura que emanava do centro de poder do Império Romano destacamos a cidade *Berytus*, que se tornou uma colônia romana, e na qual foi inaugurada uma das mais importantes escolas de direito romano civil. Assim, como nos mostram Georges Abou Diwan e Jean Doumit (2016, p. 227) no período de Otávio Augusto, *Berytus* foi colonizada entre 16 e 14 a.C e Marco Agripa instalou duas legiões na cidade e expandiu o território urbano, acrescentando mais espaços.

Entre os centros urbanos que compunham a província romana da Síria, é indispensável recordar as duas cidades fenícias famosas devido às atividades comerciais que exerceram na antiguidade, através do mediterrâneo: Tiro e Sidônia. Embora fossem de colonização fenícia, essas duas cidades foram dominadas por outras civilizações, através dos séculos, segundo nos mostra Philip J. Boyes (2012, p.33-37): do século X a.C até o IX a.C as cidades de Tiro e Sidônia foram independentes; do VIII a.C ao VII a.C estiveram sob domínio assírio; no VI a.C os

abilônicos os governaram; do VI a.C ao IV a.C os persas obtiveram a soberania dessas duas cidades; nas últimas décadas do século IV a.C o império de Alexandre passou a dominá-las seguido dos reis helenísticos. Assim, no século I a.C, os romanos anexaram Tiro e Sidônia, assim como toda a província da Síria, ao território de seu Império.

Por outro lado, em nosso estudo observamos que a cidade síria de Damasco também é notável historicamente por sua relevância no desenvolvimento das relações comerciais no oriente médio, assim como para o transporte de pessoas. Segundo nos conta Zara Lababedi (2008, p.15), Damasco é um oásis e desde sua origem foi pertencente aos trajetos de rotas comerciais e caravanas. A estrada que parte do oeste da cidade levava ao Egito, a via que sai do sul de Damasco transportava os viajantes em direção à Mecca, e por fim, a rota que partia da região oriental da cidade conduzia até a Babilônia. Ainda de acordo com a autora, a fundação de Damasco remonta a 3000 a.C. Em relação às suas construções públicas, mudanças significativas são notadas principalmente durante o período Helenístico, a partir do século IV a.C. Desse modo, em Damasco foram construídos templos, anfiteatros e pórticos. Assim, posteriormente à anexação da província pelos romanos em 64 a.C o templo de Júpiter e a ágora foram ampliados (LABABEDI, 2008, p.15-17).

Em nossa demonstração das cidades da Síria mais relevantes, observamos a importância da cidade de Apameia, que viria a ser um dos centros do neoplatonismo a partir do século III d.C. Segundo nos conta Bouchier (1916, p.129-130) essa cidade era chamada de *Pharnace* no início e depois foi declarada uma colônia macedônica por Antígono e chamada de *Pella*. Posteriormente, Seleuco a nomeou Apameia para celebrar sua esposa Apama. Segundo o autor, a cidade se tornou um importante quartel militar da monarquia selêucida, no qual cavalos, elefantes, armas e tesouros eram mantidos. Foi anexada, juntamente ao restante da Síria, ao território do Império Romano por Pompeu. Nos anos em que governou o imperador Otávio Augusto, Apameia, juntamente com pequenas cidadelas ao redor que faziam parte de seu território, continha ao menos 117.000 habitantes livres. Entre os notáveis nativos dessa cidade estavam o filósofo estoico e escritor de obras históricas *Posidonius*, além do médico Arquigenes, autor de vários trabalhos sobre a

medicina. No século III d.C, em Apameia, foi fundada a escola de neoplatônicos por *Amelius* sob o convite de Zenóbia e *Longinus*. A cidade continha um oráculo e o deus mais cultuado pelos habitantes chamava-se *Zeus Belus* (BOUCHIER, 1916, 130-131).

Outra localidade marcante da Síria, devido ao seu poder político e riquezas, foi Emesa, na qual os primeiros assentamentos humanos se estabeleceram em colinas na região sul dessa cidade e em aldeias na região norte, descreve Zofia Kusztal (2014, p.65-66). Segundo a autora, os assentamentos nas regiões de Kadesz e Katna, a menos de 25 km de Emesa, ocorreram entre o terceiro e o primeiro milênio antes de Cristo. Na própria Emesa, há vestígios de cerâmicas usadas pelas populações que habitavam as colinas, e que datam de 2400 a.C. Avançando no tempo até o período helenístico (IV a.C- I a.C), sabemos que Emesa esteve sob o domínio do rei selêucida Antioco III. Todavia, devido aos conflitos dinásticos entre os selêucidas, as poderosas famílias locais nos territórios por eles governados ganharam poder. Com a morte de Antíoco VII, somada à invasão de tribos árabes e da ameaça dos partos, enfraqueceu-se o poder desse império. Em 83 a.C, os selêucidas perderam a governança sobre a Síria e Tigranes passou a exercer o poder, até ser derrotado em 69 a.C pelos romanos. Em 64 a.C, esses últimos anexaram a Síria ao território de seu Império, convertendo-a em uma província (KUSZTAL, 2014, p.67-76).

No que tange ao contato entre romanos e sírios, Marybeth Osowski (2016, p.7-23) recorda que quando os romanos chegaram à Síria, lá encontraram reminiscências culturais dos períodos em que essa região esteve sob o poder político primeiramente dos persas e depois dos selêucidas, o que marcou uma influência da cultura helenística na Síria durante o governo desses últimos. Segundo o autor, os romanos ignoraram toda a rede cultural complexa que havia na Síria quando formularam seus estereótipos a respeito dos habitantes dessa província, descrevendo as mulheres sírias como praticantes da prostituição e tocadoras de flauta, e rotulando os homens sírios de músicos decadentes, efeminados, sensuais, servis, beberrões e dançarinos, ou seja, com valores opostos aos greco-romanos.

Essa observação feita por Osowski de que os romanos tinham uma visão estereotipada dos sírios, na qual os valores destes eram opostos aos romanos, nós



associamos à memória cultural descrita por Assmann (2008, p. 109-118). Tal memória cultural era preservada nos documentos escritos e não correspondia à dinâmica cultural que se desenvolvia de forma independente dessa memória cristalizada nos documentos. Todavia, observamos que facções aristocráticas romanas instrumentalizavam a memória cultural, através do *mos maiorum*<sup>18</sup>, para classificar o que era lícito e o que era ilícito e assim criar mecanismos retóricos de controle político.

Entretanto, mesmo que essa memória cultural do *mos maiorum*, preservada nos documentos, fosse usada pelos senadores romanos como ferramenta retórica para decretar censuras, sabemos que desde o início do principado houve um influxo de aristocratas provinciais que se inseriram no senado romano (VÁRHELYI, 2010, p.23-35). Entre esses novos homens que assumiram postos dentro do senado, observamos que uma parcela deles vinha das províncias orientais, inclusive da Síria. Desse modo, a dupla origem dos senadores, a provincial e a romana, intensificava o processo de desenvolvimento de facções diferentes dentro da ordem senatorial. Em relação a essa divisão existente na instituição senatorial em vários grupos diferentes, observamos que a identidade étnica e cultural em comum, entre alguns homens inseridos no senado, era uma das características que fundamentava uma complexa rede de sociabilidades, na qual senadores sírios poderiam compactuar interesses em comum com aristocratas da região oriental do Império Romano e assim desenvolver uma facção com senadores e aristocratas sírios e orientais<sup>19</sup>. Por isso acreditamos que cada facção aristocrática criava representações da realidade que legitimassem os seus interesses de grupo. Essas diferentes representações tornavam complexas as classificações das práticas culturais lícitas e ilícitas, através das regiões do Império Romano.

---

<sup>18</sup> Quando me refiro aos valores romanos, e ao *mos maiorum*, faço alusão estritamente à cultura romana e não à *Paideia* grega. Em algumas correntes na historiografia sobre o Império Romano o conceito de cultura é apresentado como greco-romana, ou seja, a combinação do *mos maiorum* romano com a *Paideia* helênica. Entretanto, devido a algumas diferenças entre a memória cultural romana e a grega prefiro tratar de cada tradição separadamente.

<sup>19</sup> Embora acreditemos que a origem étnica fosse um dos fatores que delimitavam a formação de facções no Império Romano, observamos que outras circunstâncias também poderiam desencadear alianças aristocráticas ou senatoriais. Desse modo, havia também facções em que as circunstâncias de origem étnica não eram a causa de sua formação. Do mesmo modo, senadores ou aristocratas que pertenciam a um grupo étnico específico poderiam interiorizar valores e práticas culturais de outros grupos.

Sobre a movimentação de sírios para a porção ocidental do Império Romano, Bouchier (1916, p.17) nos mostra que já durante a dinastia Antonina, o imperador Lúcio Vero, após uma campanha difícil contra os partos, ficou por um tempo em Laodiceia e Dafne e retornou depois para a península itálica, trazendo consigo músicos, atores e bufões sírios que influenciaram sensivelmente a cultura daquele período. Além disso, o autor também descreve que na dinastia seguinte à dos Antoninos, durante o principado de Septímio Severo, muitos sírios, especialistas no direito romano, criaram várias máximas e códigos de leis novos (BOUCHIER, 1916, p.96). Em relação a esse aumento do número de magistrados sírios no Império Romano a partir do início da dinastia Severa, Gonçalves (2013, p.8) relata que, durante o governo de Septímio, mais da metade dos senadores eram originários das províncias, e desses senadores provinciais mais da metade vinha do oriente, e entre esses senadores orientais havia muitos sírios.

No nosso estudo verificamos uma semelhança entre esses estereótipos que a aristocracia senatorial da região ocidental do Império Romano atribuía aos sírios - a de eles serem dançarinos, atores e músicos decadentes - com as preocupações que, durante a república, os senadores tinham com as apresentações dos mímicos e dançarinos no teatro romano, já que eles consideravam essas apresentações imorais e politicamente perigosas para a ordem pública (DENARD, 2009, p.151-158). Desse modo, os sírios estavam relacionados às mesmas características dos atores romanos que os senadores republicanos consideravam decadentes e corruptores da população, que assistia aos espetáculos teatrais na capital do Império. Assim, observamos que, durante o principado romano, a permanência da caracterização estereotipada dos sírios no século III d.C por senadores romanos estava relacionada com uma preocupação de facções aristocráticas com a manutenção de sua soberania sobre a ordem política, que estava sendo ameaçada pelo crescente poder político dos sírios no Império.

Percebemos que, instrumentalizando a memória cultural existente nos documentos a respeito dos artistas que se apresentavam em Roma durante o período republicano, as facções aristocráticas do principado romano que estavam contra os sírios, projetaram a percepção que os senadores republicanos tinham sobre os artistas romanos, em sua descrição dos habitantes da Síria e nas

tendências deles para o meio artístico, supostamente decadente. De outro modo, acreditamos que as aristocracias das cidades da província da Síria tinham impressões diferentes sobre os artistas sírios em relação ao modo como os senadores republicanos percebiam os artistas e mímicos romanos. O vínculo do meio artístico com a política era algo inaceitável nos princípios cristalizados do *mos maiorum*. Todavia, para os sírios, essa relação entre a arte teatral e a política não era condenada do mesmo modo que para os aristocratas romanos ocidentais, e por isso o que era inaceitável no *mos maiorum* poderia ser praticável entre as populações da Síria, não porque rejeitassem o *mos maiorum* de maneira absoluta, mas porque o enxergavam de modo diferente dos ocidentais.

#### **2.4 A dinastia Severa: confluência e resistência cultural entre imperadores e senadores.**

Ao final do século II a.C uma nova família não europeia conquista o poder imperial, isto é, a dinastia Severa. Septímio Severo, de origem africana, se tornou Imperador Romano em 193 d.C. Nesse mesmo período havia uma crescente ocupação dos orientais em postos de influência no Império Romano, e isso não passou despercebido à Septímio, que passou a governar estrategicamente em aliança com esses aristocratas orientais.

Em relação à percepção do imperador de que os sírios estavam ganhando poder no Império Romano<sup>20</sup>, não acreditamos que Septímio Severo desposou a síria Júlia Domna, filha do sacerdote de Elagabal em Emesa<sup>21</sup>, motivado apenas pelo oráculo. Já que Septímio era pertencente a uma família aristocrática provincial, de Lepcis Magna<sup>22</sup>, consideramos que ele sabia que os sírios estavam ganhando cada vez mais poder político dentro do Império Romano. Desse modo, observamos que o casamento de Septímio Severo com Júlia Domna, sua segunda esposa, foi motivado por intenções estratégicas. Ou seja, para Severo era vantajoso casar-se com uma mulher nobre de uma das províncias mais prósperas daquele período. Casando-se com a filha do sacerdote sírio de Elagabal, Severo podia contar com alianças e

---

<sup>20</sup> Final do século II e início do III d.C.

<sup>21</sup> Cidade da província da Síria.

<sup>22</sup> Cidade da África Romana.



negociações com senadores de origem oriental, o que garantiria que ele mantivesse uma rede de laços politicamente estratégicos.

A respeito do papel desempenhado por Júlia Domna, ao lado de seu marido Septímio Severo, a partir de 193 d.C ela se tornou imperatriz. Carla Hilário Quevedo (2015, p,181-192) nos recorda que Júlia Domna acompanhava Septímio em várias incursões militares e por esse motivo ganhou o título de *Mater Castrorum*. Enquanto imperatriz interessou-se pelos estudos filosóficos e cercou-se de retóricos e sofistas, entre eles: Flávio Filóstrato, Diógenes Laércio, Filisco de Tessália, Hermócrates de Foceia e Ateneu de Náucratis. A respeito das relações políticas que envolviam a imperatriz, a autora descreve que Júlia era vítima das intrigas de Caio Fúlvio Plauciano, que era o chefe da guarda pretoriana e exercia grande influência política em Roma junto ao imperador Septímio Severo. Entretanto, Plauciano seria depois executado sob a ordem do *Princeps*. Para melhor elucidarmos quem foi Plauciano, citaremos a seguir uma passagem da obra de Herodiano que o descreve enquanto fala do casamento de Caracala<sup>23 24 25</sup>, cujo nome verdadeiro era Bassiano, com Plautila, filha de Plauciano:

---

<sup>23</sup> Passagem da tradução de Earnest Cary de Dião Cássio traduzida do inglês ao português, que relata a origem do apelido Caracala, atribuído ao imperador:

*“Ele também inventou uma vestimenta própria, que foi feita à moda estrangeira com pequenos pedaços de tecido costurados juntos em uma espécie de manto; e ele não apenas usou isso a maior parte do tempo (em consequência do que ele recebeu o apelido de Caracala) mas ele também prescrevia isso como uma roupa regular para os soldados” (Dião Cássio, LXXIX, 3.3)*

<sup>24</sup> Passagem da tradução de Herbert Baldwin Foster de Dião Cássio traduzida do inglês ao português, que relata a origem do apelido Caracala, atribuído ao imperador:

*“Ele, além do mais, inventou uma vestimenta própria cortando tecidos e costurando-os, à moda dos bárbaros, em uma espécie de manto. Ele próprio usava isso muito constantemente, o que levou a que ele fosse chamado de Caracala, e ele prescreveu isso por preferência para ser vestimenta dos soldados” (Dião Cássio, LXXIX, 3)*

Em uma nota de rodapé da passagem citada acima, Baldwin Foster fala sobre a origem da palavra Caracala:

*“Uma palavra de origem céltica, significando uma longa, no estilo úlster, túnica e mais um capuz. Essa era uma vestimenta gálica.”*

Recordamos que, na tradução de Herbert Baldwin Foster da obra de Dião Cássio, as citações não são precisas como as de Earnest Cary, de modo que a passagem “sidenote –3–” do livro LXXIX de Dião Cássio na versão de Baldwin Foster corresponde à junção das passagens (Dião Cássio, LXXIX, 3.1, 3.2, 3.3, 3.4, 3.5) da tradução de Cary.

<sup>25</sup> O apelido Caracala em grego: *Καράκαλλος*.

“Ao maior, cujo verdadeiro nome, antes de entrar na casa imperial, era Bassiano, Severo, quando alcançou a dignidade de imperador, o chamou Antonino, porque queria que ele tivesse o nome de Marco; e tomou para ele uma esposa com a pretensão de que o matrimônio o tornaria mais moderado. A jovem era filha do prefeito do pretório, Um homem chamado Plauciano, que havia tido uma juventude humilde (Se dizia também que havia sido desterrado pelo delito da sedição e também por muitos outros crimes). Todavia era compatriota de Severo, pois era líbio como o imperador, e, segundo alguns, era seu parente. Outros, entretanto, o acusavam de ter sido amante de Severo em sua juventude. O certo é que Severo o promoveu desde uma condição muito humilde até a uma situação de enorme poder, e o encheu de riquezas ao conceder-lhe as propriedades dos que tinham sido executados. Isso significava, na prática, que o fazia príncipe do império. Mas Plauciano abusou do poder; a crueldade e a violência estiveram presentes em todos os seus atos, chegando a ser o prefeito mais temível de todos os tempos.” (*Herodiano*, III, 10.5-10.7).

Sobre a origem púnica em comum entre Plauciano e o Imperador Septímio Severo e a amizade que havia entre ambos, observamos mais uma vez como essas características étnicas eram determinantes, em muitos casos, para a formação de facções aristocráticas dentro dos limites territoriais e políticos do Império Romano. Septímio conquistou o título de Imperador em 193 d.C, mas antes disso participava politicamente do império como general. Já que pertencia a uma família do norte da África, podemos determinar que Severo obteve avanços em seu *Cursos Honorum* não apenas por ter mérito em sua carreira política e militar, mas também porque sua família estava imersa em uma rede complexa de alianças que proporcionaram a ele oportunidades de ascender de posto. Septímio, por sua vez, elevou seu conterrâneo Plauciano a uma grande posição junto a ele, ao se tornar imperador. Desse modo observamos o desenvolvimento de várias redes de clientela entre as facções aristocráticas do Império Romano.

Em relação à primeira síria a ser imperatriz romana, Júlia Domna, apesar de ela ter sido difamada por Plauciano, sabemos que era uma mulher culta, e que exerceu atividades filosóficas e intelectuais sem precedentes entre as imperatrizes romanas. Essas características que percebemos nos relatos sobre Júlia Domna são muito diferentes daquelas que observamos nos conceitos estereotipados que os romanos elaboravam sobre as mulheres sírias, tais como a acusação de que elas tendiam à prostituição. Desse modo, por estar envolvida com os filósofos, retóricos e sofistas do século III d.C, acreditamos que ela havia já interiorizado os conceitos da

cultura greco ocidental, ou em outras palavras, a *Paideia*. Após a morte, apoteose e divinização de Septímio Severo em 211 d.C, Júlia Domna recebeu o título de *Mater Patriae*, ou seja, a mãe da pátria.

Com o falecimento de Severo em 211 d.C seus filhos Caracala e Geta iniciaram um governo em conjunto. Convém recordar que são os primeiros imperadores romanos a terem um pai africano e uma mãe síria. Desse modo observamos que quando Geta e Caracala se tornaram imperadores romanos, isso, mais uma vez, demonstrou como os sírios estavam ganhando poder no Império Romano, e de como estavam ocupando cargos cada vez mais altos dentro da hierarquia imperial.

Segundo a obra de Dião Cássio, após a morte de Septímio Severo era Caracala quem realmente governava o Império Romano sozinho, apesar de oficialmente repartir o poder com seu irmão Geta. Encontramos também neste relato a declaração de que Caracala desejava matar seu irmão mesmo enquanto o pai deles, Septímio, ainda estava vivo, mas ele demorou para por em prática as suas intenções porque os legionários achavam que Geta se parecia com Septímio e, por isso, gostavam dele. Os senadores romanos, de um modo geral, decidiram através do voto que os sacrifícios à deusa Concordia deveriam ser realizados para incentivar o bom relacionamento político entre Geta e Caracala. Entretanto, devido a um desencontro entre o cônsul e seus assistentes, o ritual de sacrifício à deusa Concordia não pode ser feito. Caracala planejava assassinar seu irmão durante os ritos da *Saturnalia*, mas suas intenções foram descobertas por Geta, o que impediu que o planejamento do homicídio fosse colocado em prática. A partir desta ocasião, Geta procurou se proteger e evitar se envolver em situações que poderiam oferecer risco à sua vida. Sabendo disso, Caracala ordenou que sua mãe, Júlia Domna, chamasse Geta aos seus aposentos para reconciliá-lo com o seu irmão. Geta atendeu ao pedido de Júlia, mas quando chegou aos aposentos da mãe, apareceram alguns centuriões para executá-lo, sob as ordens de Caracala. Geta, correndo dos centuriões, agarrou o peito de sua mãe anunciando que estava sendo assassinado, enquanto era golpeado. A oposição entre os dois irmãos por fim resultou no assassinato de Geta por seu irmão Caracala, que passou a ser o único imperador (*Dião Cássio*, LXXVIII, 1.1-1.6; 2.1-2.3).



Em nossa análise das declarações de Dião Cássio sobre o relacionamento precário entre os irmãos Geta e Caracala, acreditamos que a rivalidade entre os dois não dizia respeito somente a eles próprios, mas às facções aristocráticas com as quais cada um buscava firmar alianças. Desse modo, havia uma rede de pessoas com as quais cada um dos imperadores estava associado, e nessas relações interpessoais participavam libertos, aristocratas, senadores e amigos pessoais. Por esse motivo não eram apenas as vontades de Geta e de Caracala o que definia as suas relações políticas, mas também a associação de cada um dos irmãos com as facções que os apoiavam. Assim, acreditamos que por dispor de noções básicas sobre a política e a própria história, a parcela letrada da população romana sabia que quando havia uma competição entre dois soberanos rivais, o destino daqueles que apoiavam o soberano que perdia a disputa, em muitos casos, era a morte ou a perda de suas propriedades.

Isso é demonstrado pelos acontecimentos que se sucederam ao assassinato de Geta. Herodiano descreve que após os soldados de Caracala executarem Geta, o primeiro prometeu a eles um aumento no pagamento. No dia seguinte Caracala se dirigiu ao senado acompanhado da guarda pretoriana, e procurou justificar o assassinato de seu irmão. Disse aos senadores que Geta era um covarde e que o assassinou para se defender, porque Geta planejava envenená-lo. Inclusive, Caracala afirma que foi obrigado a ordenar que seus homens matassem Geta porque este o surpreendeu com intenções assassinas, segurando uma faca. Por fim, comparou-se a Rômulo, que matou seu irmão Remo, e recomendou ao senado romano que dessem graças aos deuses por ter permanecido vivo ao menos um imperador. Em seguida a essas declarações, Caracala ordenou a execução de todos os aliados políticos e amigos de Geta que estavam na corte, e até dos serventes do irmão. Entre as vítimas estavam desde pessoas idosas até crianças. Nem mesmo os atletas que eram amigos de Geta foram poupados das intenções homicidas de Caracala. Ele também ordenou o assassinato da irmã do imperador Cômodo, porque ela chorou pela morte de Geta. Os cadáveres das pessoas que Caracala mandou executar foram amontoados em bigas e retirados da cidade. Alguns foram queimados e outros apenas jogados em qualquer lugar (*Herodiano*, IV, 5.1-5.7; 6.1-6.4). Em relação à quantidade de indivíduos que apoiavam Geta e que foram

assassinados sob as orientações de Caracala, Dião Cássio nos diz que entre libertos, escravos, senadores, aristocratas e soldados o número de mortos chegou a vinte mil pessoas (*Dião Cássio*, LXXVIII, 4.1).

Sobre o desdobramento dos acontecimentos após o assassinato de Geta e dos que o defendiam, observamos que Caracala, juntamente à facção aristocrática e militar que o apoiava, procurou destruir os vestígios que fizessem a população se recordar de Geta, ou seja, as imagens e inscrições deste último foram destruídas nos registros, assim como nos monumentos e edifícios públicos em que seu nome estava escrito e ordenou-se que fossem fundidas as moedas que levavam sua efígie. Desse modo, podemos perceber que a condenação da memória de Geta, isto é, a construção que é elaborada a respeito dele pelo senado, ocorre em consequência aos acontecimentos políticos que desencadearam no assassinato dele, ou seja, dos resultados das disputas entre as facções aristocráticas, já que o grupo vencedor é o que constrói a memória histórica.

Em relação à origem híbrida do imperador Caracala, Dião Cássio a descreve pejorativamente. O autor conta que Caracala não herdou nenhuma das qualidades dos povos dos quais descendia, mas que havia recebido a crueldade e aspereza dos africanos por parte de pai e a malícia dos sírios, derivada da ascendência materna (*Dião Cássio*, LXXVIII, 6,1a). Em nossa análise dessa descrição de Dião sobre a ascendência de Caracala, e das características que ele atribui aos africanos e sírios, observamos que ele usa de forma retórica os estereótipos em relação a esses grupos étnicos, que as facções da aristocracia senatorial romana instrumentalizavam quando era conveniente para eles. Desse modo, o propósito de Dião, ao fazer essas descrições depreciativas do imperador Caracala acima descritas, foi usar dos estereótipos que estavam cristalizados na cultura escrita, a respeito das características atribuídas aos sírios e africanos, para criticar o comportamento do imperador. Podemos dar um exemplo dessa cultura escrita que participava dos exemplos do *mos maiorum* na obra de Cícero *In Pisonem* na qual ele reprova que um sírio, que ele cinicamente diz fazer parte do corpo de escravos libertos, se tornasse cônsul (*In Pisonem*, 1.1)<sup>26 27</sup>.

---

<sup>26</sup> Tradução do latim ao inglês por C. D. Yonge, Ma, de 1913: “No one complains that a Syrian, that a man whom nobody knows, that some one of that body of lately emancipated slaves, was made consul.” (*In Pisonem*, 1.1)

A respeito do que se seguiu a esses assassinatos dos amigos e aliados de Geta patrocinado por Caracala, Herodiano nos conta que o imperador decidiu inspecionar as províncias e se ocupar da administração militar. Em suas viagens Caracala praticava exercícios físicos, participava de corridas de bigas e combatia animais selvagens. Ele anexou tropas auxiliares com germanos e escolheu alguns deles para formar sua guarda pessoal. Tal era a amizade de Caracala com os germânicos, que ele passou a usar roupas germânicas que cobriam todo o seu corpo e também uma peruca loira, penteada no estilo germânico. Durante as viagens de Caracala, ele sempre tomava iniciativa em todos os trabalhos manuais que normalmente se recomendava aos soldados comuns. Além disso, em meio às suas campanhas ele fazia o seu próprio pão, moendo os grãos, preparando o pão e o assando sobre o carvão à lenha. Do mesmo modo, Caracala era muito simples nos recursos que usava em meio às suas visitas nas províncias e, na maioria de seus deslocamentos, optava por acompanhar seus soldados a pé, preferindo ser chamado de companheiro por eles do que de imperador. Por esses motivos, Caracala era admirado pelos seus soldados por suas virtudes militares e pela sua força (*Herodiano*, IV, 7.1-7.7).

Em nossa descrição que Herodiano faz da relação que Caracala mantinha com seus soldados, observamos que o imperador procurava manter um vínculo com a instituição militar. Desse modo, ainda mais do que Septímio Severo, Caracala procurava aumentar o seu poder buscando o apoio dos soldados e não pela maneira tradicional, ou seja, a legitimação do poder imperial através das negociações políticas entre o imperador e o senado romano. Entretanto, ainda mais do que seu pai, Caracala intensificou sua relação política com suas tropas. Por esse motivo, Dião Cássio, senador romano enquanto Caracala era *Princeps*, criticou este último instrumentalizando os estereótipos existentes nos documentos escritos, e usados como exemplo pelos senadores romanos, a respeito das características das populações da África e da Síria, das quais o imperador descendia. Por fim, determinamos que a descrição elaborada pelo senador Dião Cássio, na qual Caracala é acusado de ter herdado a aspereza e dureza dos africanos e a malícia

---

<sup>27</sup> Tradução do inglês ao português: “Ninguém reclamou que um sírio, um homem que ninguém conhece, alguém daquele corpo de escravos emancipados tardiamente, foi feito cônsul”. (*In Pisonem*, 1.1)



dos sírios (*Dião Cássio*, LXXVIII, 6,1a), foi consequência do desgaste da relação que Caracala mantinha com o senado romano. Em outras palavras, trata-se de um senador que criticou um imperador que não havia desenvolvido laços significativos com a instituição senatorial. Então, em nosso estudo, observamos que as informações cristalizadas no *mos maiorum*, a respeito dos sírios e africanos, foram usadas por Dião Cássio de maneira retórica a fim de criticar Caracala, através de uma representação que privilegiava os interesses de uma facção do senado.

Retornando às descrições que Herodiano faz sobre as visitas de Caracala através das províncias romanas, ele narra que enquanto o imperador estava na Trácia, perto da Macedônia, começou a se interessar por Alexandre Magno. Assim, Caracala ordenou que a memória de Alexandre fosse reavivada e que as imagens e estátuas deste último fossem produzidas e postas em todas as cidades. Além disso, Caracala mandou que colocassem imagens suas no capitólio, e também em templos romanos, que o retratavam com semelhanças fisionômicas a Alexandre Magno. Em algumas das estátuas que o imperador ordenou erigir, o rosto da cabeça da estátua era dividido em dois: uma das metades da face era a de Alexandre e a outra continha a fisionomia de Caracala. Este passou a se vestir como macedônico e a usar acessórios e calçados também dessa origem. Criou tropas de elite que chamou de falange macedônica, e ordenou que os líderes dessas tropas adotassem os nomes dos generais de Alexandre (*Herodiano*, IV, 8.1-8.2).

Em relação a essa tentativa de Caracala de imitar Alexandre, não ignoramos suas intenções propagandísticas nesse comportamento, descritas por Gonçalves (2013, p.186-189). Desse modo, concordamos com a autora em sua descrição de que o imperador buscava representar, através de sua imitação de Alexandre, um paralelo entre o império macedônico, que era em grande parte composto de terras orientais, e o próprio Império Romano. Já que Caracala era descendente de africanos por um lado e de sírios por outro, comparar-se a Alexandre Magno significava propagar a imagem de que era um líder sobre o oriente. Na descrição da autora, há algumas tendências na historiografia, entre elas: a que afirma que Caracala imitou Alexandre Magno para ganhar o apoio dos aristocratas orientais; outra tendência diz que Caracala procurava apenas agradar as aristocracias orientais ao imitar Alexandre. Concordamos com essa última tendência

historiográfica e pensamos que o imperador, assim como sua mãe e os parentes dela, já tinha antecipadamente estabelecido alianças com soldados e aristocratas orientais e sírios, e que Caracala simulou ser Alexandre não apenas para ganhar o apoio de alguns deles, mas para agradar os que já estavam a favor do seu governo. Desse modo, para as facções que apoiavam Caracala, a lembrança do império macedônico marcava um passado glorioso para os povos que estiveram sob o domínio de Alexandre, e entre eles havia muitos orientais. O período helenístico, que se seguiu à morte de Alexandre Magno, marcou os próximos séculos com uma intensa confluência cultural entre o ocidente e o oriente. Logo, observamos que durante o século III d.c no Império Romano, período em que Caracala governou, também se desdobraram complexas associações político-culturais entre a capital do Império e as províncias e nessas relações entre o centro político do Império e a periferia, havia um complexo jogo de confluência e resistência cultural. Desse modo, assim como o hibridismo cultural que marcou o período helenístico destacava uma grande participação das culturas das populações do oriente no ocidente e vice e versa, no Império Romano as culturas dos povos de províncias orientais também confluíam para o ocidente.

Sobre as imitações de personagens históricos por Caracala, descritas por Herodiano, observamos que além de imitar Alexandre, Caracala desenvolveu o interesse por um novo herói enquanto estava em Ilion. Na estadia nessa cidade visitou a tumba de Aquiles e a cobriu com flores. Desde então, Caracala começou a simular que era Aquiles. Inclusive, o imperador identificou o amante de Aquiles, Pátroclo, com o seu liberto favorito, Festo. Após a morte deste último, devido a uma doença ou envenenado, Caracala ordenou que fizessem ao cadáver de Festo uma pira funerária, para que fosse queimado como Pátroclo, amante de Aquiles. O sacrifício de vários animais acompanhou a queima do corpo, e depois Caracala fez libações e cortou uma mecha de seu cabelo para jogar no fogo da pira, imitando o gesto de Aquiles à pira funerária de Pátroclo (*Herodiano*, IV, 8.4-8.5).

Em relação ao outro autor por nós estudado, Dião Cássio, observamos que quando ele descreve o comportamento de Caracala enquanto este realizava suas atividades militares, caças de animais e imitação de heróis históricos e míticos, Dião mais uma vez procura depreciar o imperador quando o descreve em seu relato. Ele

explicou que o imperador gastava dinheiro pagando o soldo aos militares e comprando cavalos e outros animais. Relata também que Caracala assassinava pessoalmente muitos animais, tanto domésticos quanto selvagens, e obrigava aos aristocratas a fornecer muitos deles para ele e seus soldados. Inclusive diz que Caracala matou cem javalis de uma só vez com as suas próprias mãos. Por fim, Dião Cássio afirma que em tudo o que Caracala fazia, ele era cabeça quente e muito inconstante, e que recebeu a malícia de sua mãe, Júlia Domna, e dos sírios, raça a qual ela pertencia (*Dião Cássio*, LXXVIII, 10.2).

Na nossa análise das descrições que Dião Cássio faz de Caracala, observamos que mais de uma vez o autor relaciona as supostas más características desse imperador com a sua ascendência síria. Acreditamos que não era por acaso que Dião estabelecia essa conexão entre a origem de Caracala e suas características. Do mesmo modo que a representação estereotipada dos sírios, que existia na cultura escrita, foi instrumentalizada pelo autor para descrever Caracala, podemos pensar na hipótese de Dião Cássio estar também contra uma facção aristocrática síria que apoiava Caracala.

Em outra passagem dentro do mesmo livro, Dião Cássio descreve que Caracala mandava punir os homens mais distinguidos (*Dião Cássio*, LXXVIII, 13.7), e dava mais valor aos seus soldados e aos outros homens do que aos membros da ordem senatorial. Para esclarecermos que Dião acusa Caracala de desvalorizar os senadores, citaremos em seguida uma passagem de sua obra que demonstra essa acusação:

“ Antonino enviou uma carta ao senado recomendando Pandion, um homem que havia sido assistente de cocheiros, mas na guerra contra os Alamanos guiou a carruagem do imperador e depois tornou-se seu companheiro e soldado. Nessa carta ele diz que foi salvo por esse homem de um grande perigo; e ele não estava envergonhado em sentir mais gratidão em relação a ele do que para com os soldados, que por sua vez ele sempre levava mais em consideração do que nós (senadores).” (*Dião Cássio*, LXXVIII, 13.6).

Ao afirmar que um cocheiro era mais valorizado pelo imperador do que os membros do senado romano, Dião Cássio demonstra o seu descontentamento pela suposta má relação entre Caracala e a instituição senatorial. Por outro lado, observamos que a reprovação de Dião ao comportamento político de Caracala é, na



verdade, uma representação na qual Dião Cássio procura condenar as ações do imperador, motivado pela rivalidade entre a facção a qual ele próprio, Dião, pertencia e as redes de sociabilidades aristocráticas e militares que apoiavam Caracala e que, em sua maioria, eram da região oriental do Império Romano.

Em relação às alucinações<sup>28</sup> que Caracala sofria, Dião Cássio nos conta que o imperador ordenou que fossem realizados ritos aos deuses Asclépio, Serápis e Apolo Grano para aliviar os sintomas de sua doença sem, contudo, obter melhora em sua saúde (*Dião Cássio*, LXXVIII, 15.3-15.7). Em nossa leitura de Dião Cássio, observamos a confluência cultural, entre o ocidente e o oriente no Império Romano, nas diferentes origens das divindades que o imperador Caracala cultuava. Entre eles estavam alguns deuses que não pertenciam ao panteão romano tradicional, tais como Serápis e Apolo Grano, que, todavia, tiveram seus cultos autorizados na capital do Império em meio a esse complexo jogo de confluência e resistência cultural entre o que era permitido, *fas*<sup>29</sup>, e o proibido, *nefas*<sup>30</sup>.

Sobre as intenções de Caracala na expansão territorial do Império Romano, Herodiano nos relata que este imperador tentou convencer o rei Artabano, da Pártia, a se casar com a filha deste para aproximar os dois impérios, o romano e o parto. Em um primeiro momento, o rei Artabano não concordou com a ideia, já que os romanos e os partos tinham idiomas, costumes e maneiras de se vestir diferentes um do outro. Todavia Caracala insistiu em casar-se com a filha de Artabano, para criar laços de amizade entre os dois imperadores, unindo suas famílias e diminuindo as taxas do livre comércio entre os dois impérios, a fim de juntar as forças dos exércitos partos e romanos para realizar novas conquistas militares. Pressionado por Caracala, Artabano autoriza então o casamento entre o imperador romano e sua filha. Autorizado pelo rei, Caracala cruzou os rios que separavam os dois impérios e pode entrar livremente pelo território parto, como se fosse dele. Por todos os lados,

---

<sup>28</sup> Em relação a essas alucinações que Caracala sofria, em que era perseguido pelo seu falecido pai, Septímio Severo, e pelo seu irmão assassinado, Geta, acreditamos que elas poderiam ter sido interpretadas pelo imperador e pelos próprios senadores romanos como perturbações de ordem religiosa em que Caracala é perseguido por lêmures e larvas, qual seja, os espíritos dos mortos que procuram vingança. Entretanto, já que o interesse de Dião Cássio era o de denegrir Caracala por este não cooperar com o senado romano, o primeiro preferiu acusar o imperador de sofrer alucinações e nem ao menos considerou a outra opção, que, no imaginário dos romanos, era inteligível.

<sup>29</sup> O que é lícito.

<sup>30</sup> O ilícito.

nessas terras da Pártia, dedicavam à Caracala altares cobertos com incensos e perfumes. Quando chegou ao palácio de Artabano, este saiu com sua filha e o saudou. A população ao redor do palácio usava coroas de flores, roupas coloridas e dançava ao som das flautas, comemorando a chegada de Caracala. Começaram então a fazer libações em meio a um grande número de pessoas (*Herodiano*, IV, 10.1-10.5; 11.1-11.3). Citaremos em seguida, sob as próprias palavras de Herodiano, o que aconteceu logo após a chegada de Caracala ao palácio de Artabano:

“Então Antonino, mediante uma senha combinada, ordenou ao seu exército que atacasse e desse morte aos bárbaros. Aterrorizados estes, pelo súbito ataque, assediados e feridos, empreenderam a fuga. O mesmo Artabano foi retirado por sua guarda pessoal e colocado sobre um cavalo, e a duras penas conseguiu escapar em companhia de uns poucos. Mas o resto dos bárbaros encontrou a morte por não dispor dos cavalos, tão necessários para eles. Ao desmontar deles, os deixaram soltos para que fossem pastar. Tampouco podiam correr em sua fuga porque usavam roupas compridas que travavam os seus tornozelos. Tinham abandonado, além de tudo suas aljavas e flechas. Por que precisariam delas em um casamento? Depois de levar a cabo uma grande matança de bárbaros e de conseguir butim e um grande número de prisioneiros, Antonino se retirou sem que ninguém o fizesse frente, incendiando aldeias e cidades e dando permissão a seus soldados para que cada um saqueasse o que pudesse e ficasse com o que quisesse.”(*Herodiano*, IV, 11.4-11.7).

Acerca dos motivos que levaram Caracala a invadir o império parto, acreditamos que não foi apenas para obter a glória ou por razões somente propagandísticas, mas porque ele era movido a essa ação pelas intenções das facções aristocráticas e militares que sustentavam o seu poder. Já verificamos que grande parte dos senadores e militares no século III d.c eram da região oriental do Império Romano. Podemos imaginar que muitos desses aristocratas orientais desejavam obter benefícios da invasão de Caracala ao território parto, que também se localizava no oriente. Por isso, em nossa análise da documentação cremos que as ações de Caracala, em parte, eram motivadas por interesses de grupo e não se restringiam às vontades pessoais do *Princeps*.

Sobre a subida dos sírios a cargos elevados dentro do Império Romano e a cumplicidade com a qual demarcavam seus avanços políticos dentro do território imperial durante o século III d.c, observamos a mãe de Caracala, de origem síria e que já havia sido imperatriz, posta em um cargo de supervisora das petições

públicas e correspondências da alta esfera do poder imperial. Em seu relato, Dião Cássio nos conta que Caracala nomeou sua mãe, Júlia Domna, para administrar sua troca de cartas com o senado. Ela assinava as correspondências juntamente ao imperador e às legiões, e seu nome era símbolo de grande estima entre os senadores romanos. Júlia também cuidava da recepção de muitos homens importantes, assim como muitas vezes fazia o *Princeps*. Ela se interessou em aprender filosofia com os homens iminentes, mas Caracala evitou se instruir nessa disciplina e procurou apenas viver como um soldado (*Dião Cássio*, LXXVIII, 18.2-18.3).

Ainda a respeito da relação pouco desenvolvida entre Caracala e a facção senatorial à qual pertencia Dião Cássio, observamos que o autor critica o imperador a todo o momento sobre a maneira com a qual este último tratava os senadores. Dião descreve que Caracala não gostava de usar roupas e acessórios caros que eram dados a ele de presente pelos aristocratas, mas que dava as roupas caras e os acessórios que ganhava aos seus amigos, que não eram senadores. Além disso, o autor também afirma que o imperador tratava os senadores com pouco caso e que não fazia questão em convidá-los para jantar com ele. Em lugar disso, Caracala frequentemente fazia suas refeições juntamente aos seus libertos favoritos (*Dião Cássio*, LXXVIII, 18.4).

Em relação à visão estereotipada que o *mos maiorum*, instrumentalizado pelos romanos, construía do homem sírio, isto é, dos sírios representados como atores e mímicos, Dião Cássio, que tanto criticou a ascendência síria do lado materno de Caracala, diz que este imperador gostava muito de mágicos e malabaristas. Segundo Dião, tal era a admiração de Caracala por esse tipo de entretenimento, que este último elogiou e honrou Apolônio da Capadócia, um malabarista e mágico que havia feito sucesso durante o governo do imperador Domiciano. Caracala o admirava tanto que ordenou que fosse construído um santuário em memória de Apolônio. Além de Apolônio, a documentação nos fornece outra pista sobre a amizade de Caracala com os artistas. Dião nos descreve que o imperador promoveu um liberto chamado Teócrito, que era também dançarino no teatro do Roma, ao posto de prefeito e também de general do exército romano (*Dião Cássio*, LXXVIII, 18.4; 21.1-21.2). Desse modo, observamos que Dião Cássio, ao



compor sua obra, selecionou aspectos do gosto pessoal de Caracala, tal como a admiração que este imperador sentia pelos artistas e a amizade que tinha com eles, porque sabia que iria desagradar aos senadores guiados pelos princípios existentes no *mos maiorum*. Afinal, sabemos que o direcionamento moral do *mos maiorum* condenava a profissão de artista e as formas populares de entretenimento teatral.

Entretanto, como já dissemos, um grande percentual dos senadores romanos, durante o século III d.C, possuía ascendência síria e havia facções orientais no senado que apoiavam o governo de Caracala, que era filho de uma síria bem nascida. Do mesmo modo, tínhamos elucidado que os princípios do *mos maiorum* não eram guias de conduta entre os aristocratas sírios de modo absoluto. Dessa maneira, muitos desses aristocratas sírios, que não eram influenciados completamente pelos princípios do *mos maiorum*, passaram a ocupar postos administrativos e senatoriais no Império Romano, durante o século III d.C. Assim, para muitos desses senadores sírios os artistas eram valorizados, assim como a arte teatral em geral. Nesse caso, as preferências de Caracala, ao admirar os malabaristas e mágicos, pode não ter agradado a Dião Cássio, mas agradou a uma parcela síria dos senadores romanos, e também aos aristocratas orientais e aos soldados, que se interessavam por este tipo de entretenimento.

Sobre a trama que desencadeou na morte de Caracala e no fim de seu governo, Herodiano nos narra os detalhes. O autor nos conta que Caracala tinha dois prefeitos do pretório, um deles se chamava Advento e era idoso já e reconhecido por sua experiência como militar, todavia inexperiente nos assuntos públicos. O outro prefeito do pretório se chamava Macrino, inexperiente no fórum, mas conhecia bem as leis. Caracala costumava debochar de Macrino em público, acusando-o de inexperiência militar e de ser um covarde, o que desagradava bastante a Macrino e o deixava ofendido. Assim, esse contexto de má relação entre Caracala e seu prefeito Macrino é o que tornou inevitável a morte do primeiro. O imperador suspeitava que todos tramavam contra a sua vida, porque era naturalmente desconfiado. Por esse motivo, Caracala procurava auxílio dos deuses e entidades e consultava sábios, astrólogos e aurúspices de todas as regiões do Império Romano. Contudo, o imperador acreditava que muitos desses adivinhos que consultava desejavam bajulá-lo, e que por esse motivo divulgavam a ele resultados

forjados. A confiança de Caracala recaía apenas sobre o seu amigo Materniano, a quem confiava vários assuntos públicos importantes. Desse modo, o imperador pediu a Materniano que consultasse os adivinhos mais confiáveis sobre quando seria a sua morte e como seria o fim de seu governo, isto é, o principado de Caracala. Em resposta a Caracala, Materniano escreveu uma mensagem dizendo que o prefeito do pretório, Macrino, tramava contra a vida do imperador. Quando Caracala recebeu a mensagem, juntamente com outras cartas, entregou-as a Macrino, para que este último lesse todas as correspondências e o informasse se havia algo urgente e que necessitasse de sua atenção. Entretanto, quando Macrino leu as cartas, encontrou a correspondência de Materniano que continha acusações contra ele próprio, e que dizia que ele tinha um complô contra Caracala. Desse modo Macrino destruiu a carta e tramou a morte de Caracala, antes que o imperador recebesse uma nova mensagem de Materniano. Assim, Macrino convenceu Marcial, um soldado que estava insatisfeito com o imperador, a assassinar Caracala<sup>31</sup> (*Herodiano*, IV, 12.1-12.7; 13.1-13.2). A seguir copilaremos a passagem em que Herodiano descreve o assassinato de Caracala por Marcial, enquanto o imperador estava na região da Mesopotâmia:

“Para não cansar todo o exército, marchou com uma reduzida força de cavalaria, com a intenção de regressar imediatamente depois de oferecer um sacrifício à deusa. No meio do caminho, devido a uma dor no ventre, ordenou que todos se afastassem e ele foi a um lugar afastado com apenas um servente para se livrar da dor. Assim, pois, todos deram meia volta e se retiraram por respeito e decoro. Todavia, já que Marcial estava à procura de qualquer ocasião, viu que Antonino estava só, e fingindo que o imperador havia dado senhas para que o fosse informar de algo ou para receber ordens, o acudiu correndo. Se aproximou dele pelas costas quanto ele estava abaixando as calças e o feriu com o punhal que levava escondido em suas mãos. A ferida, que penetrou pela clavícula, foi mortal e Antonino morreu inesperadamente, sem a proteção de sua guarda.”(*Herodiano*, IV,

---

<sup>31</sup> Sobre a morte de Antonino Caracala, traduziremos do inglês ao português uma passagem da versão de Dião Cássio em inglês de Earnest Cary, que descreve presságios que a anunciaram o assassinato de Caracala:

*“Isso aconteceu enquanto Antonino ainda estava vivo; e na corrida de cavalos realizada em honra do principado de Severo a estátua de Marte, enquanto carregada na procissão, caiu. Talvez isso não causasse tanto espanto; mas agora vem a maior maravilha de todas. A facção verde tinha sido derrotada, ao que, vendo uma gralha, que estava grasnando muito alto no topo do obelisco, todos olharam para ela e de repente, como se previamente combinado, todos eles gritaram: “Marcial, salve! Marcial, faz um longo tempo desde a última vez que vimos você. “Não era que a gralha era assim chamada, mas que através dela elas estavam cumprimentando, aparentemente sob alguma divina inspiração, Martialis, o assassino de Antonino.” (Dião Cássio, LXXIX, 8.1-8.3)*

## 13.3-13.5)

Em relação aos acontecimentos que se sucederam, Dião Cássio nos oferece o seu relato. Logo após ocorrer o assassinato de Caracala, Dião conta que um dos soldados citas que estavam a serviço do imperador executou Marcial com um dardo. Entretanto os amigos íntimos de Caracala e seus libertos logo seriam assassinados pelos acontecimentos políticos que se desdobraram após a sua morte. O verdadeiro instigador do assassinato de Caracala, o prefeito Macrino, era natural de Cesareia<sup>32</sup>. Tinha uma de suas orelhas furadas, como era costume entre os que eram do seu povo. Com cautela, nos dias que sucederam a morte de Caracala, Macrino começou a fazer novos aliados e ganhou a popularidade dos soldados, anunciando a eles que a guerra poderia terminar logo. Então, no mesmo dia do mês em que o falecido imperador Septímio Severo fazia aniversário, as tropas de Caracala na Mesopotâmia concederam a Macrino o título de imperador (*Dião Cássio*, LXXIX, 3.4-3.5; 11.1-11.6).

Sobre a mãe do imperador assassinado, Júlia Domna, ao receber a urna funerária enviada por Macrino com as cinzas de seu filho Caracala, ela se suicidou, nos conta Herodiano. Logo depois de ganhar o apoio de seus soldados e continuar lutando por algum tempo com os exércitos de Artabano, Macrino convenceu o rei parto a estabelecer a paz, já que o responsável por provocar a guerra, Caracala, havia sido assassinado. Terminada a guerra, Macrino partiu da Mesopotâmia em direção à Antioquia (*Herodiano*, IV, 13.8; 14.1-14.8; 15.1-15.9). Quando chegou ao seu destino, Macrino enviou uma carta ao senado romano, na qual dizia que não concordava com os excessos que Caracala cometia, e que sendo ele o novo imperador, respeitaria a soberania dos aristocratas do Império Romano, e assim não governaria como um déspota. Desse modo, após os senadores receberem essa carta em Roma e a lerem em público, concordaram em oficializar que Macrino havia se tornado o novo imperador (*Herodiano*, V, 1.1-1.8; 2.1).

Em relação às medidas políticas que Macrino tomou em sua breve

---

<sup>32</sup> Observamos que, no texto original da epítome de Dião Cássio é atribuído o termo grego *Μαῦρος* ao imperador Macrino. Verificamos que Herbert Baldwin Foster e Earnest Cary traduzem o termo *Μαῦρος* por mouro. Discordamos dessa tradução, ao notarmos que ela é anacrônica. Concordamos com a tradução do dicionário *Greek Lexicon of the Roman and Byzantine periods*, de 1914, que atribui ao termo *Μαῦρος* o sentido de preto, ou negro, já que *Μαῦρος* é uma variação de *Μέλας* = Preto.



experiência como *Princeps*, Caillan Davenport (2012, p.184-185) afirma que o imperador depôs vários governadores das províncias orientais do Império Romano nomeados por Caracala e implantou nelas governadores favoráveis a ele próprio. Na Panônia Inferior, Dácia e Moesia Inferior um ou dois governadores foram trocados em algumas ocasiões entre abril e dezembro de 217 d.C. Além disso um novo legado foi instalado por Macrino na Capadócia no início de 218 d.C, e um novo governador, nesta província, foi nomeado no mesmo período, chamado *M. Munatius Sulla Cerialis*. Na Coele Síria, por outro lado, não há evidências de que o governador *Fabius Agrippinus* tenha sido nomeado por Macrino. O mesmo ocorre com o legado da Arábia, *Pica Caesianus*. Entretanto o autor descreve que esses dois últimos com certeza foram apoiadores do governo deste imperador. Na Síria Fenícia, o legado colocado lá por Caracala foi removido e Macrino instituiu *Marius Secundus*, um equestre, para ocupar esse posto. Entre julho de 217 d.C e abril de 218 d.C o funcionário de Caracala no Egito, *L. Valerius Datus*, foi executado sob ordens de Macrino, e em seu lugar foi colocado *Iulius Basilianus*. Em relação à nomeação do pro-cônsul da Ásia, Macrino escolheu *C. Iulius Asper* para ocupar essa posição que, todavia, ainda durante o mesmo imperador, foi substituído por *Anicius Faustus*. Do mesmo modo, na província romana da África *M. Aufidius Fronto* foi designado pro-consul, mas devido à insatisfação da população, Macrino precisou retirá-lo dessa posição (DAVENPORT, 2012, p.186-196).

Assim, Macrino, o primeiro imperador romano a emergir da ordem equestre (DAVENPORT, 2012, p.184-185), governou durante alguns meses. Entretanto, em determinado momento durante o governo deste imperador, Dião Cássio relata que uma tropa de soldados do Império Romano, estacionada na província da Síria, inquietava-se. Os soldados dessa tropa estavam preocupados com a sua situação perante o imperador Macrino. Todavia, na Síria também estavam os membros da família de Júlia Domna, que havia sido imperatriz romana, e mãe de Caracala. Entre os membros da família de Júlia Domna, havia Júlia Maesa, sua meia irmã. Juntamente à Júlia Maesa estavam as duas filhas desta, Júlia Soemia e Júlia Mamea. Cada uma destas duas últimas tinha um filho, Soemia era mãe de Avito e Mamea, de Bassiano. Os pais dos dois rapazes, Vário Marcelo, de Avito e Gessio Marciano, de Bassiano, eram também de origem síria (*Dião Cássio*, LXXIX, 29.1-

29.2; 30.1-30.3). Em relação aos dois rapazes netos de Júlia Maesa, Herodiano os chama com nomes diferentes dos que Dião Cássio lhes atribui. Na versão de Herodiano, o filho de Soemia se chamava Bassiano, e o de Mamea, Alexiano. Esse autor também diz que o primeiro tinha 14 anos, naquele ano em que Macrino governou, e o segundo, estava com 10 anos de idade (*Herodiano*, V, 3.3).

Herodiano narra que ambos os rapazes foram educados junto com suas mães e com a avó deles, Júlia Maesa. Além disso, os dois meninos tinham sido educados para serem sacerdotes do deus do sol, Elagabal. Este deus era cultuado em um santuário cheio de ouro, prata e pedras preciosas. Do mesmo modo, dentro deste santuário Elagabal era representado por uma pedra cônica e negra, que a população dizia que havia caído dos céus. Ao perceber que os soldados da tropa estacionada em Emesa observavam Bassiano, o filho de Júlia Soemia, mais conhecido como Heliogábalo, Júlia Maesa decidiu inventar uma mentira e contou a alguns soldados que Bassiano era, na verdade, filho do falecido imperador Caracala, assim como Alexiano, porque este imperador havia se deitado com suas duas filhas, Soemia e Mamea. Esse rumor se espalhou entre o exército, e então fizeram uma proposta a Júlia Maesa, na qual Bassiano, ou Heliogábalo, se tornaria o imperador. Maesa aceitou a proposta e os soldados abriram o acampamento para que as três Júlias e os dois rapazes pudessem entrar. Desse modo, os soldados estacionados em Emesa, declararam que Heliogábalo era o novo imperador e o cobriram com um manto de púrpura (*Herodiano*, V, 3.3-3.12).

Em nossa percepção sobre como funcionavam as estruturas de poder no Império Romano, pensamos que não foi por uma simples insegurança em relação à Macrino que essas tropas estacionadas em Emesa declararam Heliogábalo o novo imperador. Acreditamos que com o assassinato de Caracala, as facções aristocráticas e militares que o apoiavam, entre eles muitos aristocratas sírios, ficaram insatisfeitas em ter este último imperador, que defendia os seus interesses políticos, assassinado e substituído por um novo *Princeps*, isto é, Macrino, que não era sírio e não satisfazia os seus interesses. Desse modo, os soldados que nomearam Heliogábalo imperador romano, estavam seguindo as vontades de grupos aristocráticos e militares orientais poderosíssimos naquele período, isto é, no século III d.C.

A respeito da declaração de Heliogábalos como imperador em Emesa, Dião Cássio relata que em sequência, Macrino locomoveu-se para onde estavam as tropas albanas de Apaméia e nomeou seu filho, Diadumeniano, que tinha apenas dez anos, Augusto. Em seguida, Macrino distribuiu sestércios entre os soldados e restaurou os seus antigos benefícios, que eles tinham perdido após a morte de Caracala. Com a finalidade de agradar aos seus soldados, ainda que em vão, Macrino também fez um baquete a eles, dando a desculpa de que estava realizando um jantar especial para parabenizar o seu filho, pelo novo título que este havia ganhado, isto é, o de imperador romano. Entretanto, nos dias que se seguiram, ele decidiu retornar à Antioquia. Então, tanto a legião albana quanto outras tropas que estavam passando o inverno naquela região se revoltaram contra Macrino, aliando-se aos que estavam em Emesa. Desse modo, cada um dos lados começou a se preparar para combater o outro, e emissários se locomoveram entre as tropas partidárias de cada um dos que foram declarados imperadores romanos. Basiliano, governador do Egito e o senador Mario Secondo, que cuidava de negócios na Fenícia, eram partidários de Macrino. Esses dois homens ordenaram a execução de todos os emissários que pertenciam às tropas apoiadoras de Heliogábalos, e que vinham requisitar sua aliança. Todavia quando a notícia da derrota de Macrino se espalhou, muitos soldados e civis pereceram. Em decorrência destes acontecimentos, Secondo e Basiliano foram assassinados (*Dião Cássio*, LXXIX, 34.6-34.8; 35.1-35.3).

A fim de definir o resultado do jogo de forças em conflito, Macrino decidiu unir seus soldados e iniciar um combate decisivo contra as tropas que apoiavam Heliogábalos, relata Herodiano. Os dois exércitos se combateram na região de fronteira entre a Fenícia e a Síria. As tropas de Heliogábalos lutaram valorosamente, com receio do que lhes aconteceria se Macrino vencesse, já que o tinham traído. Por outro lado, os soldados deste último lutavam com menos ímpeto e, inclusive, alguns deles fugiam do combate ou passavam para o lado do inimigo. Percebendo que seu lado estava mais fraco na luta, Macrino sentiu medo de sofrer a humilhação de se tornar prisioneiro de Heliogábalos. Desse modo, ao entardecer, o primeiro retirou seu manto e todas as suas insígnias imperiais e fugiu, levando consigo alguns centuriões de confiança. Raspou a barba antes de partir e por onde passou,



durante sua fuga, sempre manteve o rosto coberto. Os centuriões que acompanhavam Macrino em sua retirada conduziam a sua carruagem com muita velocidade, como se estivessem em uma missão urgente. Enquanto isso, os exércitos dele e sua própria guarda pretoriana, ainda lutavam na batalha contra os soldados de Heliogábalos. Com o tempo, em meio ao combate, os soldados de Macrino começaram a achar estranho que o imperador e seu estandarte não eram mais vistos por eles. Quando a notícia da fuga de Macrino chegou até Heliogábalos, este enviou emissários aos pretorianos e soldados do primeiro, que ainda estavam lutando e advertiu que eles lutavam em vão por um covarde que havia fugido e que, se passassem para o seu lado, ficariam livres de qualquer punição. Eles aceitaram a oferta e se tornaram partidários de Heliogábalos. Por fim, o novo imperador ordenou a execução de Macrino. Este foi encontrado em Calcedônia, na Bitínia, e decapitado. Além dele, seu filho Diadumeniano, que ele havia declarado César, também foi assassinado (*Herodiano*, V, 4.5-4.12).

Em nossa leitura de Dião Cássio, observamos alguns comentários que ele faz a respeito do trágico destino de Macrino. Ele diz que ninguém, e nem mesmo os mais fortes e poderosos, está seguro de seu poder. Também afirma que Macrino mereceria ser elogiado após a sua morte se não desejasse tanto se tornar ele mesmo o imperador, e se, em lugar disso ele elege-se algum senador para ocupar o cargo de imperador romano. Desse modo, Macrino poderia ter justificado com mais veracidade que havia conspirado para assassinar Caracala apenas para salvar a sua própria vida, e não com a pretensão de se tornar ele mesmo o imperador romano. Mas, já que Macrino preferiu agir de outro modo, ele foi vítima da própria destruição, que ele bem que merecia por desejar tanto o poder (*Dião Cássio*, LXXIX, 41.1-41.4).

Sobre esses comentários que Dião Cássio faz a respeito do destino de Macrino, que teria governado o Império Romano entre de 217 e 218 d.C., acreditamos que havia nessas observações do autor, uma clara intenção de criticar o comportamento de Macrino por causa da relação política que este imperador tinha com os senadores romanos. Como senador, Dião tenta construir uma narrativa na qual os imperadores que entram em conflito com a facção senatorial à qual ele pertence são criticados. Desse modo, um homem como Macrino, que não era

senador, só poderia ser elogiado caso respeitasse a soberania dos senadores, instituição à qual Dião pertencia. Entretanto, em lugar de respeitar a soberania senatorial e conceder a um senador o poder supremo, Macrino declarou a si mesmo imperador romano. Assim, na narrativa de Dião a decapitação de Macrino foi merecida, já que este imperador não agiu de acordo com os preceitos do *Mos maiorum*. Todavia, as críticas que Dião Cássio fez ao imperador que governou em seguida à Macrino, isto é, Heliogábalo, foram ainda mais depreciativas do que as que ele fez à Macrino. A respeito dessas críticas que Dião fez à Heliogábalo, discutiremos os detalhes no capítulo seguinte.

Sobre a adolescência do novo *Princeps*, isto é, Heliogábalo, quando foi declarado imperador aos quatorze anos, Britta Signe Johansson (2016, p.28) nos mostra uma relação entre a juventude de vários imperadores e as críticas encontradas em documentos da antiguidade sobre o comportamento desses mesmos imperadores jovens. Segundo a autora, os imperadores romanos que começaram a governar ainda na juventude, geralmente são descritos nos documentos da antiguidade clássica como inexperientes e licenciosos, e assim incapazes de governar o Império Romano com sucesso. Isso também viria em consequência de jovens imperadores, tais como Nero e Heliogábalo serem controlados por suas mães.

Em relação a pouca idade de Heliogábalo, quando este foi declarado o *Princeps*, e a hipótese de que ele era controlado por sua mãe, Júlia Soemia, ou então por sua avó, Júlia Maesa, acreditamos ser verossímil que as duas tivessem certa influência sobre as práticas culturais e administrativas do imperador, ainda que ele não as obedecesse em determinadas ocasiões. Desse modo, observamos que o imperador e sua família pertenciam à aristocracia síria e assim, pensamos que as três júlias, a mãe, a tia e a avó de Heliogábalo, depositavam no jovem imperador as intenções dos senadores, administradores e aristocratas sírios que detinham de algum poder naquele momento da história do Império Romano, isto é, no século III d.C. Por essa razão acreditamos, em concordância com Kemezis (2016, p.370-385), que a pouca idade de Heliogábalo é irrelevante para determinar se havia autonomia de seu arbítrio sobre sua maneira de governar, levando em consideração que é pouco provável que algum dos imperadores romanos tenha governado seguindo

apenas a própria vontade. Dessa maneira, pensamos que as facções em que o poder dos imperadores romanos procurava se sustentar, sejam elas facções senatoriais, militares ou de aristocracias provinciais, influenciavam no comportamento político do *Princeps*. Assim, é importante recordarmos da afirmação de Hannah Arendt (2014, p.188-220), qual seja, a de que a percepção de liberdade que predominava na Antiguidade Clássica não tinha nada em comum com a noção moderna de liberdade.



## CAPÍTULO 3

## CAPÍTULO 3 HELIOGÁBALO SOB AS PERSPECTIVAS DE DIÃO CÁSSIO E HERODIANO

### 3.1 Considerações preliminares

Entre as famílias que governaram o Império Romano, a dinastia Severa foi a primeira com membros africanos e sírios. Entre os membros dessa dinastia destacamos que Heliogábalos foi o primeiro imperador romano cuja origem era absolutamente síria. A cidade natal desse imperador era Emesa, localizada no noroeste da Síria romana. Em relação à genealogia de Heliogábalos observamos que ele era bisneto de Júlio Bassiano, sumo-sacerdote do deus Elagabal, em Emesa.

A respeito dos governadores de Emesa que antecederam Heliogábalos, podemos contar com os exemplos que Andreas Kropp (2010, p. 214) nos fornece. Entre eles podemos citar Jamblico, que governou em meados de 140 a.C.. Outro soberano de Emesa foi *Sampsigeramus* I que reinou entre 60 e 50 a.C. Permiteu que seu filho Jamblico governasse em conjunto com ele em meados dos anos em que exerceu a autoridade. Durante a década em que esteve no poder *Sampsigeramus* I estabeleceu boa relação com o romano Pompeu, após pagar tributo. Quando se tornou o único governante, o filho de *Sampsigeramus* I foi nomeado como Jamblico I. Ele reinou de 50 a 31 a.C e foi aliado de Cícero pouco antes de ser o único governante de Emesa, enquanto Cícero exercia o seu proconsulado na Cilícia em 51 a.C. Em 37 a.C Jamblico I perdeu o controle de Aretusa, uma cidade que estava sob o seu domínio, porque Marco Antônio havia permitido que o parto Monases a governasse, juntamente com duas outras cidades. O governo de Jamblico I teve fim quando este foi executado por Marco Antônio em 31 a.C. O soberano seguinte de Emesa se chamava Alexandre, irmão de Jamblico, e governou apenas um ano, entre 31 e 30 a.C. Era amigo íntimo de Marco Antônio, mas logo foi deposto por Otávio e executado. De 30 a 20 a.C houve um interregno. Em 20 a.C Jamblico II, filho de Jamblico I, foi nomeado por Otávio Augusto como governador de Emesa, mas sem exercer domínio sob Aretusa. Algumas décadas a frente no tempo, Kropp relata que o governador de Emesa de 10 a 40 d.C chamava-se *Sampsigeramus* II. Outro soberano sobre aquela região tinha o nome *Soaemus* e

governou de 38 d.C até a sua morte em 49 d.C. Além disso, há uma referência de que um tal *Azizus*, marido de Drusila, filha de Agripa I, que governou Emesa por volta de 50 d.C. O irmão de *Azizus*, *C Julius Soaemus* governou Emesa de 54 a 70 d.C. Finalmente, a última referência dada por Kropp é a de *Gaios Ioulios Fabia Samsigeramos*, conhecido apenas através de um monumento erigido na região de Emesa em 78/9 d.C (KROPP, 2010, p.215-216).

Em nossa análise dessas informações a respeito alguns políticos de Emesa, notamos que já era secular o intercambio político e diplomático entre os governantes de Emesa e os romanos quando Heliogábalo se tornou Imperador Romano em 218 d.C. Por esse motivo concordamos com alguns autores na historiografia sobre Heliogábalo quando eles dizem que há exageros nas acusações que Dião Cássio e Herodiano fazem às atividades excêntricas do imperador. A fim de demonstrar um exemplo dessas práticas exageradas e excêntricas que a documentação faz à Heliogábalo, citaremos uma passagem da obra de Herodiano, na qual há uma descrição de uma prática cultural do imperador:

“Construiu nos arredores de Roma um enorme e magnifico templo, onde transportava o deus a cada ano em meio ao verão. Instituiu toda a classe de festas e construiu circos para as corridas de bigas e teatros, pensando que agradaria ao povo se lhe oferecesse corridas de bigas e todo o tipo de espetáculos e festas, que se prolongaram durante toda a noite. Para conduzir o deus desde a cidade até o exterior, o colocava em uma biga coberta de ouro e pedras preciosas. Puxavam a biga seis grandes cavalos brancos sem manchas, enfeitados com muito ouro e testeiras decoradas. Nenhum mortal ia na biga, e ninguém segurava as rédeas, que estavam presas à estátua do deus, como se ele mesmo a estivesse conduzindo. Antonino corria adiante da biga marchando para trás com o olhar dirigido ao deus e segurava as rédeas dos cavalos: viajava todo o caminho correndo de costas, sem deixar de olhar para o rosto do deus. Para evitar tropeçar ou deslizar, ao não ver por onde ia, um tapete de areia dourada foi estendido abaixo de seus pés, e seus guardas o defendiam de ambos os lados cuidando de sua serança em uma corrida como aquela. Pelos dois lados, o povo corria com ele em profusão com tochas e semeando o caminho com coroas e flores. A cavalaria e todo o exército abriam a procissão, diante da imagem do deus. Ali eles foram com imagens de todos os deuses com oferendas de grande beleza e valor e todos os estandartes imperiais e os tesouros mais preciosos. Depois de conduzir o deus e instalá-lo em seu templo, o imperador comemorava os sacrifícios de que falamos. Logo subia sobre umas enormes e muitíssimas torres que havia mandado construir, e delas jogava sobre a multidão, para que todo mundo pudesse pegar, copos de ouro e de prata, vestidos e finos tecidos de todas as classes, animais domésticos de todos os tipos, exceto porcos, dos quais se abstinha, segundo a lei fenícia.” (*Herodiano*, V, 6.6-6.10)<sup>33 34</sup>

<sup>33</sup>Versão da tradução italiana de Pietro Manzi, de 1821:



Ao contrário de Herodiano, não acreditamos que o imperador fosse tão exagerado em suas excentricidades, e que os séculos que se seguiram de relações políticas entre o governo romano imperial e os governantes de Emesa proporcionaram um entendimento desses últimos sobre o complexo jogo de confluência e resistência cultural entre o centro do poder e as várias provinciais imperiais. Assim, ainda que os emesianos fossem excêntricos, aos olhos dos senadores romanos, pensamos que a experiência secular de seus governantes os ensinou a serem diplomáticos. Desse modo, não acreditamos que a avó de Heliogábalo o deixasse jogar animais, roupas finas e vasos de ouro e prata do alto

“Elevò quindi ne’ sobborghi un tempio di gran magnificenza e grandezza, ove ogni capo d’anno sul venir dell’estate vi conducea il suo dio; e, dando corse, commedie, pranzi, e festini, credea di far cosa graziosa a’romani. Trasportavalo egli stesso sopra un cocchio tutto in oro e preziosissime gemme, tirato da sei giganteschi e candidissimi cavalli, forniti di finimenti varj e ricchissimi. Non era lecito a persona di montare in sul cocchio, ma tutti erano all’intorno del dio, con se da per solo lo guidasse. Antonino, reggendo i freni de’ cavalli, si tenea volto alla imagine di lui, e cogli occhi fissi in lei, guidava il cocchio all’indietro, e così procedea lungo tutta la via. La quale, acciò egli non vi sdruciolasse o cedesse, facea tutta quanta spargere di quell’arena ch’è color d’oro, con soldati all’intorno schierati, acciò in caso di caduta lo regessero. Era la via tutta zeppa di popolo, che correa avanti indietro con fiaccole, e spargea Fiori e corone. Venivano appresso le immagini di tutti gl’iddii, e le più ricche e superbe suppellettili che insignivano i templi e l’imperiale palazzo: gli faceano similmente corteggio i cavalieri e tutto l’esercito. Condottolo in tal guisa e situatolo nel tempio, gli celebrava: e poi, salendo sopra una grande ed altíssima torre a questo fine edificata, gittava giù al popolo vasi d’oro e d’argento, vesti di varj drappi, animali di ogni spezie, ecceto i porci, de’quali si astenea per legge fenícia.” (ERODIANO, 1821, p.189-190).

<sup>34</sup> Tradução da versão italiana:

“Elevou no subúrbio um templo de grande magnificência e grandeza, onde a cada novo ano ao chegar o verão ele conduzia o seu deus; e, dando passeios, comédias, almoços e festejos, acreditava fazer coisas graciosas aos romanos. Transportava-o ele mesmo sobre uma biga de ouro e joias preciosas, puxada por seis cavalos gigantes e branquíssimos, equipados com arreios variados e riquíssimos. Não era lícito às pessoas de montar na sua carruagem, mas todos ficavam ao redor do deus, como se ele se guiasse sozinho. Antonino, regendo os freios dos cavalos, se manteve de frente à imagem dele, e com os olhos fixos nela, guiava a biga de volta, e assim procedia ao longo de todo o caminho. A qual, para que ele não escorregasse e caísse, fazia toda quanta dispersão naquela arena de cor dourada, com soldados ao redor alinhados, para que em caso de cair eles o sustentassem. Era o caminho todo cheio de pessoas, que corriam à frente de volta com tochas, e espalhavam flores e coroas. Eles estavam vindo com imagens de todos os ídolos, e os mais ricos e soberbos objetos que decoravam os templos e o palácio imperial: de modo semelhante, o faziam cortejo os cavaleiros e todo o exército. Conduzido em tal guia e situando-o no templo, ele o celebrou: e depois, saindo sobre uma altíssima grande torre edificada para essa finalidade, jogava para baixo ao povo vasos de ouro e de prata, vestes de várias roupagens, animais de cada espécie, exceto os porcos, dos quais se abstinha pela lei fenícia” (ERODIANO, 1821, p.189-190).

de uma torre para que a população fosse machucada com a caída desses objetos e animais em suas cabeças. Acreditamos, por outro lado, que esses exageros nas descrições sobre as excentricidades do imperador Heliogábalo são consequência do preconceito que a facção mais conservadora de senadores romanos tinha em relação às populações orientais, e, em especial, aos sírios.

Os orientais e sírios, como já discutimos no capítulo anterior, são estereotipados pelos romanos e descritos como populações decadentes, apegados aos vícios, sensuais, efeminados e valorizadores do luxo excessivo. Assim, observamos que Heliogábalo era descrito como um sírio valorizador do luxo, mas de uma maneira excessiva, extravagante e alucinada. O modo como Herodiano descreve o comportamento de Heliogábalo, demonstrado por nós no excerto acima, em seu ritual ao deus *El Gabal*: as joias na biga que levava a imagem do deus, os arreios elegantes dos cavalos, as imagens de ídolos levadas junto pela cavalaria e a ação de Heliogábalo ao jogar roupas, copos de metais preciosos, tecidos finos e animais pelas janelas de uma alta torre – Isso tudo nos mostra como Heliogábalo era apresentado retoricamente como um ensandecido apegado ao luxo.

Em nossa leitura das obras de Dião Cássio e Herodiano, notamos que Heliogábalo era um aristocrata sírio, e um artista. Por outro lado, não há motivos para acreditar que este último não apreciasse artigos ou roupas de luxo, aos quais estava habituado a possuir em sua juventude antes de se tornar o *Princeps*. Contudo, observamos que devia existir um limite para a tendência do imperador aos comportamentos excêntricos, até por conta do controle sobre este último exercido por sua avó, Júlia Maesa. Dessa maneira, acreditamos que a atribuição de práticas esquisitas ao imperador por Herodiano, tais como jogar animais e tesouros pela janela de uma torre (*Herodiano*, V, 6.9-6.10), tem a finalidade de aumentar e distorcer as práticas de Heliogábalo, para dar a impressão de que o imperador era insano. A isso se relaciona o estereótipo que os romanos tinham pelas populações síriacas, tais como: efeminados, apegados ao luxo e aos vícios. Assim, o exagero dessas características é associado à instabilidade mental e à insanidade, como no caso das acusações feitas contra Heliogábalo.

Os povos semíticos eram conhecidos na antiguidade por apreciarem os lugares elevados, pedras altas e as torres, e associarem a altura com a aproximação

aos deuses. A partir de estereótipos com os quais a facção tradicional de senadores romanos descrevia tais populações siríacas, nas ocasiões em que era conveniente para eles, distorciam ou aumentavam as descrições sobre as características dos rituais semíticos e faziam com que parecessem absurdos. Parece, a nós, inverossímil que Heliogábalo jogasse animais e tesouros do alto de uma torre sobre as cabeças das pessoas que estavam abaixo. No nosso estudo sobre rituais no oriente médio, percebemos que a população é que oferecia presentes, em alguns casos com metais preciosos, aos sacerdotes e ascetas que estavam sob as pedras elevadas ou em torres, e oferendas e sacrifícios aos deuses, e não o contrário. Em outras palavras não faz sentido que a divindade cultuada por Heliogábalo presenteasse as pessoas, através de seu sacerdote, com vasos de ouro e prata, roupas e animais, mas sim que a população ofertasse presentes ao sacerdote e oferendas ao deus para obter deste último os benefícios de seu auxílio espiritual.

Por outro lado, nos recordamos que Heliogábalo é associado por Herodiano às estátuas do deus grego Dionísio (*Herodiano*, V, 3.7). Dessa maneira, observamos que as atividades teatrais estavam, na Grécia, intimamente associadas ao culto que a população helênica prestava ao Dionísio. Assim, quando Herodiano associa Heliogábalo a Dionísio, ele está implicitamente relacionando as características de artista do imperador com os atributos que são dados ao deus Dionísio, qual seja, o deus do vinho e do teatro.

Desse modo, a inversão que observamos, no relato de Herodiano, das tradições religiosas das populações siríacas, qual seja, do sacerdote arremessar presentes à população, e não a população as ofertar ao sacerdote e/ou ao deus, se assemelha a inversão de valores que os senadores romanos tradicionais atribuíam aos artistas de teatro. Recordemos que, na república romana, os artistas por vezes faziam apresentações para exporem críticas às facções políticas e ao senado romano, ou seja, o grupo que representa a ordem é atacado pelos artistas. Assim, Heliogábalo, um imperador artista, aparece com valores alterados e isso reflete na descrição de seu comportamento religioso, ao jogar os tesouros de *El Gabal* pela janela da torre, invertendo os valores religiosos.

Essa construção de Heliogábalo como um efeminado que está contra as tradições romanas reflete em como Dião Cássio e Herodiano descrevem o



comportamento legislativo deste imperador. Recordemos, em comparação com Heliogábalo, que quando seu antecessor Caracala instituiu seu édito em 212 d.C<sup>35</sup>, esse *ius extraordinarium*<sup>36</sup> foi aceito pelo senado romano, qual seja, era uma medida incomum na tradição jurídica romana e que foi implementada pelo *Princeps* de maneira legítima. Assim, quando observamos que Heliogábalo tentou modificar as leis ou as tradições, no lugar de observarmos uma referência a essas alterações como *ius extraordinarium*, é perceptível que Dião Cássio e Herodiano reprovam severamente a maioria dos comportamentos políticos do imperador e não os consideram legítimos. A respeito desse tópico falaremos mais detalhadamente no próximo item desse capítulo.

Sobre os motivos de Dião Cássio criticar tanto a ascensão de Heliogábalo, iremos somar as circunstâncias desvantajosas em que este último assumiu o poder imperial. Em primeiro lugar, Heliogábalo não havia sido nomeado por Caracala como sucessor, o que o deslegitimava perante o senado romano. Do mesmo modo, notamos que Heliogábalo não havia exercido uma carreira política antes de se tornar o *Princeps*, diversamente de Septímio Severo e Caracala e não foi escolhido para ser o imperador pela iniciativa do senado, mas obteve êxito devido ao apoio de uma legião oriental, na qual havia muitos soldados de origem síriaca. Em outras palavras, era apenas um laço familiar distante que unia Heliogábalo à Júlia Domna, Caracala e Geta, ainda que a avó do imperador procurasse divulgar a falsa informação de que Heliogábalo era filho de Caracala (*Herodiano*, V, 3.10).

A respeito da ascendência de Heliogábalo observamos que apenas a sua linhagem do lado materno era conhecida com segurança. Como sabemos, no Império Romano do século III d.C o status dos filhos estava relacionado ao conúbio entre mãe e pai e seus status sociais. Assim, não era conhecida exatamente nem ao menos qual era a identidade do verdadeiro pai de Heliogábalo<sup>37</sup>. Por essa razão

---

<sup>35</sup> Também chamada de *Constitutio Antoniniana*. Dava a cidadania a todos os homens livres do Império Romano.

<sup>36</sup> Direito extraordinário do *Princeps*.

<sup>37</sup> Havia a farsa divulgada por Júlia Maesa, qual seja, a de que Heliogábalo era filho de Caracala (*Herodiano*, V, 3.10). Além disso, também existe a declaração de Dião Cássio, de que o pai de Heliogábalo era Sexto Vário Marcelo (*Dião Cássio*, LXXIX, 30.2). Contamos ainda com a possibilidade de as duas alternativas estarem incorretas e a identidade do pai de Heliogábalo ser incerta ou desconhecida. Acreditamos que a parcela mais conservadora dos senadores romanos também contava com essa possibilidade do desconhecimento da linhagem paterna de Heliogábalo.

pensamos que a facção mais conservadora e tradicional do senado romano considerava Heliogábalo ilegítimo e filho de uma mulher lasciva. Verificamos em Ulpiano<sup>38</sup> que segundo a lei Júlia era proibido aos senadores e seus filhos se casarem com atrizes, prostitutas e/ou libertas<sup>39</sup> (*Liber Singularis Regularum*, 13.1-13.2)<sup>40</sup>. Assim, a mãe de Heliogábalo, Júlia Soemia, era uma mulher síria, isto é, uma prostituta, segundo os estereótipos de grande parte dos senadores romanos. Desse modo. Pensamos que por Heliogábalo ser apenas um adolescente de quatorze anos quando tomou o poder e filho de uma mulher síria<sup>41</sup> e de um pai cuja identidade era incerta, os senadores que pertenciam às facções mais conservadoras do senado romano consideravam Heliogábalo próximo a um *homine alieni juris*<sup>42</sup>.

### 3.2 O principado de Heliogábalo

Em nosso estudo do Império Romano, observamos que vários imperadores se destacaram nos relatos sobre os príncipes que ocuparam o poder. Alguns deles, tais como Otávio Augusto e Marco Aurélio, são elogiados pela documentação textual enquanto outros, isto é, Nero e Cômodo, são severamente criticados. O imperador que apresentaremos a seguir, Heliogábalo, pertencia a esse último grupo. Ele é criticado nos relatos de dois autores que viveram com ele no mesmo período, ou seja, no século III d.C. Um deles se chamava Dião Cássio, um senador romano. O outro era Herodiano, cuja origem e posição social é misteriosa. A fim de revelar a parcialidade dos autores em seus relatos, discutiremos as críticas que ambos fazem ao imperador Heliogábalo, desde o momento em que este último se tornou o *Princeps* até a sua morte.

Na nossa leitura da obra *Historia Romana* de Dião Cássio observamos que ele critica Heliogábalo no modo como se refere a esse imperador chamando-o de

---

<sup>38</sup> *Ulpiani Liber Singularis Regularum*

<sup>39</sup> Acredita-se que Ulpiano escreveu a sua obra *Liber Singularis Regularum* ainda durante o principado de Caracala, ou seja, pouco antes de Heliogábalo se tornar o imperador.

<sup>40</sup> *Lege Iulia prohibentur uxores ducere senatores quidem liberique eorum libertinas et quae ipsae quarumque pater materve artem ludicram fecerit, item corpore quaestum facientem. Ceteri autem ingenui proibentur ducere lenam, et a leone lenave manumissam, et in adulterio deprehensam, et iudicio publico damnatam, et quae artem ludicram fecerit: adicit Mauricianus et a senatu damnatam.*

<sup>41</sup> Isto é, uma mulher de má índole, segundo os preconceitos dos senadores romanos.

<sup>42</sup> Um homem que não tem direitos e que está submetido ao poder de outra pessoa.

falso Antonino (*Dião Cássio*, LXXX, 1.1). Essa expressão indica que Dião procurava tornar ilegítimo o pertencimento de Heliogábalo à dinastia Severa. Assim, acreditamos que a denominação de falso Antonino atribuída por Dião Cássio a Heliogábalo também tinha a intenção de deslegitimar a autoridade deste último como imperador. Por outro lado, reparamos que Herodiano (*Herodiano*, V, 3.12), ao contrário de Dião, chama Heliogábalo de Antonino e assim acreditamos que ele considerava que Heliogábalo era um imperador legítimo.

Essa distinção entre a maneira de Dião Cássio e Herodiano chamarem o Heliogábalo, assim como diferenças que discutiremos a seguir entre as características que as duas narrativas atribuem a este imperador, nos faz perceber que cada um desses dois autores pertencia a facções aristocráticas diferentes, entre as várias que interagiam umas com as outras dentro das fronteiras do Império Romano. Desse modo, Dião Cássio, um senador romano da Bitínia, em vários momentos de sua obra *Historia Romana* nos dá pistas de que ele pertencia a uma facção tradicional do senado romano. Por outro lado, na medida em que estudamos a *História do Império Romano* de Herodiano, um autor de origem desconhecida, observamos algumas características de sua narrativa que nos leva a determinar que Herodiano pertencesse a uma facção aristocrática oriental, na qual havia muitos indivíduos da província romana da Síria, terra natal de Heliogábalo. A respeito dessas características das obras de Dião Cássio e Herodiano que nos levam a essas suposições, falaremos de modo gradual ao decorrer desse capítulo. Por outro lado, observamos que embora existam divergências entre as duas narrativas no que diz respeito às características que Dião Cássio e Herodiano atribuem a Heliogábalo, percebemos que também há semelhanças. Ainda assim as mudanças que observamos na intensidade dos elogios e críticas ao imperador em cada uma das narrativas nos faz perceber mais uma vez que cada um deles, Dião Cássio e Herodiano, pertenceu a facções distintas da aristocracia.

A respeito da narrativa de Dião Cássio sobre Heliogábalo, Fergus Millar (1964, p.169) a interpreta como uma coleção de anedotas, algumas delas obsenas, nas quais não há uma linha cronológica temporal, a não ser no início<sup>43</sup> e no final<sup>44</sup> do

---

<sup>43</sup> "Há um elemento de sequencia cronológica quando Dião descreve a jornada do imperador até Roma, permanecendo em Nicomedeia todo o inverno de 218/19 d.C e seguindo em frente através da Trácia, Moésia e as duas Panonias" (MILLAR, 1964, p.169).



governo de Heliogábalo. Assim, de acordo com Millar as anedotas de Dião sobre Heliogábalo são uma espécie de ilustração do caráter deste último, e são agrupadas por tema, tais como: o assassinato de homens proeminentes; as inovações religiosas; e a vida privada de Heliogábalo. Por fim, ainda na interpretação do autor, os anos em que Heliogábalo governou são representados por Dião como um ultraje e uma ilustração do quão avançada estava a desintegração social (MILLAR, 1964, p.169-170).

Em nossa leitura da narrativa de Dião Cássio, observamos que ele crítica Heliogábalo por não respeitar o processo de votação antes de ocupar cargos públicos, no momento em que se torna o *Princeps*. A seguir citaremos a passagem na qual Dião faz essa crítica:

“Em ambas, a mensagem ao senado e a carta ao povo, ele declarou-se imperador e César, filho de Antonino, neto de Severo, Pius, Felix, Augustus, pro-cônsul e detentor do poder tribunício, assumindo esses títulos antes que eles tivessem sido votados, e ele usou, não o nome de Avitus, mas o de seu pretense pai.” (*Dião Cássio*, LXXX, 2, 2-2, 3)

Na nossa análise dessa crítica de Dião à Heliogábalo, na qual o primeiro acusa o segundo de desrespeitar o processo de eleição pelos senadores para ocupar o cargo imperial, assim como o de pro-cônsul e detentor do poder tribunício, observamos o caráter retórico dessa crítica, já que a ação de Heliogábalo em não interagir com o senado de igual para igual não é exclusiva de seu governo, mas é uma característica da dinastia Severa, a qual o imperador pertencia. Nesse caso, embora a narrativa de Dião apresente o comportamento do *Princeps* em relação ao senado como incomum, sabemos que antes de Heliogábalo assumir o governo, três imperadores exerceram o poder sucessivamente: o primeiro foi Septímio Severo, o segundo Caracala<sup>45</sup> e o terceiro foi Macrino. Do mesmo modo que Heliogábalo, esses três imperadores não respeitaram completamente a repartição de poder entre o *Princeps* e o senado. Assim, é importante destacar que desde o início da dinastia Severa<sup>46</sup> o poder do senado, embora ainda tivesse impacto no desencadeamento de

---

<sup>44</sup> “enquanto no fim ele relata a ordem dos eventos da adoção do primo de Heliogábalo, Bassiano, e a sua renomeação como ‘Alexandre’, até a morte de Heliogábalo em 222 d.C” (MILLAR, 1964, p.169).

<sup>45</sup> Inicialmente Caracala governou com seu irmão Geta, mas o primeiro ordenou o assassinato do segundo em 211 d.C e passou a governar sozinho até 217 d.C.

<sup>46</sup> 193 d.C.

procedimentos legais no Império Romano, havia se enfraquecido em relação à dinastia anterior, isto é, a dos Antoninos. Assim, a afirmação de Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 4.2) de que Heliogábalo desrespeitava a constituição tem apenas um sentido retórico, uma vez que desde o início da dinastia o poder do *Princeps* detinha de autoridade para alterar a constituição, tal como também pensava Hay.

Desse modo, observamos que Dião Cássio é parcial quando faz uma descrição a respeito da mudança de leis durante o governo do primo de Heliogábalo, Severo Alexandre, que sucedeu o primeiro no poder. Em sua narrativa, Dião (*Dião Cássio*, LXXX, 2.2)<sup>47</sup> diz que o jurista Ulpiano, durante o governo de Severo Alexandre, corrigiu as irregularidades que Heliogábalo havia introduzido nas leis. Isso nos dá a entender que o mesmo Ulpiano era um jurista obediente às vontades da facção tradicional do senado, à qual pertencia o próprio Dião Cássio e por isso ele se refere às mudanças legislativas implantadas por esse jurista como correções e não inovações.

No nosso estudo, observamos que as críticas de Dião Cássio aos imperadores Severos se intensificam entre a demissão e assassinato de Papiniano por Caracala (*Dião Cássio*, LXXVIII, 3.4) e a elevação ao poder de Ulpiano por Severo Alexandre (*Dião Cássio*, LXXX, 2.2). Notamos que tanto Papiniano quanto Ulpiano foram juristas que defenderam interesses de facções tradicionais do senado romano. O período que abarca, portanto, os governos de Caracala (211-217 d.C), Macrino (217-218 d.C) e Heliogábalo (218-222 d.C) é representado por Dião Cássio como um momento em que o desrespeito pelas tradições romanas se intensificou. Isso não foi coincidência, pois de 211 a 222 d.C as facções aristocráticas orientais mais radicais exerceram grande influência na administração do Império Romano, e Heliogábalo foi um de seus maiores representantes.

Em relação à narrativa de Herodiano, encontramos uma crítica que ele faz à Heliogábalo ter nomeado libertos, escravos, comediantes, aurigas e mímicos para ocuparem cargos administrativos importantes tais como o governo de províncias consulares. Além disso, ele também conta que Heliogábalo escolheu um artista de

---

<sup>47</sup> No livro 80 (LXXX) da edição que usamos da Loeb Classical Library, contém os livros 79 e 80 dos manuscritos, correspondentes respectivamente aos governos dos imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre. Essa codificação que citamos no texto se refere à última parte, qual seja, a que narra brevemente o principado de Severo Alexandre. Assim os livros 79 e 80 dos manuscritos estão no livro 80 dessa edição, os dois com o mesmo numeral: LXXX.

teatro para se tornar responsável pela educação e bons costumes da juventude e confiou a ele o senso dos membros do senado e da ordem equestre. Assim, um dançarino do teatro foi promovido, por Heliogábalo, ao cargo de prefeito do pretório. Observamos que Herodiano chama o imperador de louco por tomar essas medidas (*Herodiano*, V, 7.6-7.7). Do mesmo modo, Dião Cássio relata que Heliogábalo nomeou um dançarino, chamado *Comazon*, ao cargo de prefeito de pretório, e autorizou que ele ocupasse esse posto diversas vezes (*Dião Cássio*, LXXX, 3.5; 4.1-4.2).

Em relação a essas pessoas que eram privilegiadas pelo imperador é importante lembrarmos que as pessoas de baixa posição social no Império Romano poderiam ganhar poderes e benefícios se tornando amigos pessoais do imperador. Desse modo, acrescentamos que, no caso de Heliogábalo, muitos desses libertos e dançarinos, aurigas e comediantes promovidos por ele poderiam ser de origem síria, e assim serem aliados da facção aristocrática à qual pertencia o próprio Heliogábalo. Assim, não só eram clientes do imperador esses indivíduos que ele beneficiava como também representavam o crescente poder dos sírios na administração do Império Romano.

Sobre essas ações políticas tomadas por Heliogábalo, isto é, a de nomear artistas e libertos a cargos administrativos importantes, discordamos que tais medidas fossem motivadas pela loucura, como afirma Herodiano (*Herodiano*, V, 7.6-7.7). Afinal, esses artistas e libertos com os quais Heliogábalo se associava estabeleciam com ele uma rede de clientela, e o imperador certamente tinha controle sobre suas ações nos postos administrativos que ele os nomeava, muito mais do que teria sobre um senador tradicional, tal como Dião Cássio. Contudo, acreditamos que nem todos esses artistas fossem realmente de posições sociais subalternas. Afinal, sabemos que havia muitos sírios na porção ocidental do Império Romano nesse período, e sabemos que para eles não era necessariamente uma característica de um homem pobre exercer atividades artísticas. O maior exemplo é o próprio Heliogábalo, que era um artista e ainda assim de uma família aristocrática e sacerdotal de Emesa. Desse modo, acreditamos, assim como Adam Kemezis (2016, p.373-385), que parte dos indivíduos promovidos por Heliogábalo talvez fossem aristocratas sírios, ou mesmo senadores de origem oriental, que na narrativa



de Herodiano são associados aos libertos e escravos.

Por outro lado, havíamos estabelecido que Herodiano pertenceu provavelmente a uma facção aristocrática oriental do Império Romano, na qual havia sírios. Assim, podemos questionar o motivo de Herodiano, em sua narrativa, associar os artistas a escravos e libertos e chamar Heliogábalo de louco (*Herodiano*, V, 7.6-7.7) por promover esses homens politicamente, já que por ser oriental, ou até mesmo um sírio como sugere Echols (1961, p.1-10), não faria sentido algum Herodiano considerar que um artista pertenceria necessariamente às camadas subalternas da sociedade. Desse modo podemos também nos perguntar o motivo de Herodiano, pertencendo a uma facção aristocrática oriental, criticar Heliogábalo por este ter promovido artistas a cargos administrativos.

Em nosso estudo, acreditamos que o motivo de Herodiano criticar o comportamento administrativo de Heliogábalo, no que diz respeito a nomear aurigas, mímicos e comediantes a cargos administrativos importantes (*Herodiano*, V, 7.7) se relaciona às complexas negociações estabelecidas pelas facções aristocráticas existentes dentro das fronteiras do Império Romano. Desse modo, ainda que o *mos maiorum* fosse instrumentalizado pelos senadores tradicionais para criticarem os indivíduos ou grupos que consideravam nocivos às suas próprias facções, acreditamos que esses princípios não eram interiorizados pelas aristocracias orientais de modo absoluto. Nesse caso, ainda que Herodiano, um oriental, não acreditasse no *mos maiorum* e nem se comportasse baseando-se nele, a narrativa que ele escreve, qual seja, *História do Império Romano*, não seguia de modo absoluto os preceitos do próprio Herodiano ou da facção aristocrática à qual ele pertencia, ainda que a obra contenha alguns vestígios da visão de mundo dos orientais, como ainda veremos nesse capítulo. Isso ocorre porque Herodiano escreveu sua obra vários anos após o assassinato de Heliogábalo, em um momento no qual havia uma trégua entre a facção oriental à qual pertencia Herodiano e a tradicional, da qual Dião Cássio era membro. Assim, quando a obra de Herodiano foi elaborada, ele teria sido instruído a fazer algumas críticas, aos imperadores romanos, baseadas no *mos maiorum*.

A respeito da afirmação de Herodiano de que Heliogábalo nomeou um artista de teatro como responsável pela educação da juventude e pelos bons

costumes (*Herodiano*, V, 7.7), isso demonstra a intenção deste imperador em implantar um modelo educacional e cultural, em Roma, baseado nos costumes de Emesa. Percebemos um desejo de Heliogábalo de impor preceitos de conduta orientais, ou sírios, na própria capital do Império Romano. Os clientes de Heliogábalo, seus artistas, aos quais nomeava em cargos administrativos, recebiam a *Mandata*<sup>48</sup> diretamente do imperador. Dessa maneira, as facções tradicionais do senado ficavam impedidas de exercer o poder tal como desejavam, e concordando com Kemezis (2016, p.373-385), acreditamos que Heliogábalo obedecia as vontades dos grupos aristocráticos sírios que compactuavam com sua própria família. Desse modo, Heliogábalo era um representante das facções aristocráticas orientais e controlava diretamente seus clientes, libertos e artistas que havia promovido a cargos administrativos. Assim, diferentemente de Cômodo e de Septímio Severo, ele não precisava se preocupar, em vários casos, da mesma forma que esses em prender os filhos dos governadores como reféns a fim de garantir que esses governadores fossem leais. Acreditamos nisso porque nas províncias em que Heliogábalo colocava seus clientes libertos e artistas em postos de governadores, esses últimos dependiam principalmente da amizade do *Princeps* para manter sua posição.

Outra informação importante nos fornecida por Herodiano é a de que Heliogábalo nomeava seus escravos, libertos, aurigas, mímicos e comediantes até mesmo para ocuparem o cargo de governadores de províncias consulares<sup>49</sup>. Recordemos que o governo das províncias era dividido entre dois grupos, o das províncias imperiais, às quais o *Princeps* escolhia os governadores que preferia para governa-las, e as províncias consulares, para as quais os governadores deveriam

<sup>48</sup> Ordens do *Princeps* aos seus funcionários e também aos governadores de províncias.

<sup>49</sup> Observamos que na obra de Herodiano traduzida ao italiano por Pietro Manzi, não é afirmado que tais homens associados a Heliogábalo governaram províncias consulares, mas apenas províncias, sem demarcar se são consulares ou imperiais (ERODIANO, 1821, p.192). De outro modo, na tradução em inglês de C.R. WHITTAKER, assim como na versão em espanhol de JUAN J. TORRES ESBARRANCH a passagem descreve que os subordinados de Heliogábalo governaram nas províncias consulares especificamente (*Herodiano*, V, 7.7). Com ajuda de alguns dicionários procuramos traduzir e adaptar a passagem do texto original em grego: *Τοῖς δὲ δούλοις αὐτοῦ ἠ ἀπελευθεροίς, ὡς ἐτύχεν ἕκαστος ἐπ' αἰσχροῦ τινι εὐδοκιμεῖν, τὰς ὑπατικάσ των ἐθνῶν ἐξουσίας ἐνεχέρησε.* “Eles e os mesmos escravos e libertos, como ele favoreceu a todos os torpes, apontando-os ao governo consular dos povos por toda a parte”. Assim, através das palavras *ἐξουσίας* (governo) e *ὑπατικάσ* (consular) confirmamos a veracidade da tradução da passagem nas versões espanhola e inglesa da obra de Herodiano.

ser votados pelos senadores romanos. Assim, se Heliogábalo nomeava os governadores das províncias consulares (*Herodiano*, V, 7.7), ou seja, aquelas para as quais os senadores deveriam nomear os governadores, ele rompia com o pacto entre senado e imperador, do qual se configura a estrutura política do principado romano. Essa seria mais uma razão para Heliogábalo ter sido tão criticado por Dião Cássio, uma vez que este último era um senador e percebia que a instituição senatorial, a qual ele pertencia, estava sendo ameaçada. Acreditamos que é esse um dos maiores motivos de Dião Cássio enfatizar tanto que Heliogábalo rompia com a constituição, já que o imperador não respeitou a divisão de poderes.

Em nossa reflexão sobre o desrespeito de Heliogábalo pela divisão de poderes entre imperador e senado, que compunha o regime político do principado, acreditamos que este imperador se comportava, em alguns aspectos, como um soberano oriental e não como um *Princeps*. Assim, observamos que Heliogábalo colocava seus clientes e escravos em posições de poder na estrutura administrativa do Império Romano (*Herodiano*, V, 7.7), assim como um imperador oriental empregaria seus aristocratas e subordinados em posições importantes de seu domínio. Assim, observamos um desrespeito de Heliogábalo ao senado, já que o primeiro trata o Império Romano como se fosse sua propriedade e, desse modo, ignora a divisão de poderes entre o Senado Romano e o *Princeps*.

Observamos os elogios que Herodiano faz à Heliogábalo, quando descreve que este imperador vestia túnicas púrpuras de mangas compridas e com detalhes em ouro. Do mesmo modo narra que Heliogábalo, dos pés à cintura, usava um vestuário igualmente bordado a ouro e púrpura e em sua cabeça brilhava uma coroa com pedras preciosas. Por fim, descreve que em combinação: a aparência física, o modo de se vestir e a juventude de Heliogábalo o faziam comparável em beleza às estátuas do deus Dioniso. Além de se vestir com caríssimas túnicas de púrpura e ouro, o *Princeps* também usava muitos colares e braceletes. Recusava-se a usar a toga romana, porque era feita de lã, um material empobrecido, e vestia apenas roupas de seda. Isso causou certa preocupação na avó de Heliogábalo, Júlia Maesa, que desejava que ele mudasse de roupas antes de se apresentar ao senado romano sem, contudo, conseguir convencer o imperador. Por fim, Herodiano relata que a preocupação de Maesa se deve a ela ter pensado que a população romana não iria



gostar das roupas orientais do imperador, e, por não estarem acostumados com elas, às considerariam pouco masculinas e mais apropriadas para as mulheres (*Herodiano*, V, 3.6-3.7; 5.3-5.5).

Sobre o comentário que Herodiano faz de que Heliogábalos vestia roupas púrpuras de seda e não usava a vestimenta romana tradicional, porque era feita de lã, tecido que desagradava o *Princeps* (*Herodiano*, V, 5.4) observamos que a toga romana tradicional usada pelos imperadores era da cor púrpura, mesma pigmentação das roupas orientais de Heliogábalos descritas por Herodiano. Assim, ainda que esse imperador não usasse a toga habitual, de lã, vestia túnicas sacerdotais da cor púrpura, a qual demarcava a soberania do príncipe. Desse modo Heliogábalos não estava rompendo totalmente com as tradições romanas, mas apenas adaptando-as.

Essas descrições elogiosas que Herodiano faz a respeito da beleza das roupas e da aparência física de Heliogábalos (*Herodiano*, V, 3.6-5.5) demonstram uma simpatia deste autor em relação ao jovem príncipe. Isso ocorre devido à origem oriental de Herodiano, assim como ao seu pertencimento a uma facção oriental, e possivelmente síria, da aristocracia do Império Romano. Notamos que embora ele procure mostrar em sua narrativa a preocupação que dominava Júlia Maesa em relação ao modo oriental de se vestir do imperador, ele próprio não critica essas vestimentas que cobriam o corpo de Heliogábalos. Pelo contrário, ressalta a beleza de suas túnicas e jóias, e diz que a população ocidental poderia estranhar essas roupas, todavia não porque eram vulgares, mas porque não estavam familiarizados com as mesmas. Essa característica do relato de Herodiano demonstra que ele não era membro de uma facção tradicional do senado, mas um cidadão da porção oriental do Império Romano, como já dissemos, e que embora escrevesse uma narrativa que incorporava, em alguns aspectos, as diretrizes do *mos maiorum*, assim mesmo demonstra respeitar muitos costumes das tradições dos povos orientais, e em especial, dos sírios de Emesa. Um autor pertencente a uma facção tradicional do senado romano, tal como Dião Cássio, dificilmente teria essa mesma delicadeza ao descrever as práticas culturais não condizentes com o *mos maiorum*.

Podemos verificar essa hipótese quando, em nossa leitura de *Historia Romana*, observamos que Dião Cássio faz comentários depreciativos sobre as

maneiras de Heliogábalo se comportar enquanto imperador. Entre eles, Dião afirma que Heliogábalo demonstrava querer se parecer com uma mulher, ao raspar seu queixo, pintar os seus olhos, arrancar seus cabelos e trabalhar com a lã. Desse modo, Dião associa a esse comportamento, que ele descreve como efeminado, ao hábito do imperador de dançar enquanto proferia um discurso, quando caminhava, ao fazer sacrifícios ou quando era saudado. Por fim, Dião Cássio descreve que mesmo em ocasiões em que Heliogábalo se vestia mais ou menos como um homem, ele demonstrava afetação em sua voz e em suas ações (*Dião Cássio*, LXXX, 14.3-14.4).

Em relação a essa associação que Dião Cássio faz de Heliogábalo, um sírio, a um efeminado (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1; 14.3-14.4) consiste na instrumentalização que Dião faz do *mos maiorum* a respeito do comportamento das pessoas originárias da Síria, qual seja, o estereótipo de que os sírios eram efeminados. Assim, pensamos que em lugar de propriamente efeminado, Heliogábalo era um artista. Como nos recorda Herodiano, Heliogábalo, ao se tornar imperador, ordenou a construção de teatros e obrigou aos senadores a assistissem suas danças ritualísticas ao deus Elagabal, como se estivessem em um espetáculo teatral (*Herodiano*, V, 5.9; 6.6). Desse modo, em lugar de relacionarmos necessariamente ao feminino os hábitos de Heliogábalo que Dião Cássio analisa pejorativamente, tais como pintar os olhos, raspar o queixo e dançar (*Dião Cássio*, LXXX, 14.3-14.4), relacionamos esse comportamento com as tendências artísticas de Heliogábalo. Em relação à crítica que Dião faz à voz do imperador, acima descrita, acreditamos que por Heliogábalo ter assumido o principado com apenas quatorze anos, ele ainda não tinha a voz grave de um homem adulto e que por falar ainda com um timbre mais agudo, foi considerado efeminado pelos senadores da facção à qual pertencia Dião Cássio.

A respeito das outras passagens da obra de Dião Cássio, observamos as acusações que ele faz de Heliogábalo ter se prostituído em bordeis e no próprio palácio, onde ficava nu e esperava os homens passarem para oferecer os seus serviços. Nesse relato, ele acusa Heliogábalo de cobrar de seus clientes, com os quais tinha relações sexuais, e depois contar o dinheiro que ganhava deles enquanto dava ares de satisfação de seus ganhos. Além disso, Dião diz que o

imperador apenas tinha relações com as mulheres para imitar seus movimentos enquanto estivesse com seus amantes homens (*Dião Cássio*, LXXX, 13.1-13.4).

Na análise que fizemos, em nosso estudo, acreditamos que Dião Cássio exagera em sua descrição das atividades do imperador e inventa que Heliogábalo agia como uma prostituta (*Dião Cássio*, LXXX, 13.2-13.4) porque o primeiro projetava nele características que o *mos maiorum* atribuía aos artistas. Sabemos que, no período republicano, as prostitutas faziam apresentações no teatro romano, nas quais tiravam suas roupas e faziam mímicas nuas (DENARD, 2009, p.150-151). Por esse motivo, no *mos maiorum*, há uma associação dos artistas com os efeminados e também com as prostitutas. Assim, Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 13.1-13.4) faz uso da memória cultural<sup>50</sup> e acusa Heliogábalo, um artista, de se prostituir.

Em nossa leitura da narrativa de Herodiano, notamos que ele descreve as mulheres com as quais Heliogábalo se casou. A primeira delas era uma aristocrata romana, e foi nomeada Augusta, mas logo o imperador se divorciou dela e a despojou das honras imperiais. A próxima esposa foi uma das sacerdotisas virgens consagradas à deusa Vesta, que Heliogábalo retirou do templo e casou-se com ela para provar que era viril. A fim de se desculpar do senado romano por cometer o crime de violar a sacerdotisa, Heliogábalo lhes escreveu uma carta na qual explicava que havia sido movido por uma paixão pela jovem vestal e que era justo e santo o casamento de um sacerdote com uma sacerdotisa. Dali a algum tempo Heliogábalo se separou da sacerdotisa e casou-se pela terceira vez com uma mulher da linhagem de Cômodo (*Herodiano*, V, 6.1-6.3).

Notamos, na descrição dos casamentos de Heliogábalo narrados por Herodiano, que este autor não critica demasiadamente o imperador por realizar os seus vários matrimônios, ou por violar uma sacerdotisa, consagrada à deusa Vesta (*Herodiano*, V, 6.1-6.3). Por outro lado, na narrativa de Dião Cássio percebemos que ele relata que Heliogábalo se casou várias vezes e teve relações não oficiais com muitas mulheres (*Dião Cássio*, LXXX, 9.1-9.4; 13.1). A respeito do casamento de

---

<sup>50</sup> De acordo com Jan Assmann, a memória cultural é aquela cristalizada pela documentação textual e que se contrapõe à memória comunicativa, isto é, a que se constitui através da oralidade. O *mos maiorum*, instrumentalizado pelos senadores romanos, consiste no conteúdo registrado nos documentos escritos, valorizados pelos *nobiles*.



Heliogábalo com a sacerdotisa de Vesta, Dião condena de forma radical o comportamento do imperador e diz que por ter cometido esse crime Heliogábalo deveria ter sido açoitado no fórum, jogado na prisão, e condenado à morte (*Dião Cássio*, LXXX, 9.4).

Em nossa análise das passagens de Dião Cássio e Herodiano observamos que Dião (*Dião Cássio*, LXXX, 9.3-9.4) é muito mais agressivo em suas críticas que denigrem Heliogábalo por este se casar com uma virgem consagrada à deusa Vesta do que Herodiano (*Herodiano*, V, 6.2). Isso demarca as diferenças entre às facções aristocráticas às quais pertenceram os dois autores, já que Herodiano procura descrever o comportamento do imperador de maneira mais comedida do que Dião.

Ainda em suas depreciações de Heliogábalo, Dião Cássio o acusa de ter relações com mulheres apenas para imitar seus movimentos para reproduzi-los quando estivesse com seus amantes homens. Inclusive, Dião repreende o comportamento efeminado de Heliogábalo e diz que Hierocles<sup>51</sup>, um cocheiro que dirigia carruagens, era o marido de Heliogábalo. Outro homem, que Dião descreve como bem apessoado e atleta, chamado Aurélio Zótico, um dia quando chegou para cumprimentar Heliogábalo e o saudou como seu imperador, e Heliogábalo, por sua vez, respondeu a ele que não era um senhor e sim uma senhora (*Dião Cássio*, LXXX, 13.1; 15.1-15.4; 16.1-16.6).

Na nossa observação dessas passagens de Dião Cássio, acreditamos que da mesma forma que anteriormente mencionado, ele procura instrumentalizar as características que o *mos maiorum* atribuía aos artistas para denegrir Heliogábalo e chamá-lo de efeminado (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1; 14.3-14.4), algo que os romanos moralmente consideravam ofensivo, uma vez que valorizavam o comportamento viril. Acreditamos que Dião exagera em suas acusações e inventa histórias extravagantes para dar a impressão de que o imperador era mais efeminado do que realmente foi. Ainda assim, Heliogábalo era um artista e Hierocles poderia apenas ser seu amigo, com o qual tinha relações afetivas ou sexuais. Além do mais, tais práticas entre pessoas do mesmo sexo eram comuns entre os romanos, ainda que mau vistas

---

<sup>51</sup> Essa acusação de Dião Cássio, na qual ele afirma que um escravo era o marido de Heliogábalo, deduzimos que Dião acusa Heliogábalo de ser uma escrava. Assim recordemos que as prostitutas do mundo antigo eram majoritariamente mulheres escravas. Desse modo, Dião cria uma estrutura lógica de raciocínio que torna verossímil, em sua narrativa, que Heliogábalo seja comparado a uma prostituta.

pelos grupos mais conservadores do senado romano, demonstrando mais uma vez a diferença entre o dinamismo cultural, que consistia na realidade vivida pelas pessoas em seu cotidiano, e o *mos maiorum*. Talvez o próprio Dião Cássio fosse mais flexível em relação à obediência aos princípios do *mos maiorum* em sua vida privada e não desvalorizasse a amizade dos homens que tinham amantes do mesmo sexo<sup>52</sup>, ainda que mantivesse uma postura pública que reprovasse essas práticas, segundo os conceitos da facção senatorial à qual ele pertencia.

Observamos, em nossa leitura de Dião Cássio, que ele acusa Heliogábalo de ter relações sexuais com muitas pessoas, tanto homens (*Dião Cássio*, LXXX, 15.1-16.6) quanto mulheres (*Dião Cássio*, LXXX, 9.1-9.4; 13.1). Assim, notamos uma semelhança entre as atividades sexuais de Heliogábalo descritas por Dião e as relações que os escravos tinham uns com os outros, qual seja, o *Contubernium*<sup>53 54</sup>. Desse modo, acreditamos que Dião chama Heliogábalo de prostituta e amante de vários homens (*Dião Cássio*, LXXX, 13.1-13.4) por uma projeção dos valores republicanos do *mos maiorum*, como já expomos, mas também em decorrência da ausência da estabilidade das relações matrimoniais de conúbio entre Heliogábalo e mulheres da aristocracia romana (*Dião Cássio*, LXXX, 9.1-9.4; 13.1)<sup>55</sup>. Assim lembremos que aos escravos que viviam dentro das fronteiras do Império Romano, não era permitido o *Connubium*, ou seja, a relação conjugal. Desse modo, Heliogábalo é ridicularizado por Dião Cássio e representado como um escravo que, proibido de viver em *Connubium*, vive em *Contubernium*, e assim tem relações sexuais e afetivas com os outros escravos.

Sobre a nossa hipótese de que Dião Cássio exagera nas acusações que faz de Heliogábalo ser um efeminado (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1; 14.3-14.4), nas descrições que faz do *Princeps*, podemos oferecer um exemplo de que Dião instrumentalizava um aspecto da cultura síria de Heliogábalo para distorcer essa característica e rotular o imperador de efeminado. Assim, demonstraremos, a seguir, em um trecho da narrativa de Dião Cássio que corrobora com nossa hipótese de que este último tem o propósito de deturpar as características que atribui a esse

<sup>52</sup> Dião Cássio era grego, ou seja, pertencia a um grupo étnico em que era comum a prática sexual entre homens.

<sup>53</sup> (VIEIRA DA SILVA, 2008, p.65-72)

<sup>54</sup> Uma modalidade de relação entre pessoas, mas diversa do conúbio.

<sup>55</sup> O imperador não mantinha nenhuma relação matrimonial legal por muito tempo.

imperador:

“...também em circuncisar a si mesmo e se abster da carne de porco, com o propósito de que sua devoção fosse ainda mais pura. Ele havia planejado, aliás, cortar fora os seus órgãos genitais, mas esse desejo era motivado apenas pela sua efeminação: a circuncisão que ele fez era parte dos requisitos do sacerdote de Elagabal, e assim ele mutilou muitos de seus companheiros da mesma maneira...” (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1)

No trecho citado acima observamos a ligeira distorção: do fato de Heliogábalo ser circuncidado devido às suas atividades sacerdotais, Dião converte essa característica em uma suposta vontade de Heliogábalo de cortar fora os órgãos genitais (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1). Além disso, em outra passagem da narrativa de Dião ele acusa Heliogábalo de pedir aos médicos para implantarem uma vagina em seu corpo através de uma incisão (*Dião Cássio*, LXXX, 16.7). Isso evidencia uma evolução das distorções que Dião Cássio faz das características de sírio que ele descreve de Heliogábalo e demonstra que o primeiro está exagerando em suas acusações e inventando histórias.

Desse modo, consideramos a possibilidade de que Dião Cássio sentia inveja de Heliogábalo, por causa das riquezas que esse imperador tinha, das jóias que usava (*Herodiano*, V, 5.3-5.4), e da estátua de ouro que ordenou construir de si mesmo (*Dião Cássio*, LXXX, 12.2<sup>2</sup>). Além do mais, sabemos que Dião atuou como *curator*, qual seja, supervisor de finanças, em Pérgamo e Esmirna durante os anos em que Heliogábalo esteve no poder. Por esse motivo, acreditamos que ele ficou rancoroso ao observar que artistas e libertos, pessoas supostamente de baixo nível social, foram recebendo benefícios de Heliogábalo, que concedia a eles cargos administrativos de alta posição (*Herodiano*, V, 7.7)<sup>56</sup>, até mesmo mais elevados do que o que Dião ocupava naquele momento. O próprio Heliogábalo, vestido em seda (*Herodiano*, V, 5.4), um material reprovado pelos senadores romanos tradicionais, era um artista e ocupava o posto de imperador romano. Assim, Dião reprovava o imperador, e os indivíduos que este último promovia politicamente, por questões pessoais, já que ele havia exercido o *Cursus Honorum* e eles não, e, por esse motivo, em sua percepção ele é que deveria obter altas posições administrativas e

---

<sup>56</sup> Herodiano.



não as pessoas que Heliogábalo promovia. Além disso, Dião buscava defender os interesses da facção senatorial à qual ele pertencia, e somava esse dever aos seus rancores pessoais contra Heliogábalo e os clientes artistas deste.

Do mesmo modo, pensamos que devido a Dião pertencer a uma facção aristocrática tradicional do senado romano e ser um grego de Nicéia, uma cidade da Bitínia muito próxima ao continente europeu, ele sentia xenofobia por Heliogábalo, um sírio. Assim poderíamos questionar o motivo de Dião ora criticar aspectos étnicos e culturais sírios em Caracala (*Dião Cássio*, LXXVIII, 10.2) e Heliogábalo (*Dião Cássio*, LXXX, 1.1) e não ser tão crítico com o primo deste último, Severo Alexandre, que também era sírio. Nesse aspecto, concordamos em parte com a teoria de Kemezis (2016, p. 378-379) de que essa mudança de retratação de Heliogábalo para Severo Alexandre se deve a que este último incorpora os valores das tradições romanas e o *mos maiorum*. Em concordância com o autor, acreditamos na relevância do caráter étnico dessa facção aristocrática a qual pertencia Heliogábalo e Severo Alexandre. Contudo não concordamos com Kemezis (2016, p.380-382) em sua teoria de que houve uma ruptura dentro das facções emesianas que apoiavam Heliogábalo e de que isso teria ocasionado na morte de Heliogábalo e a elevação de Severo Alexandre ao poder. De outro modo, pensamos que houve uma trégua entre os aristocratas siríacos e orientais e a porção mais tradicional do senado romano logo depois do assassinato de Heliogábalo, o que permitiu a sucessão de Severo Alexandre ao poder, ainda que ele fosse primo de Heliogábalo. Dessa maneira, Dião, em sua narrativa, demonstra abreagir os seus sentimentos xenofóbicos quando faz descrições de Caracala (*Dião Cássio*, LXXVIII, 10.2) e Heliogábalo (*Dião Cássio*, LXXX, 1.1) mas reprime esses mesmos sentimentos ao descrever brevemente o governo de Severo Alexandre, que também era sírio.

Ainda assim, pensamos que, da mesma maneira que Dião Cássio, o restante da população greco-macedonica de Nicéia sentia xenofobia pelas populações não europeias, assim como os generais de Alexandre Magno sentiam pelas populações orientais conquistadas por eles juntamente ao seu imperador. Por outro lado sabemos que diferentemente do próprio Dião Cássio, que concordou com a tomada de poder por Septímio Severo após a morte do imperador Pertinax, o restante da população de Nicéia, em sua maioria, apoiou Pescênio Nigro (*Herodiano*,

III, 2.9) rival de Septímio, que governava a província da Síria naquele momento, ainda no final do século II d.C. Embora pareça improvável que a população de Nicéia fosse aprovar um governador de províncias orientais, é importante lembrar que Nigro era de origem europeia enquanto que Septímio Severo era africano. Nesse caso, é pertinente observar que o apoio dos habitantes dessa colônia grega, já descrita por nós, fosse apenas à carreira política de Nigro e não o apoio à soberania de facções semíticas da região oriental do Império Romano.

Entre as críticas que Dião faz à Heliogábalo podemos somar a de que ele acusa esse imperador de querer se parecer com uma mulher por ter raspado o seu queixo e ordenado a realização de um festival para comemorar esse acontecimento (*Dião Cássio*, LXXX, 14.3-14.4). Os pelos do rosto, a barba, foram associados por Dião a um frágil sinal de masculinidade de Heliogábalo. Então os pelos faciais foram raspados e assim o imperador ficou com a pele do rosto lisa, como a de uma mulher. Mais uma vez observamos que Dião distorce o sentido das ações de Heliogábalo e atribui a um acontecimento banal, qual seja, o de fazer a barba, à vontade do *Princeps* de se assemelhar a uma mulher. Como já dissemos, Heliogábalo era um artista e, desse modo, para ele não era uma atitude efeminada raspar a seu queixo. Além do mais, através de uma efígie em um anel, herança da cultura material de governantes de Emesa que antecederam à Heliogábalo, observamos que em uma dessas efígies num exemplo dado por Kropp (2010, p. 202), o sacerdote de Emesa tem a pele do rosto lisa, ou seja, não tem barba. Assim, Heliogábalo raspou o queixo e comemorou porque era comum aos governantes de Emesa retirar esses pelos.

Pensamos que, por Dião Cássio ser de origem grega, ele deveria estar acostumado com os costumes das populações de cidades helênicas, entre os quais observamos o hábito de deixar crescer a barba entre os homens. Assim, ele critica Heliogábalo por retirar seus pelos do rosto em consequência desse comportamento estar em desacordo com os costumes helenos, com exceção das manifestações de luto.

Recordamos que Dião Cássio, da Bitínia, era originário da região oriental do Império Romano. Desse modo, esse senador era nativo de uma colônia grega da cidade de Nicéia. Em relação a essa população grega de Nicéia, recordamos que os helenos, diferentemente dos romanos, não enxergavam os artistas, aqueles que

faziam as performances teatrais, de forma pejorativa. Os artistas do teatro gregos eram membros da aristocracia, diferentemente dos músicos instrumentais, que eram da camada mais pobre da população grega, nos conta Peter Wilson (2008, p. 52-53) A respeito dos primeiros citaremos uma passagem escrita por Edith Hall, sobre os atores cantores das tragédias gregas:

“*Tragoídoi*, profissionais itinerantes, se bem sucedidos em competições, podiam desfrutar de enormes ganhos e fama, e serem horados com estátuas e direitos civis nas cidades onde atuavam. Seus únicos rivais eram os rapsodos e, mais tarde, brilhantes dançarinos de pantomima (ver adiante). Não surpreende que um cantor talentoso pudesse participar de diferentes tipos de eventos em festivais, como por exemplo o ateniense Xenofanto do século I a.C.: rapsodo, ator trágico e cantor de peãs e coros. A profissão de cantor era frequentemente praticada por mais de um membro da mesma família, como por exemplo no século III, os irmãos Ulíades e Aristipo de Mileto, ou o rapsodo tebano Cráton e seu filho Cléon, um *tragoidós*. Esses cantores podem ter começado como crianças-prodígio, talvez se especializado em papéis de crianças cantoras como o filho de Alceste na peça de Eurípides que leva seu nome: um menino ator de Cízico no século III d.C. (pais *tragoidós*) foi honrado pelos cidadãos de Éfeso” (HALL, 2008, p. 14-15).

Assim, a população de Nicéia deveria valorizar o artista. Desse modo, Dião Cássio poderia ter motivos pessoais para não achar estranho que um artista ocupasse um cargo público. Entretanto, incorporado ao senado romano e aos valores do *mos maiorum*, a postura pública de Dião exigia que ele condenasse os artistas, e embora a população nativa de sua terra natal não considerasse os artistas como pessoas de baixa posição, com exceção dos músicos instrumentais, Dião estava inserido em uma ordem política que se estruturava em outra lógica. Nessa lógica do senado romano tradicional, apenas os que seguissem o *Corsus Honorum*, ou seja, os que perseguissem uma carreira política ocupando vários cargos e crescendo gradualmente na hierarquia, poderiam ocupar os postos de prefeito de pretório ou de governadores de províncias, entre outros. Assim, como Dião havia aceito as regras da estrutura de poder no Império Romano, ele se aborrecia porque outros não cumpriam com essas mesmas regras e estavam sendo promovidos a altos cargos políticos.

A respeito do culto ao deus *El Gabal* promovido pelo imperador e sua família, Herodiano nos conta como essa divindade era cultuada em Emesa, na Síria, cidade natal do imperador. A seguir citaremos a passagem na qual Herodiano narra como



era o templo erigido à Elagabal em Emesa:

“ Este povo o construiu um grandioso templo, sem economizar em ouro e prata e com muitas pedras preciosas. Não apenas o cultuam os habitantes do lugar, mas também todos os sátrapas vizinhos e os reis bárbaros a cada ano enviam oferendas caras ao deus bárbaro com a intenção de se distinguir. Não se vê nenhuma estátua que represente o deus feita pelas mãos do homem, como as dos gregos e romanos. Há, entretanto, uma enorme pedra, redonda na base e terminada em ponta por cima, cônica e de cor negra. Asseguram com orgulho que ela teria caído do céu e mostram algumas pequenas incisões salientes na superfície; acreditam que é a imagem do sol, na qual a mão do homem não interveio, e assim é como a vêem.” (*Herodiano*, V, 3.3- 3.6)

Quando Heliogábalo assume o poder do Império Romano, Dião Cássio nos conta que ele ordena que seu deus *El Gabal* seja colocado acima mesmo de Júpiter e que ele, Heliogábalo, fosse declarado o seu sacerdote. Além disso, Dião diz que Heliogábalo cultuava o seu deus de maneiras muito estranhas e que havia circuncidado a si próprio e também se absteve do consumo da carne de porco, para que pudesse exercer suas funções sacerdotais de maneira mais pura. Por fim, ele acusa Heliogábalo, juntamente com sua mãe e sua avó de proferir cânticos bárbaros à Elagabal, e de oferecer a ele sacrifícios de garotos e fazer encantamentos, assim como jogar vivos no templo do deus um leão, um macaco e uma cobra e de atirar, em meio a eles, genitais humanos (*Dião Cássio*, LXXX, 11.1-11.2; 11-12.1)<sup>57</sup>.

Em nossa leitura dessas descrições bizarras que Dião Cássio faz das atividades religiosas de Heliogábalo, acreditamos que Dião inventa histórias extravagantes e que também mente quando acusa Heliogábalo de oferecer crianças à *El Gabal* (*Dião Cássio*, LXXX, 11-12.1). Não acreditamos que a mãe de Heliogábalo, Júlia Soemia, ou a avó do *Princeps* Júlia Maesa, autorizassem o jovem imperador a sacrificar crianças ao seu deus síriaco, porque sabiam que isso poderia trazer consequências rápidas e desagradáveis para eles, o que prejudicaria sua permanência no poder. Sobre essa acusação fictícia que Dião Cássio faz a Heliogábalo, acima descrita, Josiah Osgood (2016, p.185) nos lembra que há uma

<sup>57</sup> A edição que usamos da Loeb Classical Library de *Historia Romana*, de Dião Cássio, no livro 80 há algumas irregularidades no que diz respeito à citação da obra, os numerais para citação pulam do número 8.3 diretamente ao 11.1, 11.2, 12.2<sup>2</sup> para depois voltarem ao número 9 e progredirem até o número 21.3. Depois os numerais para citação recomeçam do número 1 até o 5.3, na breve narrativa do principado de Severo Alexandre. A citação que fizemos corresponde aos numerais 11.1 e 11.2, que interrompem a sequencia comum, somados às passagens 11 e 12.1 da sequencia de ordem cronológica natural.

tendência acadêmica contemporânea em desacreditar no valor de Dião como fonte documental no que diz respeito exclusivamente às descrições que o autor faz dos ritos à *El Gabal*.

Sobre a nossa observação de que Heliogábalo estava emparelhando o Império Romano com siríacos e orientais, de maneira gradual, ao colocar seus clientes e artistas em cargos que administravam a educação, não acreditamos, por outro lado, que Heliogábalo fosse totalmente inflexível em suas práticas culturais. A respeito dessa hipótese apresentamos as ideias de Lucinda Dirven (2007, p.21-25). A autora usa exemplos da cultura material, nas moedas com a efígie de Heliogábalo, para demonstrar que ele não está vestido nessas inscrições numismáticas da mesma maneira que Herodiano e Dião Cássio o descrevem em suas narrativas, embora ele use túnicas também nessas inscrições numismáticas. Dirven acredita que as túnicas sacerdotais usadas por Heliogábalo, e descritas por Dião e Herodiano, procuravam lembrar os mantos germânicos<sup>58</sup> de Caracala, e Heliogábalo as usava para agradar ao exército<sup>59</sup>. Também com a finalidade de agradar ao exército a autora acrescenta que Heliogábalo procurou ser retratado com barba, para que sua imagem lembrasse a de Caracala. Além disso, segundo Dirven, o culto de Heliogábalo ao deus de Emesa, *El Gabal*, pode ter sido sincretizado pelo exército com a veneração religiosa ao sol realizada por eles (DIRVEN, 2007, p. 26-31).

Podemos relacionar essa retratação de Heliogábalo de barba com fins propagandísticos para conquistar o apoio do exército (DIRVEN, 2007, p. 26-31), com aquele outro momento, já comentado por nós, em que Dião descreve que Heliogábalo raspa o queixo e realiza uma comemoração desse acontecimento. Essa

---

<sup>58</sup> Pensamos que a autora optou por adotar as descrições que Herodiano faz sobre os acessórios, e o sobretudo, germânicos que Caracala usava enquanto estava entre os seus aliados germânicos que lhe forneciam tropas auxiliares e uma guarda pessoal (*Herodiano*, IV, 7.3). Do mesmo modo, observamos que em sua tradução de Dião Cássio, Earnest Cary escreve que Caracala usava roupas germânicas enquanto estava na Síria e na Mesopotâmia (*Dião Cássio*, LXXIX, 3.3). Todavia, observamos, no texto original em grego da passagem mencionada de Dião Cássio, o termo *Κελτικοίς* atribuído a essas mesmas vestimentas usadas pelo imperador Caracala, o que demarca que, segundo a epitome de Dião, essas vestimentas eram de origem céltica e não germânica como traduz Cary. Ainda assim, notamos que a muito criticada versão do grego para o inglês da obra de Dião Cássio realizada por Herbert Baldwin Foster, anterior à de Earnest Cary, contém a interpretação correta do termo *Κελτικοίς*.

<sup>59</sup> Diversamente da autora, acreditamos que as túnicas que Heliogábalo usava eram autenticamente siríacas, ainda que Dirven procure relacioná-las às túnicas germânicas (ou, como observamos, poderiam ser célticas) de Caracala. Embora concordemos com a possibilidade de as túnicas usadas por Heliogábalo se assemelharem às de Caracala, em alguns aspectos da vestimenta, acreditamos que a procedência cultural das roupas de Heliogábalo eram siríacas.

mudança de aparência de Heliogábalo, no sentido de usar ou não a barba, pode estar relacionada a diferentes momentos na carreira política do *Princeps*. Em um primeiro momento, quando necessita do apoio dos soldados para subir ao poder, Heliogábalo procura se parecer com Caracala e é representado com barba, como diz Dirven (2007, p. 26-31). Posteriormente, quando Heliogábalo já está estabelecido no governo imperial e promove seus clientes aurigas, comediantes, mímicos e libertos a cargos administrativos importantes ele modifica também a sua aparência e raspa os pelos do queixo, para se adequar a uma nova circunstância política.

Em relação a essas características, descritas por Dirven (2007, p.21-31), de confluência cultural e sincretismo nas roupas de Heliogábalo e em sua função de sacerdote junto ao exército, concluímos que Sommer (2013, p.344-345) estava exagerando quando declarou que Heliogábalo era a antítese da *Paideia*. Consideramos essa afirmação reducionista visto que esse autor ignora a complexidade das relações culturais fluídas no Império Romano. Como dissemos, acreditamos que os aristocratas orientais, e em especial os sírios, não assimilavam, durante o século III d.C, de modo absoluto os preceitos do *mos maiorum*, mas isso não quer dizer que todos os aristocratas dessa província eram opostos a essas normas de conduta. Em relação aos princípios gregos da *Paideia*, acreditamos que muitos desses aristocratas orientais e sírios interiorizaram um pouco mais da *Paideia* grega do que o *mos maiorum* romano propriamente, devido a questões que esclareceremos no próximo parágrafo. A respeito do conceito de *Paideia* grega, citaremos a seguir uma passagem de Werner Jaeger:

“...A descoberta do Homem não é a do *eu* subjetivo, mas a consciência geral das leis gerais que determinam a essência humana. O princípio espiritual dos gregos não é o individualismo, mas o “humanismo”, para usar a palavra no seu sentido clássico e originário. Humanismo vem de *Humanitas*. Pelo menos desde o tempo de Varrão e de Cícero, essa palavra teve, ao lado da acepção vulgar e primitiva de humanitário, que não nos interessa aqui, um segundo sentido mais nobre e rigoroso. Significou a educação do homem de acordo com a verdadeira forma humana, com o seu autêntico ser. Tal é a genuína *Paideia* grega, considerada modelo por um homem de Estado romano. Não brota do individual, mas da ideia. Acima do homem como ser gregário ou como suposto *eu* autônomo, ergue-se o Homem como ideia. A ela inspiram os educadores gregos, bem como os poetas, artistas e filósofos. Ora, o Homem, considerado na sua ideia, significa a imagem do Homem genérico na sua validade universal e normativa. Como vimos, a essência da educação consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade. (JAEGER, 1995, p.14-15)”



Sobre a interiorização nas aristocracias sírias e orientais dos preceitos da *Paideia* grega, não podemos nos esquecer das incursões que Alexandre Magno fez no oriente médio durante o século IV a.C. Com a morte deste em 323 a.C. os seus generais herdaram o poder nas várias regiões conquistadas por Alexandre e a partir daí houve uma maior confluência cultural entre o oriente e o ocidente, o que denominamos período helenístico. Podemos acrescentar que os gregos e macedônicos fizeram colônias no oriente médio durante os anos em que o Império Macedônico se expandiu e também depois de sua fragmentação, tal como a fundação de Antioquia, na Síria, por soldados macedônicos no ano 300 a.C. Assim nos parece contraditório que Heliogábalo, um sírio do século III d.C, séculos após grande parcela de aristocratas orientais terem aderido a parte ou a totalidade dos preceitos da *Paideia*, ser considerado como a antítese desta mesma *Paideia*. Pensamos, por outro lado, que este imperador manifestava aspectos da *Paideia* em sua própria visão de mundo. Como já dissemos, os gregos valorizavam os artistas e acreditavam que os atores cantores poderiam receber honrarias e ter origens aristocráticas. Essa mesma visão era compartilhada por Heliogábalo, que era um imperador artista e que nomeava dançarinos, comediantes e aurigas para ocuparem cargos administrativos (*Herodiano*, V, 7.1).

Sobre as críticas moderadas que Herodiano e Dião Cássio fazem ao governo de Caracala em comparação com as mais graves que eles proferem ao imperador Heliogábalo, às quais já apresentamos, observamos uma diferença entre os dois imperadores quanto à interiorização de preceitos culturais gregos e romanos. Notamos que, embora existam aspectos em comum entre o *mos maiorum* romano e a *Paideia* grega há também divergências entre essas duas estruturas culturais. No caso de Caracala, observamos que ele demonstra compartilhar dos preceitos do *mos maiorum* quando escolheu viver entre os soldados como um homem comum, que fazia suas próprias refeições e que evitava o uso do luxo enquanto marchava ao lado de seus soldados, inspecionando as províncias (*Herodiano*, IV, 7.1-7.7), e assim imitando o romano idealizado que cumpre com seus deveres cívicos de maneira simples, tal como a lenda do ditador Cincinato, o general Públio Cornélio Cipião e outros grandes generais ou ditadores da história da república romana, qual

seja, os *Boni homines*<sup>60</sup> cristalizados no *mos maiorum*. Por outro lado, vemos que Caracala, além de seguir as prerrogativas do *mos maiorum* também interiorizava alguns aspectos da *Paideia* que estavam em contradição com a estrutura cultural romana. A esse respeito podemos apontar a admiração que Caracala sentia por mágicos e malabaristas, ou seja, pelos artistas. Esse aspecto cultural da *Paideia* praticado por Caracala, ou seja, a admiração pelos interpretes, foi criticada por Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXVIII, 18.4; 21.1-21.2), que desaprovava a inclinação de Caracala por gostar desses artistas. Assim, como Heliogábalo não interiorizou o *mos maiorum* mas somente alguns aspectos da *Paideia*, e entre eles a valorização dos artistas, ele recebe críticas graves de Dião Cássio, defensor perpétuo do *mos maiorum*.

Em relação à defesa do *mos maiorum* por Dião Cássio, observamos que esse autor não critica tanto as túnicas bárbaras e germânicas que Caracala usava. Por outro lado, Dião (*Dião Cássio*, LXXX, 11.2) diz que Heliogábalo usava vestimentas orientais com uma conotação de reprovação. Acreditamos, por um lado que Dião não foi tão crítico em relação às roupas bárbaras usadas por Caracala porque este último imperador não tinha o hábito de vestir roupas de luxo, mas, pelo contrário imitava os soldados mais simples. Herodiano descreve que Heliogábalo, por outro lado, enfeitava seu corpo com jóias e usava uma tiara (*Herodiano*, V, 5.3-5.4). Assim, embora tanto as roupas de Caracala quanto às de Heliogábalo não fossem as tradicionalmente vestidas pelos imperadores romanos, apenas esse último usava maquiagem (*Herodiano*, V, 8.1) (*Dião Cássio*, LXXX, 14.4), o que era associado pelo *mos maiorum* aos efeminados.

Em relação aos elogios e críticas aos imperadores romanos da dinastia Severa, observamos que o propósito de Dião Cássio é instrumentalizar o *mos maiorum* para elogiar ou criticar esses imperadores. Assim notamos que a única vez em que Dião elogia Heliogábalo é no momento em que, no início de seu governo, o imperador recebe muitas injúrias sem reagir ou se incomodar (*Dião Cássio*, LXXX, 3.1-3.3). Desse modo o comportamento de Heliogábalo, nessas circunstâncias, se assemelhou a alguns princípios da filosofia estoica existentes no *mos maiorum*. Segundo o estoicismo o homem deve controlar suas reações e emoções e

---

<sup>60</sup> Homens de bem.

permanecer sereno diante das ofensas e adversidades da vida. Assim, ao ignorar as injúrias que recebia e permanecer sereno, Heliogábalo, aos olhos dos senadores, devia se assemelhar a um estoico. Ainda assim, acreditamos que seja mera coincidência o comportamento do imperador e as prerrogativas do estoicismo. Em outras palavras, Heliogábalo não seguia o estoicismo e nem procurava parecer um estoico, mas Dião Cássio valorizou o comportamento do imperador, quando este último ignorou as injúrias, por se assemelhar aos estoicos, ainda que Heliogábalo não o fosse.

De outro modo, Herodiano (*Herodiano*, V, 7.1) nos conta que as excentricidades de Heliogábalo deixaram sua avó, Júlia Maesa, preocupada com uma possível desaprovação dos soldados em relação ao comportamento do imperador. Por isso, com medo de que ela perdesse sua posição de avó do Imperador Romano, Maesa convenceu Heliogábalo a nomear seu primo, Severo Alexandre<sup>61</sup>, com o título de César e sucessor. Dali a algum tempo as preocupações de Maesa passaram a se tornar realidade e os soldados passaram a demonstrar seu desagrado pelo suposto comportamento efeminado de Heliogábalo. A partir de então os soldados passaram a preferir e proteger Severo Alexandre, já que este havia sido educado com moderação (*Herodiano*, V, 7.1-8.3). Por fim, a guarda pretoriana assassinou Heliogábalo e sua mãe, Júlia Soemia, e deram os corpos para a população que arrastou e mutilou os cadáveres e depois os jogaram no rio Tíbre (*Herodiano*, V, 8.8-8.10).

Juntamente à morte de Heliogábalo, Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 21.1-21.2) narra a respeito dos colaboradores do primeiro que foram assassinados logo após a morte do *Princeps* e de sua mãe, Júlia Soemia. Entre eles está o cocheiro Hierocles, já comentado por nós nesse capítulo. Além deste, Fulvio, o prefeito de Roma, também foi executado e, juntamente com ele, Aurélio Eubulo, conterrâneo emesiano de Heliogábalo, acusado por Dião de lascívia, luxúria e corrupção. Este último foi despedaçado pela população e pelos soldados.

Sobre as circunstâncias que fizeram com que Heliogábalo conquistasse o poder imperial e a trama que desencadeou em seu assassinato pela guarda pretoriana, gostaríamos de comentar algumas ideias de Adam Kemezis. O autor

---

<sup>61</sup> Também neto de Júlia Maesa e filho de Júlia Mamea.



sugere que Heliogábalo, tendo passado algum tempo na corte antes de se tornar o *Princeps*, não era verdadeiramente um sacerdote, mas que representava esse papel para ganhar legitimidade em seu governo (KEMEZIS, 2016, p.368-375). Discordamos dessa ideia de Kemezis e acreditamos que Heliogábalo era um autêntico sacerdote, e que suas atividades sacerdotais tinham características artísticas tais como a música e a dança.

Do mesmo modo, Kemezis (2016, p.378) acredita que Severo Alexandre apenas assumia um papel de seguidor das tradições romanas e do *mos maiorum* para atender às necessidades estratégicas dos emesianos que teriam ajudado a família de Heliogábalo a conquistar o poder. Assim, cada um dos dois imperadores, Heliogábalo e Severo Alexandre, tinha características diferentes: o primeiro era sacerdote e o outro obedecia ao *mos maiorum*. Assim cada um deles tinha pretextos diferentes para assumir o governo e legitimar seu poder em circunstâncias diferentes. Em outras palavras, Kemezis (2016, p. 378-379) afirma que os emesianos que ajudaram a família de Heliogábalo a assumir o poder depositavam em Severo Alexandre a esperança de substituir seu primo caso fosse necessário, usando a tática de ele ser o restaurador da ordem. Concordamos em parte com esse raciocínio de Kemezis, mas acreditamos que Severo Alexandre era naturalmente inclinado ao *mos maiorum* e não que apenas representava um papel. Em relação a este último ser apreciado estrategicamente para repor o seu primo, acreditamos que não era um plano premeditado, mas que foi uma atitude improvisada elaborada no final do governo de Heliogábalo por Júlia Maesa, e não por outros emesianos. Assim, discordamos da ideia de Kemezis (2016, p.380-382) de que o assassinato de Heliogábalo e Júlia Soemia, pela guarda pretoriana, ocorreu por que eles mudaram seus aliados orientais de última hora, rompendo com Júlia Maesa, Júlia Mamea e Severo Alexandre que teriam permanecido com as mesmas redes de sociabilidades de antes. Pensamos, de outro modo, que a família, qual seja, Heliogábalo, Severo Alexandre, Maesa, Mamea e Soemia, permaneceu com a mesma rede de sociabilidades até o final do governo de Heliogábalo, e apenas quando este estava condenado de um modo ou de outro é que Júlia Maesa decidiu assassinar o primeiro junto com a mãe daquele, Júlia Soemia, a fim de tornar Severo Alexandre imperador e manter o poder em sua família.

Por fim, devido à própria estratégia de Heliogábalo de se apoiar em seus escravos, libertos e artistas, que colocava em cargos administrativos (*Herodiano*, V, 7.7), ele perdeu o apoio militar que inicialmente o havia conduzido ao poder. Sua avó, Júlia Maesa, percebeu que o governo dele não iria perdurar de qualquer modo por muito tempo e ela mesma, juntamente com Júlia Mamea, planejou a substituição de Heliogábalo por seu primo, Severo Alexandre, no governo do Império Romano (*Herodiano*, V, 7.1-8.10)<sup>62</sup> (*Dião Cássio*, LXXX, 17.1-20.2)<sup>63</sup>. Assim, pensamos que desde o início era apenas fictícia a desobediência de Heliogábalo à sua avó Júlia Maesa, e que ela secretamente valorizava as atividades sacerdotais, artísticas, os ritos e as práticas culturais de Emesa, ainda que, por precaução, reprovasse retoricamente esse comportamento, enquanto Heliogábalo governava. Dessa maneira pensamos que Maesa estava fazendo um experimento, no qual tentava implantar as tradições de Emesa no centro de poder do Império Romano através de Heliogábalo, um seguidor das tradições siríacas de Emesa. Ao perceber que o governo de Heliogábalo estava condenado ela decidiu trocá-lo por Severo Alexandre, seu outro neto. Assim, já que o plano original de implantar as práticas culturais de Emesa em Roma havia falhado, Júlia Maesa buscou apenas assegurar que se manteria nos bastidores do poder imperial, promovendo Severo Alexandre ao posto de *Princeps*. Assim, Maesa asseguraria a permanência do poder imperial na sua família.

---

<sup>62</sup> Citação à obra de Herodiano.

<sup>63</sup> Dião Cássio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho demonstramos que desde o século XX alguns autores da historiografia sobre Heliogábalo começaram a duvidar das acusações que Dião Cássio e Herodiano fizeram ao imperador. Podemos atribuir, a essa mudança de tratamento da documentação, uma consequência do desenvolvimento da metodologia do estudo da história.

Usamos, em nosso trabalho, metodologias desenvolvidas nas últimas décadas. Na nossa pesquisa fizemos uma análise interna da documentação, e por meio de tal análise buscamos compreender questões pertinentes às ideias contidas nas estruturas dos discursos, que consistem nas intenções dos autores, como foi observado por Pedro Paulo Funari (2003, p.27-28). Ao desenvolvermos a nossa pesquisa, consideramos que o relato histórico, no século III d.C, era construído pelos grupos aristocráticos que detinham o poder como nos mostra Keith Jenkins (JENKINS, 2007, p. 23-31). Esses grupos, como aponta Roger Chartier (2002, p.13-28), moldam o relato histórico e assim criam representações da realidade.

Embasados nessa metodologia, observamos que Heliogábalo foi criticado por Dião Cássio e Herodiano por motivos políticos e culturais. Dião, pertencente à ordem senatorial, critica Heliogábalo por este ser um artista sírio que não seguia as diretrizes que estruturavam a política segundo a tradição senatorial e que, além disso não soube respeitar essas mesmas tradições. Enquanto isso, Herodiano critica também o imperador, mas de modo mais ameno, já que ele pertencia às aristocracias orientais do Imperio Romano, ainda que tivesse que respeitar o *mos maiorum* ao escrever sua obra. Assim, observamos que nas duas obras Heliogábalo é criticado, mas na obra de Herodiano ele é também elogiado algumas vezes: a isso atribuímos a origem oriental e não europeia de Herodiano. Em contrapartida Dião Cássio elogia Heliogábalo apenas uma única vez (*Dião Cássio*, LXXX, 3.1-3.3), como demonstramos no último capítulo.

Observamos que além de não escolher indivíduos para ocupar os cargos administrativos através da hierarquia do *Cursus Honorum*, Heliogábalo favoreceu os artistas, que eram considerados pessoas de baixa categoria social da porção ocidental do Imperio Romano. Além de implantar esses mesmos artistas em cargos

administrativos, ele invadiu a instancia política do senado romano ao colocar artistas e libertos no governo das províncias consulares (*Herodiano*, V, 7.7)<sup>64</sup>, qual seja, províncias para as quais o senado elegia os governadores. Desse modo o imperador ofendeu profundamente a facção mais conservadora de senadores romanos, e por isso Dião Cássio faz tantas críticas a ele em sua obra. Além disso, também notamos que o próprio Dião não foi promovido durante o governo de Heliogábalo, ou seja, permaneceu como supervisor de finanças, cargo que já ocupava desde que Macrino esteve no poder, e não recebeu *Honores*<sup>65</sup> enquanto Heliogábalo foi imperador.

Acreditamos, ao contrário do que afirmavam Dião Cássio (*Dião Cássio*, LXXX, 14.4) e Herodiano (*Herodiano*, V, 8.1), que Heliogábalo não era tão efeminado quanto eles dizem e, por outro lado, que ele foi um artista sírio que promoveu seus aliados artistas aos cargos de poder. Assim, acreditamos que essas críticas exageradas ao imperador foram distorções das circunstâncias que marcaram o governo de Heliogábalo.

Por fim, observamos que Heliogábalo apenas agiu como um artista sírio porque sua avó, Júlia Maesa, permitiu que ele continuasse a se comportar assim enquanto imperador, fingindo que reprovava suas práticas e sua maneira de se vestir. De outro modo, pela insatisfação de senadores e soldados, Júlia Maesa mudou de estratégia e apoiou o assassinato de Heliogábalo e a tomada de poder pelo seu outro neto, Severo Alexandre (*Herodiano*, V, 7.1-8.10) (*Dião Cássio*, LXXX, 17.1-20.2). A *mutatis mutandis*, qual seja, a mudança de estratégia de Júlia Maesa ao apoiar Severo Alexandre ao poder, é a de que este imperador seguiria o *mos maiorum* e assim a família de Júlia Maesa permaneceria no governo imperial.

---

<sup>64</sup> Herodiano.

<sup>65</sup> Honras, cargos.

## REFERÊNCIAS

### A. FONTES TEXTUAIS

CASSIUS DIO. **Roman History: Books 71-80**. Earnest Cary Massachusetts: Harvard University Press, 1927. Loeb Classical Library No. 177. 9v.

CASSIUS DIO. **Dio's Rome**. Troy New York Pafracts Book Company, 1906, V.6.

ELIO ESPARCIANO; JULIO CAPITOLINO; ELIO LAMPRIDIO; TREBELIO POLION; FLAVIO VOPISCO SIRACUSANO. **Historia Augusta: libro 17**: AKAL CLASICA, 1989.

ERODIANO. **Istoria Dell' Imperio Doppo Marco**. Libri VIII. Dal Greco in Italiano : Recati da Pietro Manzi, 1821, p.172-195.

HERODIANO. **Historia del imperio romano: después de Marco Aurélio**. Juan J. Torres Esbarranch. Madrid, España: Editorial Gredos, 1985.

HERODIAN OF ANTIOCH'S. **History of the roman empire from the death of Marcus Aurelius to the Acession of Gordian III**. C. R. Whittaker California: University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1961.

MARCUS TULLIUS CICERO. **In Pisonem IN The Orations of Marcus Tullius Cicero** : G.Bell e Sons, LTD, 1913, p. 313-390.

ULPIAN. **THE RULES OF**. IN ABDY, J.T; L.L.D; WALKER, BRIAN; M.A; LL.D. **The commentaries of GAIUS and rules of ULPIAN**. Cambridge: at the university press, 1885, p. 369-501.

ULPIANO. **Regras de Ulpiano: Ulpiani Liber Singularis Regularum**. Edição bilingüe: Latim – Português: EDIPRO, 2002.

VLPIANI. **LIBER SINGVLARIS REGVLARVM**. IN PAVLVS KRVEGER THEODORVS MOMMSEN GVILELMVS STVDEMVD. **COLLECTIO LIBRORVM IVRIS ANTEIVSTINIANI**: IN VSVM SCHOLARVM. BEROLINI APVD WEIDMANNOS, 1878.

### B. OBRAS ARTIGOS

A.SOPOCLES, E. **GREEK LEXICON OF THE ROMAN AND BYZANTINE PERIODS: FROM B.C 146 TO A.D 1100**. HARVARD UNIVERSITY PRESS, 1914.

AGUADO GARCIA, Paloma. **Religión y política religiosa del emperador Caracalla**.



2003. 409 f. Tesis Doutoral. Facultad de Geografía e Historia: Universidad Complutense, Espanha, 2003.

ALTHEIM, FRANZ. **A History of Roman Religion** : Methuen e CO. LTD. LONDON, 36 Essex Street, Strand W.C.2. 1938, p. 286-317.

ANDRIKOPOULOS, GEORGIOS. **Magic and the Roman Emperors**. University of Exeter as a thesis/dissertation for the degree of Doctor of Philosophy in Classics, July 2009.

ARENDR, HANNAH. **Entre o Passado e o Futuro** : Perspectiva, 2014, p. 188-220.

ASSMANN, Jan. **Religion and Cultural Memory: Ten Studies**. California: Stanford University Press, 2006.

ASSMANN, Jan. *Communicative and Cultural memory*. In: ERL, Astrid; NÜNNING, Ansgar. **Cultural Memory Studies. An International and Interdisciplinary Handbook**. Berlin/New York: de Gruyter, 2008, p.109-118.

BAEDEKER, KARL. **Palestine and Syria**: Handbook for Travellers. LEIPSIC : KARL BAEDEKER.LONDON: DULAU AND CO. 37. SOHO SQUARE, W. 1876.

BANCALARI MOLINA, ALEJANDRO. **Fabio Píctor: El padre de la historiografía romana. Valorización**. IN **Tempo y Espacio** : Universidad del Bío-Bío, n.5, 2015-07-09, p. 33-46.

BARKER, ANNE. **Speculations on the Death of Roman Theatre** : Published by Digital Commons @ IWU, 1996.

BARNES, Timothy D. Aspects of the Severan Empire, Part I: Severus as a New Augustus. **New England Classical Journal**, v. 35, n. 4, p. 251-267, 2008.

BEARD, Mary; NORTH, John; PRICE, Simon. **Religions of Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BINA, TATIANA. **Os Fana no contexto Galo-romano**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação - USP, 2008.

BIRLEY, Anthony R. **Septimius Severus: The African Emperor**. England: Taylor & Francis e-Library, 2002.

BOUCHIER, Edmund Spenser. **Syria as a Roman Province**. Oxford: Blackwell, Broad Street, 1916.

BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. **The Cambridge Ancient History: The High Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil. (Ed.). **The Crisis of Empire, a.d. 193–337**. The Cambridge Ancient History. Vol. XII. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008.

BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada: Do Império Romano ao ano mil**. Companhia De Bolso, 2009, p. 213-284.

BUNSON, Matthew. **Encyclopedia of the Roman Empire**. Revised edition. New York: Facts on File, 2002.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural. São Leopoldo**: Editora Unisinos, 2003.

C.ECHOLS, EDWARD. **INTRODUCTION** IN OF ANTIOCH'S, HERODIAN. **History of The Roman Empire: From the Death of Marcus Aurelius to the accession of Gordian III**. University of California Press, 1961, p. 1-10.

CANFORA, LUCIANO. **A biblioteca desaparecida**. Companhia das letras, 1989.

CAREY TAYLOR, **DICIONÁRIO DO NOVO TESTAMENTO GREGO**. CASA PUBLICADORA BATISTA, 1965.

CARY, EARNEST. **INTRODUCTION**. IN Dio's Roman History. The Loeb Classical Library, 1914, Vol.1, p. VII-XXVIII.

CARRIÉ, Jean-Michel; ROUSSELLE, Aline. **L'Empire romain en mutation. Des Sévères à Constantin**. France: Éditions du Seuil, 1999.

CARDONA, FRANCESC L. **Mitologia Romana**. Edicomunicación, s.a., 1996.

CARLETTI, AMILCARE. **Dicionário de Latim Forense**. Livraria e Editora Universitária de Direito LTDA, São Paulo, 1993.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002.

CHOMIAK, Amanda. **Eastern Religious Influences In The Imperial Roman Army**. 2004. 169 f. Thesis (Master of Arts) – Alberta, Canada, University of Lethbridge, 2004.

CRAWLEY QUINN, JOSEPHINE. **Roman Africa?**. IN **'Romanization'? Digressus Supplement 1** (2003) p. 7-34.

CUMONT, FRANZ. **The Myteries of Mithra**. THE OPEN COURT PUBLISHING COMPANY, 1903.

DAVENPORT, CAILLAN. **The Provincial Appointments of the Emperor Macrinus IN Antichthon.** 46 (2012) p. 184-203

DE BLOIS, Lukas; FUNKE, Peter; HAHN, Johannes. **The Impact of Imperial Rome on Religions, Ritual and Religious Life in The Roman Empire.** Netherlands: Brill Academic Publishers, 2006.

DEAN INGLIS, James. **Methods of Remembrance:** The Images of Septimius Severus. 2011. 132 f. Thesis (Master of Arts) – University of California, Califórnia, 2011.

DENARD, HUGH. **Lost Theatre and Performance Traditions in Greece and Italy.** IN **The Cambridge Companion to Greek and Roman Theatre.** Cambridge University Press, 2009, p.139-162.

DE JONG, Lidewijde. Narratives of Roman Syria: a historiography of Syria as a province of Rome. **Princeton/Stanford Working Papers in Classics Paper**, n. 070705, 2007.

DIEGO, CARLOS. **Mithra y el Mitraísmo a lo largo de la Historia** IN Orden Sufi Nematollahi. 2007, p. 6-15.

EASTERLING, Pat; HALL, Edith. **Atores gregos e romanos.** São Paulo: Odysseus, 2008.

ESCRIBANO, M. Victoria. Estrategias retóricas y pensamiento político en la Historia Romana de Casio Dión. IN **L'Antiquité Classique**, v. 68, p. 171-189, 1999.

FINLEY, Moses. **Democracia antiga e moderna.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

FOWDEN, Garth. Public Religion. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil. (Ed.). **The Crisis of Empire, a.d. 193–337.** The Cambridge Ancient History. Vol. XII. United Kingdom: Cambridge University Press, 2008, p. 553-572.

FRAZÃO JOSÉ, NATÁLIA. **A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO IMPERADOR AUGUSTO NAS OBRAS DE VELÉIO PATÉRCULO, PLUTARCO E SUETÔNIO.** Dissertação defendida no Programa de Pós Graduação em História da Faculdade Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2011.

FRIZELL, Barbro Santillo (Ed.). PECUS. Man and animal in antiquity. Proceedings of the conference at the Swedish Institute in Rome, September 9-12, 2002. (The



Swedish Institute in Rome. Projects and Seminars, 1), Rome 2004, p.108-111.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Antiguidade Clássica: história e a cultura a partir dos documentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

GARSTANG, JOHN. **The Syrian Goddess**. Constable e Company LTD, 1913.

G.SCOTT, ANDREW. **The legitimization of Elagabalus and Cassius Dio's Account of the Reign of Macrinus** IN Journal of Ancient History. De Gruyter, p. 242 e 253.

GIBBON, EDWARD. **The History of the Decline and Fall of the Roman Empire**. The library of Congress, 1885, p. 144-146.

GIBBON, EDWARD. **Autobiography of Edward Gibbon: as originally edited by Lord Sheffield**. Oxford University Press, 1923.

GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael; SANCHO GÓMES, Miguel. Pautas Para el Estudio de la Relación Emperadores - Senado (197-251). Espacio y tiempo en la percepción de la Antigüedad Tardía. **Antig. Crist. (Murcia)**, v. XXIII, p. 57-77, 2006.

GREEN, PETER. **Alexandre, o Grande: e o período helenístico**. Objetiva, 2007.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.

HAMMOND, Mason. Septimius Severus, Roman Bureaucrat. **Harvard Studies in Classical Philology**, v. 51, p. 137-173, 1940.

HARRINGTON, D. Dio Cassius as a Military Historian. **Acta Classica**, v. 20, p. 159-166, 1977.

HAY, John Stuart. **The Amazing Emperor Heliogabalus**. London: Macmillan and co, Limited ST Martin Street, 1911.

HAYWOOD, Richard M. **The African Policy of Septimius Severus**. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 71, p. 175-185, 1940.

HESK, JON. **The socio-political dimension of ancient tragedy** IN **The Cambridge Companion to Greek and Roman Theatre**. Cambridge University Press, 2009, p.72-91.

HILÁRIO QUEVEDO, CARLA. **As mulheres que fizeram Roma: 14 histórias de poder e violência**. A Esfera dos Livros, 2015, p.179-192.

HÖLKESKAMP, Karl-J. What's in a Text? Reconstructing the Roman Republic –

Approaches and aims once again. **Bulletin of the Institute of Classical Studies**, v. 54, n. 2, p. 115-124, 2011.

HUBBARD, Thomas K. **Homosexuality in Greece and Rome: A Sourcebook of Basic Documents**. California: University of California Press, 2003.

ICKS, Martijn. **Empire of the sun? Civic responses to the rise and fall of the sol Elagabal in the roman empire**. In: HEKSTER, Oliver; SCHMIDT-HOFNER, Sebastian; WITSCHERL, Christian. **Impact of Empire: Ritual Dynamics and Religious Change in the Roman Empire**. Netherlands: Brill Academic Publishers, 2007, p. 111-120.

INDGJERD, HALLVARD. **THE GRAVE GOODS OF ROMAN HIERAPOLIS: AN ANALYSIS OF THE FINDS FROM FOUR MULTIPLE BURIAL TOMBS**. Department of Archaeology, Conservation and History University of Oslo, 2014.

JAEGER, WERNER. **PAIDEIA: A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO**. MARTINS FONTES, 1995, p.1-20.

J.A TALBERT, RICHARD. **The senate of Imperial Rome**. Princenton university press, 1984, p. 3-112.

J. BOYES, PHILIP. **The King of the Sidonians”**: Phoenician Ideologies and the Myth of the Kingdom of Tyre-Sidon IN *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* No. 365 (February 2012), pp. 33-44.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

JOHANSSON, BRITTA SIGNE. **Boys will be Boys: The Portrayal of Youthful Emperors in Roman Imperial Histories and Biographies**. The University of Queensland in 2016, p. 28-37.

JONES, Arnold Hugh Martin. **Cities of the Eastern Roman Provinces**. United Kingdom: Oxford University Press, 1998.

KEMEZIS, ADAM. **The Fall of Elagabalus as Literary Narrative and Political Reality** in *HISTORIA*. Franz Steiner Verlag, n65, 03/2016, p. 348-390.

KLOEG, PAUL. **Antioch the Great: population and economy of second-century Antioch**. MA Ancient History: Leiden University. 2013, p.3-8.

KRAIG SHAW, MATTHEW; B.A(Hons); M.Teach. **Imperial legitimacy in the Roman Empire of the Third Century: AD 193 – 337**: University of Tasmania, July 2010.

KROPP, ANDREAS. **EARRINGS, NEFESH AND OPUS RETICULATUM: SELF-REPRESENTATION OF THE ROYAL HOUSE OF EMESA IN FIRST CENTURY**

AD. IN KAIZER, TED; FACELLA, MARGHERITA. **KINGDOMS AND PRINCIPALITIES IN THE ROMAN NEAR EAST**: Franz Steiner Verlag Stuttgart, 2010, p.199-216.

KUSZTAL, ZOFIA. **Emesa. Historia miasta od momentu jego powstania (I w. p.n.e./I w. n.e.), aż do początku VII w. n.e.** Praca doktorska napisana pod kierunkiem prof. W. Kaczanowicza. Katowice 2014.

LABABEDI, ZARA. **The Urban Development of Damascus: A study of its past, present and future**. Being a Dissertation submitted to the Faculty of The Built Environment as part of the requirements for the award of the MSc in European Property Development and Planning at University College London, 2008, p.7-10.

LANGLANDS, Rebecca. **Sexual Morality in Ancient Rome**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2009.

LEMOS, Márcia Santos. O 'mos maiorum' e a fortuna do Império Romano no século IV d.C. **Dimensões**, v. 25, p. 46-62, 2010.

LEVICK, Barbara. **Julia Domna: Syrian Empress**. United Kingdom: Routledge, 2007.

LINTOTT, Andrew. **Imperium Romanum: Politics and Administration**. United Kingdom: Routledge, 1993.

MACDONALD, Marianne; WALTON, J .Michael. **The Cambridge Companion to Greek and Roman Theatre**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2007.

MAJBOM MADSEN, JESPER. **Provincial population and Roman identity in Bithynia et Pontus**. The Danish National Research Foundations Centre for Black Sea Studies; Building 328: University of Aarhus; 8000 Aarhus C; Denmark, 2005.

MANDERS, Erika; HEKSTER, Olivier. **Identities of emperor and empire in the third century AD**. Netherlands: Radboud Universiteit Nijmegen, 2009.

MARTINO, Luis Marcelo. Reescribiendo la moral de los ancestros. Las costumbres ¿intachables? de los *maiores* en Tito Livio. **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, v. 12, p. 49-69, 2009.

MARQUES GONÇALVES, Ana Teresa. **A noção de propaganda e sua aplicação nos estudos clássicos: O caso dos imperadores romanos Septímio Severo e Caracala**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

MENNEN, Inge. **Power and Status in the Roman Empire a.d 193-284**. Netherlands: Brill Academic Publishers, 2011.



MILLAR, FERGUS. **A study of Cassius Dio**. Oxford At: The Clarendon Press, 1964.

MISIC, BLANKA. **CULTS AND RELIGIOUS INTEGRATION IN THE ROMAN CITIES OF THE DRAVA VALLEY (SOUTHERN PANNONIA)**: DEPARTMENT OF CLASSICS AND PHILOSOPHY, JANUARY 2013.

MITCHELL, Jillian. The Transformation of Christianity from a Cult of *superstitio* to the only *religio* era During the Fourth Century: **Rosetta**, v. 15, n. 5, p. 40-52, 2014.

NIEBUHR, BARTHOLD GEORG. **Römifche Gefchichte**: Drud und Verlag von Friedrich Mauke, 1845, V.5, p. 365-366.

MOREIRA ALVES, JOSÉ CARLOS. **Direito Romano**: vol.1. 13ª Edição: Editora Forense, 2000.

MÜLLER, W.MAX. **Egyptian Mythology**. IN THE MYTHOLOGY OF ALL RACES: IN THIRTEEN VOLUMES: Marshall Jones Company, Boston, 1918, VOLUME XII, p.68-121.

ORLIN, ERIC. **Foreign Cults in Rome: Creating a Roman Empire**. United Kingdom: Oxford University Press, 2010.

OSGOOD, JOSIAH. **Cassius Dio's Secret History of Elagabalus**. IN Hjort Lange, Carsten; Majbom Madsen, Jesper. **Historiography of Rome and Its Empire**: BRILL, 2016, Volume 1, p.177-190.

OSOWSKI, MARYBETH. **Fashioning Identity: Clothing and the Image of the Syrian in the Roman Empire**: Dalhousie University, August, 2016.

PIÑA POLO, Francisco. Mos Maiorum como instrumento de control social de nobilitas romana. **Revista digital de la escuela de historia**, año 3, n° 4, p 53-77, 2011.

PLÁCIDO SUÁREZ, DOMINGO. **INTRODUCCIÓN GENERAL IN DION CASIO. Historia Romana**: Editorial Gredos, Madrid, 2004, p.7-156.

POLLARD, NIGEL. **Soldiers, Cities, and Civilians in Roman Syria**: University of Michigan, 2000.

PRUSAC, MARINA. **Hybrid Deities in South Dalmatia** IN **Bollettino di Archeologia on line**. Volume speciale C / C11 / 2 Reg: Tribunale Roma 05.08.2010 n. 330 ISSN 2039 - 0076, 2010, p.2-13.

REHM, RUSH. **Festivals and audiences in Athens and Rome** IN **The Cambridge Companion to Greek and Roman Theatre**: Cambridge University Press, 2009, p. 184-201.

REVELL, Louise. **Roman imperialism and local identities**: Cambridge University Press, 2009.

ROSTOVTZEFF, MIKHAIL. **História de Roma**: Zahar, 1983, p.255-256.

ROWAN, CLARE. **RETHINKING RELIGION IN HERODIAN** IN **Jounal Ancient History**: resources for theachers: Macquarie Ancient History Association, Macquarie University, NSW, Australia, 2007, p. 163-176.

RÜPKE, Jörg. **The Blackwell Companion to Roman Religion**. United States: Blackwell Publishing, 2007.

SARTRE, Maurice. *Syria and Arabia*. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; RATHBONE, Dominic. **The Cambridge Ancient History: The High Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 634-663.

SHAW, Matthew Kraig. **Imperial Legitimacy in the Roman Empire of the Third Century: AD 193 – 337**. 2010, Master thesis: University of Tasmania, 2010.

SOLMSEN, Friedrich. Cicero on Religio and Superstitio. **The Classical Weekly**, v. 37, n. 14, p. 159-160, 1944.

SOMMER, Michael. *Glocalising an empire: Rome in the 3rd century ad*. DE ANGELIS, Franco. **Regionalism and Globalism In Antiquity: Exploring Their Limits**. Leuven: Peeters, 2013, p. 341-349.

SOUTHERN, Pat. **The Roman Empire from Severus to Constantine**. United Kingdom: Routledge, 2001.

STOCK, Shauna Elizabeth. **Roman Theatre Buildings in the Near East: A Nonverbal Communication Approach to Function**. 2003. 168 f. Thesis (Master of Arts) : University of Saskatchewan, Saskatoon, 2003.

TORRES ESBARRANCH, Juan J. **INTRODUCCIÓN**. In: HERODIANO. **Historia del imperio romano: después de Marco Aurélio**: Editorial Gredos S.A, Madrid, 1985, p. 7-84.

V.PITCHER, L. **Herodian** IN J.F. DE JONG, IRENE. **Space in Ancient Greek Literature: Studies in Ancient Greek Narrative, Volume Three**: Koninklijke Brill NV, 2012, p. 269-282.

VÁRHELYI, Zsuzsanna. **The Religion of Senators in the Roman Empire Power and the Beyond**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. De Religio a Superstitio: Condescendência Divina e Poder Imperial no Tardo Império: **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano V, n. 13, 2012.

VEYNE, PAUL. **L'impero Greco-Romano**: BUR rizzoli, 2010, p. 10-67; p.141-327.

VIEIRA DA SILVA, LUÍS ANTÔNIO. **História interna do Direito Romano Privado até Justiniano**: Edições do Senado Federal, 2008.

VOEGELIN, ERIC. **Helenismo, Roma e o Cristianismo Primitivo**: História das ideias políticas - Volume 1: É Realizações Editora, 2012, p. 7-67; 245-254.

WEBSTER, Jane. Creolizing the Roman Provinces. **American Journal of Archaeology**, v. 105, n. 2, p. 209-225, 2001.

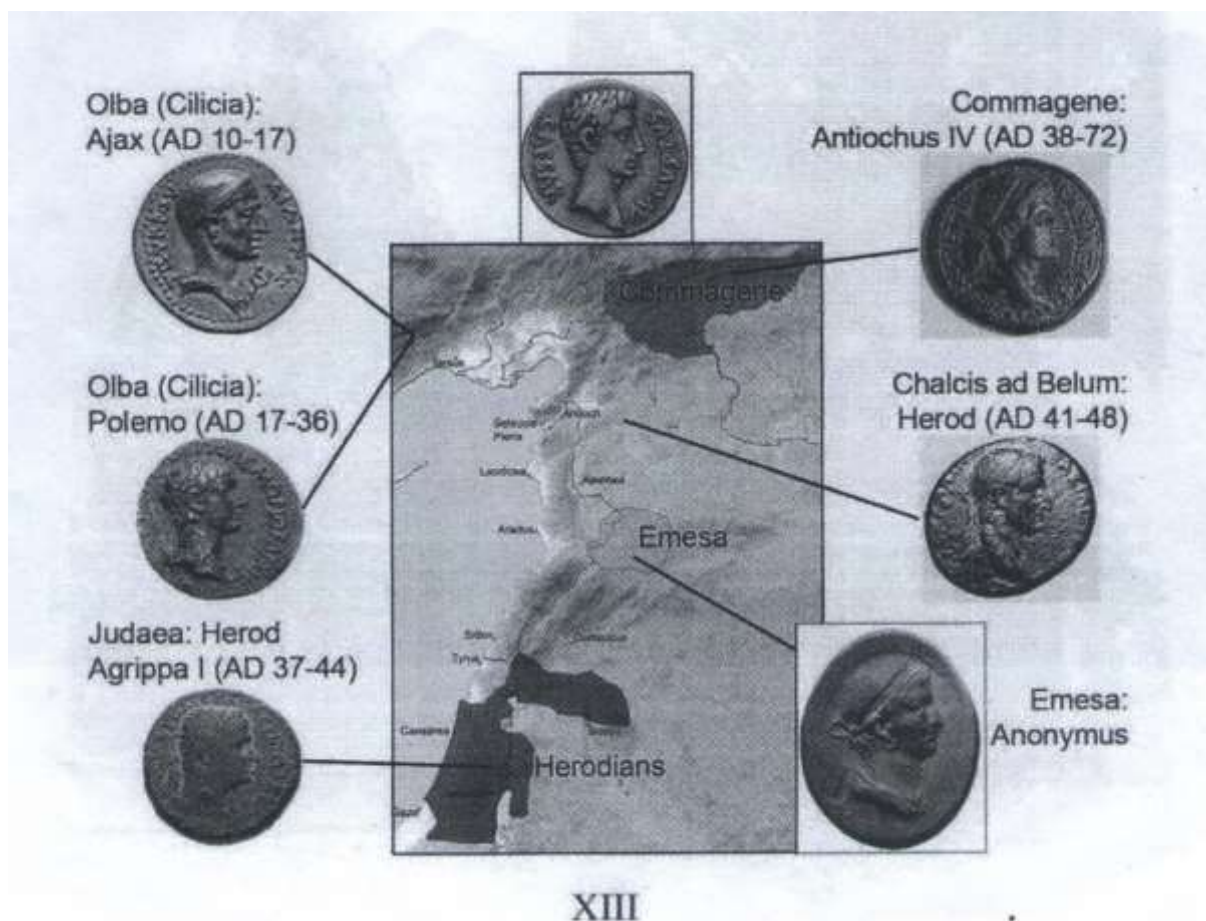
WINCKELMANN, JOHANN JOACHIM. **Historia del Arte en la Antigüedad** : Aguilar, 1955, p. 1063-1065.

WINTERLING, ALOYS. **Caligula: A Biography** : University of California Press, 2015.



# ANEXOS

## ANEXO I



Efígies de governantes orientais.

## FONTE:

KROPP, ANDREAS. **EARRINGS, NEFESH AND OPUS RETICULATUM: SELF-REPRESENTATION OF THE ROYAL HOUSE OF EMESA IN FIRST CENTURY AD.** IN KAIZER, TED; FACELLA, MARGHERITA. **KINGDOMS AND PRINCIPALITIES IN THE ROMAN NEAR EAST:** Franz Steiner Verlag Stuttgart, 2010, p. 447.

**ANEXO II**

Ruínas do templo de Baalshamin, na Palmira.

Fonte:

**Description:** Palmyra's ancient temple of Baalshamin, Syria

**Copyright:** © Bernard Gagnon

**Permanent URL:** [whc.unesco.org/en/documents/137815](http://whc.unesco.org/en/documents/137815)